

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
SOCIAIS E DA NATUREZA**

**ANDRÉA CRISTINA DA SILVA**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS  
CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

**LONDRINA  
2023**

**ANDRÉA CRISTINA DA SILVA**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS  
CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

**EXPANDED DIDACTIC SEQUENCE: A PATH PUNCTUATED BY LYGIA  
FAGUNDES TELLES'**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Ensino, Ciências e Novas Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon.

**LONDRINA**

**2023**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

30/12/23, 10:25 -



**Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Campus Londrina**



ANDREA CRISTINA DA SILVA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS CONTOS DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 08 de Dezembro de 2023

Mauricio Cesar Menon, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Marilu Martens Oliveira, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Suely Leite, Doutorado - Universidade Estadual de Londrina (Uel)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 08/12/2023.

Dedico a todos professores que acreditam  
que a leitura literária transforma histórias,  
transforma vidas

## **AGRADECIMENTOS**

### **É tempo de agradecer ...**

E de reconhecer que neste longo e, muitas vezes, solitário processo de leitura, reflexão e escrita da dissertação não estive sozinha, fui acompanhada pela presença significativa de pessoas que colaboraram para que eu chegasse até esse momento tão esperado, trilhado por desafios e muita aprendizagem.

### **Minha eterna gratidão ...**

A Deus, minha fonte de sabedoria e inspiração. A Maria, minha mãe do céu que sempre passou à frente e intercedeu por mim e por esse trabalho. E ao Espírito Santo, meu parceiro permanente.

À minha família, esteio e aconchego em todas as horas. De maneira mais que especial, agradeço a minha mãe, Adelina Sposito da Silva, exemplo de fé e perseverança, sempre com palavras incentivadoras, fez-me acreditar que daria certo. Sustentou-me com suas orações e presença materna.

Ao meu orientador, Professor Dr. Maurício Cesar Menon, por ter me dado a oportunidade de ser sua aluna, um privilégio! Com suas palavras calmas e precisas me ensinou a transformar o meu entusiasmo literário em um trabalho concreto, que aos poucos foi sendo construído, tendo como alicerce suas preciosas orientações, essenciais correções e infindáveis conhecimentos. Com sua solicitude diária, trouxe-me leveza e segurança, obrigada por todo sempre!

Às professoras, Marilu Martens Oliveira (UTFPR) e Suely Leite (UEL), convidadas a comporem minha banca examinadora, agradeço pela atenção e carinho com que dedicaram tempo à leitura da minha dissertação. Foram apontamentos e sugestões valiosas, contribuindo para um lapidar textual enriquecedor.

Aos meus trinta e sete alunos pertencentes ao oitavo B, turma de 2022, do Colégio Cívico Militar Monsenhor Josemaria Escrivá, minha gratidão e orgulho por terem aceitado participar desse projeto. O comprometimento de vocês foi fundamental para o desenvolvimento de cada etapa. Aproveito o ensejo para agradecer imensamente a minha diretora Silmara Naves Dias e toda equipe pedagógica por ter autorizado a implementação do Produto Educacional e por todo apoio dado nessa trajetória escolar.

Aos meus amigos e parceiros Cristiane Severino da Silva, Daiane Martins e Matheus Ribeiro Vitor, sem palavras para agradecê-los! Vocês foram veredas ao longo desse estudo. Saber que vocês estavam por perto fez toda diferença!

A todos aqueles que em algum momento me acompanharam e se fizeram presentes por meio de gestos, palavras e orações ...

Com carinho,  
Andréa Cristina da Silva

No fundo, a literatura é uma forma de amor.  
(Lygia Fagundes Telles, 1998)

SILVA, Andréa Cristina da. **Sequência didática expandida**: um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles. 150 folhas. Dissertação de Mestrado - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2023.

## RESUMO

Ao refletir sobre o ensino de literatura e as práticas de leituras literárias, é possível levantar algumas questões: existem ainda cenários permeados por metodologias mecânicas e poucos produtores? Tais metodologias são pautadas em cronologia literária, contextos históricos e biografias de autores? Os alunos envolvidos por essas metodologias ficam impossibilitados de conhecer o verdadeiro sentido que a literatura traz em sua essência? Formam-se cidadãos críticos, sociais e mais humanos por meio da literatura? As leituras literárias têm se tornado cada dia mais desafiadoras, pois são vistas pelos aprendizes como atividades enfadonhas e desnecessárias por também, muitas vezes, serem cobradas de forma engessadas e descontextualizadas da realidade dos estudantes. Em vista disso, o objetivo deste estudo é apresentar uma proposta de trabalho que demonstre ser possível promover o estímulo e o prazer de se ler os textos literários quando se elaboram estratégias dinâmicas e criativas, desenvolvendo o protagonismo dos educandos e uma aprendizagem colaborativa. Desse modo, a escolha de seis contos de Lygia Fagundes Telles foram fundamentais para que a proposta fosse exitosa, visto que seus enredos atraíram a atenção dos educandos, instigando para uma participação ativa e significativa. Este trabalho está dividido em três partes, sendo que o primeiro capítulo abordou a importância do ensino de literatura, destacando em seus dois subcapítulos a leitura literária e os desafios do professor para trabalhá-la em tempos em que a tecnologia impera na sociedade e adentra o ambiente escolar. Como embasamento teórico, adotaram-se, em especial, as contribuições dos autores Regina Zilberman e Antonio Cândido. O segundo capítulo versou sobre Lygia Fagundes Telles e seu infindável legado deixado para a literatura, evidenciando também nos dois subcapítulos o conto enquanto gênero e os contos lygianos. Fundamentaram principalmente esses estudos, as autoras Nelly Novaes Coelho e Vera Maria Tietzmann. O terceiro capítulo discorreu sobre a aplicação e análise da Sequência Didática e buscou-se, especialmente, as orientações do autor Rildo Cosson, o qual apresenta duas propostas de sequências didáticas: básica e expandida. Além disso, estudaram-se os documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Destacam-se também na perspectiva das metodologias ativas, José Moran e do multiletramento, Roxane Rojo. Em anexo, foi apresentado o Produto Educacional, um material agregador às práticas de leituras literárias em sala de aula, em uma perspectiva motivadora e participativa, promovendo assim o letramento literário individual e coletivo. Informa-se que a metodologia adotada foi a de pesquisa-ação, de caráter bibliográfico e qualitativo, resultando na elaboração de um Produto Educacional desenvolvido – ao longo do mestrado em Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN, da UTFPR, multicampi Londrina e Cornélio Procópio, e aplicado em estágio realizado em um colégio pertencente à rede pública, com uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, entre os meses de maio e agosto do ano de 2022, no período matutino. Por fim, espera-se compartilhar e contribuir com uma experiência que renovou e amadureceu a forma de



trabalhar da pesquisadora com leituras literárias, partindo, sobretudo, de um percurso trilhado por uma ação dialógica e interativa entre o docente e os alunos.

Palavras-chave: literatura; contos de Lygia Fagundes Telles; fruição da leitura literária; sequência didática.

SILVA. Andréa Cristina da. **Expanded didactic sequence: a path punctuated by Lygia Fagundes Telles' tales.** 150 sheets. Master's Dissertation - Professional Master's Program in Teaching of Human, Social and Natural Sciences at the Universidade Tecnológica Federal of Paraná. Londrina, 2023.

## ABSTRACT

When reflecting on the teaching of literature and literary reading practices, it is possible to raise some questions: are there still scenarios permeated by mechanical and unproductive methodologies? Are these methodologies based on literary chronology, historical contexts and author biographies? Are the students involved in these methodologies prevented from getting to know the true meaning of literature? Are critical, social and more humane citizens formed through literature? Literary readings have become more challenging every day, because they are seen by students as boring and unnecessary activities that are also often charged in a rigid form and out of context of the students' reality. Therefore, the objective of this study is to present a work proposal that demonstrates the possibility to promote the encouragement and pleasure of reading literary texts when dynamic and creative strategies are elaborated, developing the protagonism of the students and a collaborative learning. Hence, the choice of six tales by Lygia Fagundes Telles were fundamental for the proposal to be successful, since their storylines attracted the students' attention, encouraging an active and meaningful participation. This work is divided into three parts. The first chapter dealt the importance of teaching literature, highlighting in its two subchapters literary reading and the teacher's challenges to work on it in times when technology prevails in society and enters the school environment. As a theoretical foundation, the contributions of Regina Zilberman and Antonio Cândido were adopted. The second chapter was about with Lygia Fagundes Telles and her endless legacy left to literature, also showing in the two subchapters the tales as a genre and the Lygian tales. These studies were mainly based on authors Nelly Novaes Coelho and Vera Maria Tietzmann. The third chapter discussed the application and analysis of the Didactic Sequence and based especially on the guidelines of the author Rildo Cosson, who presents two proposals for didactic sequences: basic and expanded. In addition, we studied the official documents such as the Common National Curricular Base (BNCC). From the perspective of active methodologies, José Moran and multilingualism, Roxane Rojo. Attached is the Educational Product, a material that adds to literary reading practices in the classroom, from a motivating and participatory perspective, thus promoting individual and collective literary literacy. We would like to inform you that the methodology adopted was that of action research, of a bibliographic and qualitative nature, resulting in the elaboration of an Educational Product developed during the master's degree in Human, Social and Nature Sciences - PPGEN - at UTFPR, multicampi Londrina and Cornélio Procópio, and applied in an internship carried out in a school belonging to the public network, with an eighth grade middle school class, between the months of May and August 2022, in the morning. Lastly, it is hoped to share and contribute to an experience that has renewed and matured the way we work with literary readings, starting, above all, from a path followed by a dialogic and interactive action between the teacher and the students.

Key- words: literature; tales by Lygia Fagundes Telles; literary reading; didactic sequence.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Lygia Fagundes Telles.....</b>	<b>46</b>
<b>Figura 2 – Livro Ciranda de Pedra .....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 3 – Cena de Capitu.....</b>	<b>52</b>
<b>Figura 4 – Reprodução dos contos de fadas e maravilhosos.....</b>	<b>78</b>
<b>Figura 5 – Lygia Fagundes Telles .....</b>	<b>82</b>
<b>Figura 6 – Frases de Lygia Fagundes Telles .....</b>	<b>82</b>
<b>Figura 7 – Obras de Lygia Fagundes Telles .....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 8 – Reprodução do livro História de Mistério .....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 9 – Medos dos alunos .....</b>	<b>87</b>
<b>Figura 10 – Metamorfose da lagarta .....</b>	<b>87</b>
<b>Figura 11 – Sonhos e esperanças dos alunos para um país melhor.....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 12 – Painel Travessia .....</b>	<b>97</b>
<b>Figura 13 – Resumo dos contos de Lygia Fagundes Telles.....</b>	<b>104</b>
<b>Figura 14 – Casal Mitológico .....</b>	<b>108</b>
<b>Figura 15 – Casal Mitológico .....</b>	<b>108</b>
<b>Figura 16 – Perguntas sobre o livro Coraline .....</b>	<b>111</b>
<b>Figura 17 – Respostas sobre o livro Coraline .....</b>	<b>111</b>
<b>Figura 18 – Protagonistas dos contos de Lygia Fagundes Telles .....</b>	<b>113</b>
<b>Figura 19 – Livro Digital Book Creator .....</b>	<b>115</b>
<b>Figura 20 – Livro Digital Book Creator .....</b>	<b>115</b>
<b>Figura 21 – Livro Digital Book Creator .....</b>	<b>115</b>
<b>Gráfico 1 – Características dos contos de Lygia Fagundes Telles .....</b>	<b>126</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Semana I .....</b>	<b>76</b>
<b>Quadro 2 – Semana II .....</b>	<b>80</b>
<b>Quadro 3 – Semana III .....</b>	<b>84</b>
<b>Quadro 4 – Semana IV .....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 5 – Semana V .....</b>	<b>92</b>
<b>Quadro 6 – Semana IV .....</b>	<b>95</b>
<b>Quadro 7 – Suposições sobre a morte do personagem Ed .....</b>	<b>97</b>
<b>Quadro 8 – Semana VII .....</b>	<b>99</b>
<b>Quadro 9 – Semana VIII .....</b>	<b>102</b>
<b>Quadro 10 – Semana IX .....</b>	<b>106</b>
<b>Quadro 11 – Semana X .....</b>	<b>110</b>
<b>Quadro 12 – Semana XI .....</b>	<b>112</b>
<b>Quadro 13 – Semana XII .....</b>	<b>117</b>
<b>Quadro 14 – Questões sobre a Implementação do Produto Educacional .....</b>	<b>119</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

OBMEP – Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

PPGEN – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: O ENCONTRO COM A LEITURA LITERÁRIA: MOMENTOS ENTRELAÇADOS POR DESCOBERTAS E REFLEXÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>2 LITERATURA: UM TRAJETO PERMEADO POR CONCEITOS E ABORDAGENS DA PRÁTICA LITERÁRIA NO ESPAÇO ESCOLAR .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Leitura Literária: caminhos que precisam ser aplainados e experienciados .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Professor e seus desafios: sugestões para mediar o encontro entre a leitura literária e o aluno.....</b>	<b>42</b>
<b>3 LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA TRAJETÓRIA LITERÁRIA INTERMINÁVEL.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 Contos: como começaram a contá-los?.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 Memórias Ativas: os contos de Lygia Fagundes Telles – um olhar para as narrativas plurais da contista.....</b>	<b>61</b>
<b>4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....</b>	<b>72</b>
<b>4.1 Planos de Aula.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2 Análise e discussão.....</b>	<b>123</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>150</b>

## **1 INTRODUÇÃO: O ENCONTRO COM A LEITURA LITERÁRIA: MOMENTOS ENTRELAÇADOS POR DESCOBERTAS E REFLEXÕES**

Logo que adentrei à sala de aula, no ano de 2006, e comecei a lecionar o componente curricular Língua Portuguesa, percebi que a leitura seria uma das minhas prioridades na prática pedagógica, pois sempre acreditei que ela é uma das responsáveis por promover o prazer literário, além de contribuir para a formação cognitiva, social e afetiva dos alunos a partir do momento em que se tornam leitores-fruidores, ou seja, capazes de sentir prazer pela leitura e ao mesmo tempo exercerem a criticidade diante do que foi lido.

No decorrer da minha trajetória docente, foi possível observar que o aprendizado diário é necessário, pois devemos sempre estar abertos às novas formas de ensinar, com o olhar atento às mudanças que contribuem para uma aprendizagem significativa. Transformações aconteceram no mundo literário e, conseqüentemente, na maneira de o docente explorar as leituras e de o aluno recepcioná-las em sua vivência escolar.

Assim sendo, adentrando o universo da sala de aula, importa salientar a importância das leituras individuais ou coletivas, com os textos lidos silenciosamente ou de forma oralizada, práticas que são bem-vindas, mas quando realmente há a intencionalidade de levar o aluno a experienciar de fato a fruição do livro, caso contrário, somente faz com que o educando perca o entusiasmo por continuar a ler.

Empobrece-se mais ainda quando as leituras são apoiadas nos fragmentos dos livros didáticos ou em cópias xerocadas, muitas vezes tendo como pretexto: trabalhar a gramática e realizar tarefas como resumos ou preenchimentos de fichas de leituras. Atualmente, essas atividades tradicionais, ainda que sejam aplicadas, já não estimulam mais os alunos e somente colaboram para reforçar o desinteresse e limitar o aprendizado da turma.

A fim de tornar a leitura mais atrativa e consonante com as esferas sociais dos aprendizes, os gêneros textuais, a partir dos meados de 1990, passam a ser sugeridos como objetos de ensino pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Articulados com a produção escrita e análise linguística, os gêneros textuais permitem trabalhar as tipologias com enredos que são encontrados na realidade do educando, como por exemplo, na esfera literária, o conto, a crônica literária, a resenha crítica, o poema, a fábula, o caso, a canção, entre tantos de outros agrupamentos.



Ademais, a leitura embasada nessa perspectiva se sobrepõe àquela superficial e engessada, visto que instiga o leitor a desvendar os enunciados e compartilhá-los entre seus pares, de forma criativa e autêntica, indo além das habilidades mecânicas de decodificação.

Ao contemplar um cenário mais contemporâneo, é evidente a permanência e a valorização dos gêneros textuais no espaço escolar, todavia, sob as orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), eles acompanharam as transformações tecnológicas digitais de informação e comunicação (TDIC).

Atualmente, é comum presenciar a utilização dos gêneros multissemióticos e multimidiáticos desenvolvendo as competências e habilidades de leitura de cada educando. Para tanto, como o próprio documento adverte:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, **crônica, conto**, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais (BRASIL, 2018, p. 71; grifo nosso).

Complementam-se a essa ideia os dizeres de Ivana Martins (2006, p. 97) ao pensar como a escola deve estar preparada para as novidades que surgem de tempos em tempos, acompanhando a evolução da sociedade, pois, de acordo com a autora:

Parece-nos que a escola, de modo geral, ainda precisa desenvolver estratégias diversificadas, visando à formação desse leitor navegador como aquele capaz de ultrapassar a superficialidade da leitura como mera decodificação e atingir a leitura do não dito, das entrelinhas, enfim a leitura crítica atrelada à transformação social. Portanto, cabe à escola abordar esses novos textos (textos eletrônicos), que subvertem os paradigmas na interação autor-texto-leitor (MARTINS, 2006, p. 97).

Por fim, e não menos importante, as metodologias ativas também são sinônimos de um ensino inovador, representando uma significativa mudança de paradigma no processo educativo, já que colocam o aprendiz no centro da aprendizagem, ocupando o papel de protagonista, e o professor como mediador desse processo.

As estratégias selecionadas para trabalhar, de modo particular com as leituras literárias, permitem ao educando contextualizar com suas próprias práticas sociais, de forma colaborativa e questionadora, resultando em experiências mais profundas e significativas. As metodologias ativas de aprendizagem propiciam:

desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal; visão transdisciplinar do conhecimento; visão empreendedora; o protagonismo do aluno, colocando-o como sujeito da aprendizagem; o

desenvolvimento de nova postura do professor, agora como facilitador, mediador; a geração de ideias e de conhecimento e a reflexão, em vez de memorização e reprodução de conhecimento (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 46)

As leituras literárias por essas veredas aqui mencionadas, quando bem planejadas, ajudam a promover o letramento literário, cerne do estudo em questão, haja vista que estreitam as relações entre o estudante e o próprio texto lido, incitam o leitor a adentrar nas entrelinhas da obra e o coparticipar da história de forma crítica e reflexiva, embrenhando-se nas múltiplas dimensões do texto. Tais experiências não são vivenciadas isoladamente e sim compartilhadas, em uma experiência socializadora.

A intenção de apresentar essas iniciativas, ocorridas nas práticas de leituras na minha caminhada pedagógica, é, sobretudo, para mostrar que, independentemente das propostas que são implementadas no ambiente escolar, as quais são inevitáveis, todas requerem uma postura receptiva do educador às inovações diárias e para os desafios em aprendê-las, pois se entende que a escola é responsável por buscar caminhos e estratégias, sanando possíveis lacunas e dificuldades.

Em harmonia com tal concepção, Rildo Cosson (2020, p. 36) defende que “uma das principais funções da escola é, justamente, constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura”. Por isso, concebe-se a necessidade de o docente ser participativo em relações às formações continuadas e às trocas de experiências entre seus pares, para que possa nortear as atividades didáticos-pedagógicos, pois sem observar a complexidade e a exigência que é trabalhar com a leitura, não será possível “promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos” (SOLÉ, 1998, p. 17).

Entende-se que o educador, imbuído dos conhecimentos teóricos e práticos, terá uma didática segura e respaldada, promovendo um ensino concreto e pleno de descobertas construtivas.

Frente às explanações discorridas, o presente estudo é fruto dessas observações feitas sobre as minhas práticas de leituras desenvolvidas na sala de aula e dos olhares para outras ações realizadas, todas elas conscientes dos problemas e obstáculos em torná-las produtoras e efetivas, de modo a romper com o estigma cristalizado de que os alunos “não são leitores” ou “não gostam de ler”. Entretanto,

ao contrário dessa realidade, podem ser tornar leitores assíduos, críticos e cientes da importância da leitura na sua formação, enquanto sujeitos mais humanos, esclarecidos e agentes na sociedade. Nesse sentido, entendo que o letramento literário pode tornar mais amplo o ensino de literatura e leitura literária, cumprindo papel indispensável na formação de alunos/leitores, levando-os a compreender a literatura como sendo parte do mundo que os cerca.

Isso se tornou o embasamento na construção e desenvolvimento deste trabalho, até porque é urgente que a escola se adapte às exigências de uma sociedade moderna e tecnológica e busque conceber a literatura em sua dimensão social e humanizadora, não mais estanque e limitada apenas “às análises tradicionais que desmotivam a leitura por prazer e enfatizam a leitura como uma forma de obrigação, sempre atrelada aos exercícios escolares” (MARTINS, 2006, p. 101).

Reforça-se ainda que o letramento tem sido abordado, sobretudo por Rildo Cosson (2020) em sua obra **Letramento literário: teoria e prática**, mediante as sequências básica e expandida. Sua finalidade é transformar o cenário educacional no que se refere ao papel da leitura literária no ambiente escolar, pois há urgência de trazer para o espaço escolar “possibilidades de organização e estratégias a serem usadas nas aulas de literatura na educação básica” (COSSON, 2020, p. 48). Entretanto, é importante esclarecer a diferença entre a sequência básica e expandida propostas pelo autor.

A sequência básica é apresentada por Cosson com quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A expandida tem as mesmas etapas que a básica, todavia, na expandida há dois momentos de interpretação, além da expansão e avaliação. À vista disso, houve a escolha, para a realização do produto educacional aqui proposto, pela sequência expandida, pois, entende-se que esses passos oportunizaram uma leitura mais atenta, instigando os alunos a se aprofundarem nas leituras feitas, tornando-as mais eficazes e significativas.

Tais propostas foram desenvolvidas a partir de leituras literárias, de seis contos da escritora Lygia Fagundes Telles, as quais propiciaram aos alunos terem contato com os enredos que versavam sobre o fantástico e o mistério e, sobretudo, conhecer uma das mais conceituadas escritoras do universo literário.

O presente trabalho tem, portanto, como objetivo geral sugerir caminhos para a leitura literária no ambiente escolar, na busca de nela resgatar o prazer, a fruição

que muitos alunos conheceram na infância e aos poucos foram perdendo o interesse. Adicionam-se como objetivos específicos: a) oferecer uma proposta de ensino literário capaz de promover o prazer e o estímulo de se ler por meio de estratégias dinâmicas, as quais potencializam a criatividade e a autonomia do aluno; b) levar o aluno a experimentar a literatura pelo viés da fruição e de uma aprendizagem colaborativa, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018); c) oportunizar a leitura do texto literário de forma mais aprofundada e crítica, de acordo com os preceitos do letramento literário.

A metodologia adotada foi a bibliográfica e a pesquisa-ação, de caráter qualitativo, que abarcou a consulta de livros, artigos, revistas, internet, entre outros materiais, os quais contribuíram de forma relevante e norteadora com o processo desenvolvido, relacionados ao tema. Soma-se, aos referenciais teóricos, a pesquisa-ação, de cunho social, haja vista sua proposta de “intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos, organizações e comunidades” (GIL, 2021, p. 38).

Dessa forma, o Produto Educacional foi trabalhado com alunos do oitavo ano, do Ensino Fundamental, mostrando ser possível promover o estímulo e o prazer pela leitura literária quando se elaboram estratégias dinâmicas e criativas, tendo como proposta uma sequência didática, (SD), a qual foi organizada com atividades realizadas de forma individual e coletivamente, promovendo discussões construtivas e plurais dos contos lygianos.

Para desenvolver esta pesquisa e elaborar a intervenção pedagógica, busquei as contribuições, no âmbito da literatura, de autores como: Antônio Cândido (1995), José Moran (2018), Lygia Fagundes Telles (1998), Nelly Novaes Coelho (2000), Regina Zilberman (2006), Rildo Cosson (2020), Roxane Rojo (2012), Vera Maria Tietzmann (2009), documentos oficiais, como Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), entre outros referenciais. Tais estudos são fundamentais na medida que discutem questões sobre a literatura, a leitura literária, o letramento literário e a prática docente, tendo como principal cenário a sala de aula.

O primeiro capítulo desta dissertação aborda um breve histórico sobre a obrigatoriedade da literatura nos ambientes escolares, sua implementação e os desafios, permeados, de maneira especial, por uma escolarização inadequada, pela fragmentação literária nos livros didáticos, dificultando assim os aprendizes de terem contato com as manifestações artísticas e culturais propostas pelas artes literárias ao

longo da história, de poder ter acesso a um bem cultural valioso, legado atemporal que vai passando de geração para geração; que tem em sua essência um saber que é democrático, que alcança a todos.

Essa parte compreende dois subcapítulos, os quais discutem a urgência em repensar como a leitura literária pode ser trabalhada em tempos nos quais a tecnologia é um dos principais atrativos entre o público imediatista e super conectado; como é possível apreciar essa modernidade, ou seja, usando as ferramentas tecnológicas e proporcionando uma experiência singular, prazerosa e dialógica entre o aluno/autor/obra, desconstruindo a percepção arraigada de que ler é entediante e desmotivador.

Concomitantemente a essas considerações, mostrou-se como o papel do professor é imprescindível para transformar a realidade que assola boa parte das instituições escolares, pois, compreende-se que seus conhecimentos, suas escolhas metodológicas, como também a seleção dos textos e materiais de leitura, são essenciais para formar leitores proficientes, na perspectiva do letramento literário. Saliento que o docente sabe direcionar o ensino literário, ampliando essa poderosa ferramenta, que transforma e humaniza a partir da oportunidade dada ao aluno que lê e consegue contextualizar a obra lida às suas experiências pessoais e históricas.

Início o segundo capítulo discorrendo sobre uma das maiores escritoras de nosso país, Lygia Fagundes Telles, e seu enorme legado para a literatura brasileira. Pretendo relatar os fatos mais significativos da vida da autora, aqueles pertencentes à sua vida pessoal e sua trajetória pelos caminhos literários, os quais foram pavimentados por romances e contos que sempre ofereceram ao leitor a oportunidade de refletir sobre seu comportamento e atitudes que, em certos momentos, são sutis; outros, obscuros.

O conto, enquanto gênero, também é descrito nesse momento, oportunizando o contato com uma das categorias mais conhecidas da esfera escolar, procurando abordar seu surgimento, características, os tipos que vão desde o maravilhoso, perpassando pelo fantástico, mistério, entre outros.

Nessa perspectiva, os contos lygianos são destacados e finalizam esse capítulo com a certeza de serem obras-primas, escritas por uma autora que soube, como poucos, coadunar sua ficção literária com situações instigantes, as quais fazem parte da existência humana, como o amor, a esperança, os desencontros, a violência e a

morte. Assim, seus temas são concebidos como “[...] o desencontro entre o eu e o mundo, entre a aparência do real e sua verdade oculta; a hipocrisia social; o drama da rejeição que engendra seres apossados pelo medo e pela solidão sem saída...” (COELHO, 2002, p. 387).

É notório que todos esses assuntos são abordados por meio de uma linguagem poética, simbólica e precisa, capaz de descortinar o íntimo de cada personagem criado por Telles, e é dever da escola viabilizar o contato dos estudantes com a linguagem literária, pois ela “é sutil: treinar um olhar crítico pela via da ficção é conhecer mais a fundo a natureza humana, um aprendizado essencial para cada um de nós” (SILVA, 2009, p. 47).

No terceiro e último capítulo desta dissertação destaco a apresentação do Relatório de Implementação do Produto Educacional - Sequência Didática -, evidenciando, primeiramente, a organização dos estágios e os planos de aula. Em seguida, acontecem os relatos das aulas, conjuntamente com as análises e discussão, sinalizando os resultados obtidos. Friso que todo processo foi pautado a partir das contribuições de Rildo Cosson (2020) e as estratégias da sequência didática expandida, desenvolvidas a partir de seis contos de Lygia Fagundes Telles.

Na conclusão, interessa averiguar se é realmente possível promover o incentivo à literatura e às leituras literárias, enquanto práticas formativas e socializadoras. Além disso, verificar se é possível trabalhar com os clássicos por meio de atividades diversificadas - manuais e com auxílio das ferramentas tecnológicas, assim rompendo com certas resistências inculcadas ao longo da caminhada educacional.

Almejo também evidenciar a importância de se pensar nas leituras literárias enquanto atividades interativas e colaborativas, entendendo que o diálogo entre professor, aluno e livros literários formam um tripé em que todos são privilegiados pelos conhecimentos prévios e de mundo que cada um traz.

No apêndice, encontra-se o Produto Educacional desenvolvido - Sequência Didática Expandida (SDE) - ressaltando que houve certas adaptações e cortes para ser aplicado no Ensino Fundamental II. Exemplifica-se, dessa forma, a etapa da Contextualização, que não foi desenvolvida, posto que os alunos eram imaturos para abordá-la com mais precisão. Contudo essa parte foi descrita no decorrer do texto, especificando os elementos que a compõem, como também possíveis sugestões de atividades, caso o professor queira aplicá-la com sua turma.

Esclareço que o Produto Educacional foi desenvolvido para alunos do oitavo ano dos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola da rede estadual de Londrina/PR. Esse material pretende enriquecer a prática docente no que diz respeito à literatura e às leituras literárias desenvolvidas no âmbito escolar, buscando, especialmente, instigar os discentes a ter uma postura receptiva e disposta para o ensino literário. Fundamenta-se a escolha da sequência didática por ser:

[...] um conjunto de atividades, nos oferecem uma série de oportunidades comunicativa, mas que por si mesmas não determinam o que constitui a chave de todo ensino: as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem. As atividades são o meio para mobilizar a trama de comunicações que se estabelecer em classe; as relações que ali se estabelecem definem os diferentes papéis dos professores e dos alunos (ZABALA, 1998, p. 89).

Para mais, a sequência didática privilegia um planejamento flexível, permitindo fazer os ajustes necessários conforme vai sendo aplicado, de preferência, quando há contribuições dos próprios aprendizes, favorecendo um ensino articulado e profícuo, em uma perspectiva motivadora e participativa, distante de produções engessadas e inócuas.

Acredito que o propósito deste trabalho seja o de poder colaborar com os docentes em suas práticas literárias, sugerindo alternativas que venham se somar às estratégias já desenvolvidas diariamente nas salas de aula, demonstrando ser possível promover leituras que sejam trilhadas por uma ação dialógica e colaborativa, levando o aluno a compreendê-las para além dos muros escolares, solidificando-as em suas práticas sociais.

## 2 LITERATURA: UM TRAJETO PERMEADO POR CONCEITOS E ABORDAGENS DA PRÁTICA LITERÁRIA NO ESPAÇO ESCOLAR

“A literatura é uma forma de amor” (TELLES, 1998, p. 27), já declarava a dama da literatura brasileira Lygia Fagundes Telles, e esse sentimento pode ser visto ao longo de sua trajetória por meio de obras notáveis, as quais são lidas e refletidas diariamente.

Para Alceu Amoroso de Lima (1945, p. 54-55), “a literatura é uma das artes de expressão e representação, cujo instrumento comunicativo é a palavra”. Essa palavra deve ser expressada com criatividade, autenticidade, traduzir as ideias e emoções, como também mostrar as épocas, costumes e histórias contadas ao longo do tempo. Acredita-se que é no ambiente escolar que a literatura precisa permanecer sendo estudada e disseminada para que o aluno a conheça e se aproprie dos conhecimentos advindos do belo, estético e criativo, os quais contribuem principalmente para a sua formação enquanto sujeito social e histórico.

Compreendo que quando o aluno tem contato com a literatura, desde a primeira etapa da Educação Básica, ele se torna uma pessoa mais humana e sociável, capaz de interagir e compartilhar os seus conhecimentos de mundo e, principalmente, ser receptivo à bagagem histórica do outro, ou seja, a reciprocidade faz parte de sua trajetória, pois entende que sua construção enquanto indivíduo depende dessa interação vivenciada para além dos muros da escola. Compactua com esse propósito Antônio Candido, com um dos posicionamentos mais críveis sobre o papel da literatura no caminho do ser humano:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Sob essas perspectivas, muito se tem discutido em: Como despertar e estimular o interesse por parte dos alunos pela literatura no ambiente escolar? Como essa literatura tem sido trabalhada pelo docente, tendo como alicerce a leitura literária ministrada na sala de aula? Para tanto, antes de discorrer sobre tais questões, faz-se necessário que eu apresente um breve histórico sobre a obrigatoriedade do ensino de literatura nos espaços escolares.



De acordo com Zilberman (2006), na Grécia antiga a Literatura recebia o nome de Poesia, era manifestada de forma oral, tendo como principal objetivo entreter a nobreza. Após algum tempo, ela passa a ser chamada de Literatura, prevalecendo até os dias atuais com esse nome, mantendo o mesmo objetivo de ser educativa, alcançando a todos e não somente a uma classe social específica.

A autora supracitada complementa que no período renascentista, houve uma ruptura entre a literatura e o ouvinte, perdendo o caráter comunitário e público, tornando-se mais individual e particular. Como consequência, o Estado, por sua vez, transfere para a escola o caráter pedagógico de ensinar, fazendo com que esse espaço deixe de ser facultativo para a aprendizagem e passe a ser obrigatório. Logo, a literatura passa a ser incluída no currículo, mais precisamente após a Revolução de 1789. Desde então:

[...] os franceses introduzem na escola a literatura nacional, que, a partir de então, torna-se objeto da história literária, disciplina que ensaia seus primeiros passos nesse momento e consolida-se algumas décadas depois em toda para reinar incontestemente por muitos anos (ZILBERMAN, 2006, p. 19).

Acrescenta-se ainda pelos escritos de Burlamaque, Martins e Araujo (2011), que texto literário até o século XVII era escrito para adultos e crianças, não havendo separação, e somente a partir do XVIII é que há uma distinção da faixa etária. Percebe-se, nesse momento, que a escola estava se tornando organizada, oferecendo à criança educação e formação. A autora Vera Maria Tietzmann Silva (2009, p. 11), em sua obra **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**, em tal caminhada, a partir principalmente da década de 1990, postula que, no Brasil:

A leitura de livros literários, que antes só ocorria nos últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com obras da literatura para adultos, incorporou-se à rotina da escola, desde as séries iniciais. A chamada literatura juvenil, gênero bastante recente, com suas novelas de aventura e suspense, com seus personagens adolescentes enfrentando crises na escola e na família, incorporou-se ao rol de leituras (e tarefas) das séries finais do Ensino Fundamental. Mesmo no Ensino Médio, a literatura infantil eventualmente comparece como objeto de estudo no curso de Magistério, habilitação que forma os professores das séries iniciais. Depois de conquistar seu espaço no Ensino Fundamental e Médio, a literatura infanto-juvenil chegou, afinal, à universidade [...] (SILVA, 2009, p. 11).

Dando continuidade a essa breve historicidade literária, no século XX os textos literários passam a ser obrigatórios no ensino de Língua Portuguesa ou como era denominada Comunicação e Expressão nas escolas nos anos 1960. Conforme COELHO (2000, p. 239), tal implementação somente foi possível devido à “Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº4.024/1961, mais tarde regulamentada pela Lei 5.692/1971”. Entende-se que a legislação foi decisiva e a partir dela houve a “introdução da literatura nos estudos da língua, comunicação e expressão”.

Por essa mesma lei, de acordo com Zilberman, houve a unificação de duas etapas – o primário e o ginásio – que passam a fazer parte do primeiro grau, tendo oito anos de duração, e já não mais pertencendo ao Ensino Médio. O segundo grau, por sua vez, absorve o período colegial, condensando em sua grade curricular os anos de formação científica ou humanística (o clássico) ao profissionalizante, porém, como a própria autora explica:

[...] o segundo grau teve de reunir em relação à presença da literatura no currículo. De um lado, porque o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante: o aluno, ao estudá-la não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente; logo não se justifica enquanto “terminalidade”. De outro lado, os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto, a “continuidade” também não comparece (ZILBERMAN, 1988, p. 132).

Assim sendo, a literatura passou a ser delimitada pelo vestibular, o qual a reduziu aos estudos das escolas literárias ou períodos históricos, trabalhando-os de forma sistemática, tendo como pretexto as leituras literárias. Infelizmente, essas metodologias permanecem até os dias atuais em algumas instituições, empobrecendo e distorcendo o verdadeiro sentido de ensinar a literatura.

Informa-se que é nesse cenário que o livro didático é implementado no ambiente escolar e, por meio dos manuais, os docentes preparam as aulas literárias, priorizando três assuntos norteadores (autores, obras e períodos estéticos), coadunando-os com a mesma perspectiva descrita ante sua implementação.

Contrapondo tais modelos, Parreiras (2009, p. 22), em seu livro **Confusão de línguas, na literatura**: o que o adulto escreve, a criança lê, retrata a literatura como:

[...] uma manifestação de sentimentos, sensações, impressões e como a expressão lírica de um artista da palavra e do desenho, ela provoca deleite e traz um trabalho poético com as palavras, com as figuras de linguagem e com as imagens (PARREIRAS, 2009, p. 22).

A autora ainda complementa que a literatura “dispensa adjetivos, ela é uma expressão de arte que emociona, comove, leva a experimentar sensações, pensamentos, palavras ... A literatura te afeta, você (sic) não é o mesmo depois de ler um poema, um conto ou um romance” (PARREIRAS, 2009, p. 22). Acredita-se que quando o docente reconhece e internaliza esses valores, o seu planejamento e a

metodologia para ensinar literatura irão, em primeiro lugar, despertar nos alunos esses sentimentos.

Imbuído disso, o professor terá mais facilidade para, em sua prática, estabelecer o elo entre o aprendiz e o texto literário, de modo que ele identifique sua própria realidade nas leituras feitas, nas histórias visitadas. Além disso, trabalhar a linguagem e suas funções, como também as dimensões humanas, sociais e psicológicas pelo viés literário terão outros significados, pois serão perceptíveis que as estratégias maçantes e sem propósitos não se coadunam com as aulas experienciadas e aprendidas ao longo da trajetória educacional.

Nesse percurso histórico, a literatura chega aos documentos curriculares brasileiros mais recentes, sedimentando sua importância na formação dos aprendizes, sobretudo enquanto leitores, fazendo-os participantes de forma crítica, reflexiva, capazes de interpretações maduras e conscientes. Posto isso, é fundamental conhecer tais documentos para, posteriormente, saber como a literatura é abordada por cada um deles.

#### Os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecimentos como necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 6).

As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica – Língua Portuguesa (DCEs) é um caderno com textos que são “frutos de um longo processo de discussão coletiva, ocorrido entre 2004 e 2008, que envolveu os professores da Rede Estadual de Ensino”, que “se apresentam como fundamento para o trabalho pedagógico na escola” (PARANÁ, 2008, p. 8).

#### Já a Base Nacional Comum Curricular:

[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 9).

A partir dos conceitos acima, é essencial entender como esses documentos abordam a literatura. Assim, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL, 1998, p. 27) “O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso de linguagem”. Para eles, os textos literários não devem ser tomados para tratar outros assuntos, ou seja, “valores morais ou tópicos gramaticais que não aqueles que contribuem para a formação capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias” (PCNs, 1998, p. 27).

O olhar das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica – Língua Portuguesa entende a literatura como uma:

[...] produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social. O entendimento do que seja o produto literário está sujeito a modificações históricas, portanto, não pode ser apreensível somente em sua constituição, mas em suas relações dialógicas com outros textos e sua articulação com outros campos: o contexto de produção, a crítica literária, a linguagem, a cultura, a história, a economia, entre outros (PARANÁ, p. 57, 2008).

Para a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 158), o campo artístico-literário para a etapa dos Anos Finais do Ensino Fundamental tem como objetivo:

Possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (BRASIL, 2018, p. 158).

Para a etapa do Ensino Médio, a literatura é contemplada de modo a buscar uma análise mais fundamentada e ampliada das manifestações culturais e artísticas. Sendo assim, a BNCC reforça que:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, *fanfics* etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas (BRASIL, 2018, p. 505).

Todavia, o próprio documento faz uma importante observação com relação à literatura ao dizer que:

A leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força

de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)recolocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (BRASIL, 2018, p. 501).

Ao trazer o olhar da Base Nacional Comum Curricular para a literatura, pretende-se legitimar o quão é imprescindível seu ensino na Educação Básica e por mais que se tenha vivenciado um processo de industrialização e informatização ao longo dos tempos, tendo como consequência a implementação dos suportes tecnológicos e digitais nos ambientes escolares, há de se ter consciência de que os textos literários, seus temas e os autores consagrados são atemporais e possuem uma estreita relação com o que somos hoje.

Ao pensar no aspecto tecnológico, faz-se essencial atrelar a aprendizagem literária à dinamicidade das novas ferramentas, adaptando-a aos recursos eletrônicos e de hipermídia, de modo que os aprendizes percebam essa comunicação e interatividade e sintam-se atraídos e dispostos adentrar em uma prática moderna, onde a literatura contribua para sua formação, ao passo que consiga transpor a superficialidade da leitura como mera codificação e decodificação.

Espera-se ainda que esses estudantes possam aprender uma leitura que vai além do não dito, que está nas entrelinhas, que o torne crítico e ciente da transformação social que um texto bem interpretado pode oportunizar e reverberar na sua vida. É imprescindível” investir em uma literatura a partir de uma perspectiva intersemiótica, promovendo o diálogo entre literatura e outras artes” (MARTINS, 2006, p. 100).

Coadunando-se com tal proposta, Rildo Cosson (2010) em seu artigo “O espaço da literatura na sala de aula” assegura que é preciso reconquistar o lugar da literatura dentro da sala de aula por meio de práticas significativas, as quais permitam reconhecer a tradição (literatura e educação) e ressignificá-las, ou seja, abordá-las no ensino atual sem perder o sentido das práticas de antes, pois como o próprio autor apregoa:

Com os textos literários, aprendiam a escrever desde as primeiras letras até emular o estilo de grandes autores. Ao realizar a leitura e a escrita, adquiriam o domínio da norma culta da língua e incorporavam uma série de referências que lhes permitiam dialogar com a cultura do passado e do seu tempo [...] a literatura em sala de aula era a matéria com a qual se construía os elos que formavam uma corrente entre escola, língua e sociedade – a própria essência da formação humanística (COSSON, 2010, p. 56).

Entende-se serem valorosas as contribuições dos teóricos e dos documentos oficiais, não obstante, ressalta-se que a maioria deles não se aprofunda em discutir como o docente deve articular a teoria à prática metodológica. Por conseguinte, cabe ao professor planejar atividades que incentivem a leitura dos livros clássicos e contemporâneos. Conquanto, há uma vigente discussão: o professor deve ou não adotar as obras clássicas em suas aulas?

Antes de responder, é importante observar a informação trazida por Oliveira (2013, p. 74), o qual assevera que os adolescentes “tendem a buscar uma leitura de prazer imediato, declarando massivamente a prática de leitura de best-sellers e de HQs”. Os jovens não querem ler por obrigação e muitos se declaram “decepcionados com a leitura das obras canônicas, cujos enredos ‘monótonos e sem ritmo’ e cuja linguagem ‘difícil, ultrapassada, complicada e cheia de rodeios’ são considerados desestimulantes, o que os afasta da leitura como atividade prazerosa” (OLIVEIRA, 2013, p. 73).

Rezende (2013 a, p. 12), atesta o pensamento de Oliveira (2013), ao dizer que os alunos “[...] mergulhados em outras modalidades midiáticas e bastante seduzidos por elas, resistem à leitura das obras do cânone escolar, não obstante demonstrarem muitas vezes grande interesse por best-sellers contemporâneos”. Embora haja essas constatações, acredita-se que os aprendizes precisam ter contato com os clássicos, haja vista que a escola é o ambiente por excelência para promover leituras que se perpetuam na memória dos sujeitos, as quais trazem uma bagagem formativa e sociocultural.

Clarifica-se também que a literatura ocorre à fantasia, imaginação e subjetividade do leitor, porém há uma exigência, ao passo que instiga uma disposição maior para uma interpretação mais aprofundada, que impele uma postura do leitor não conformadora diante dos textos e sim uma conduta contestadora, crítica e, principalmente formadora. Há uma transformação por excelência do ser humano, quando a literatura está imbricada nele.

O escritor Ítalo Calvino, em sua obra, ***Por que ler os clássicos*** (1993, p. 10-11), indica a importância de sua escolha ao postular que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente

coletivo ou individual”, haja vista o exemplo dos contos de Lygia Fagundes Telles, obras que são contempladas no decorrer deste estudo.

Todavia, as obras contemporâneas também têm sua importância e, atualmente, estão em evidência, visto que possuem uma linguagem mais próxima dos aprendizes, condizem com seu cotidiano e abordam assuntos que vêm ao encontro de suas experiências juvenis. Por conseguinte, há de se considerar os *best-sellers*, visto que podem ser um caminho para leituras mais elaboradas, as quais exigem um debruçar nas tecituras textuais.

Assim sendo, mais uma vez reforço a importância de o docente oferecer condições aos educandos para terem acesso aos clássicos, elaborando estratégias motivadoras e diversificadas, tanto para abordar os cânones literários, com propostas de: “dramatizações, júri simulado, produção de murais, recontar a histórias a partir de outras linguagens (desenho, pintura, revista em quadrinhos etc.)”, ações sugeridas por Martins (2006, p. 98-99), no artigo “A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?”, as quais podem ser desenvolvidas manualmente ou com auxílio das ferramentas tecnológicas, na perspectiva das metodologias ativas. Podemos acrescentar também seminários, produções audiovisuais, resenhas críticas, entre outras sugestões.

Tais atividades desfazem metodologias focadas apenas na estrutura, formalismo literário, biografia dos autores e historicidade das escolas literárias, estudadas de forma rápida, sem pressupor um diálogo com o próprio autor da obra. Além disso, muitas vezes, há práticas em que o aluno somente lê uma forma e um tipo de texto, estreitando seu conhecimento literário, e, sobretudo impedindo-o de adquirir a competência literária, ou seja, de interpretar e encontrar sentidos a partir de um texto lido e relacioná-lo com outros.

A esse respeito, Cosson (2020, p. 46) adverte que “O leitor que restringe a sua experiência de leitura a apenas um único tipo de texto, ainda que o faça extensivamente termina por empobrecer seu repertório e limitar a sua competência de leitor”, comprometendo o letramento literário.

Observa-se, assim, que o texto literário não é priorizado, há somente o intuito à atribuição de nota, quando o ideal é oportunizar que os alunos sejam os protagonistas de sua própria leitura, estimulando-os ao prazer de ler e de conceber a

literatura como componente curricular fundamental para sua formação e crescimento intelectual.

Após esse preciso informativo sobre como a literatura adentrou o espaço escolar, a forma que os registros oficiais mais atuais a discutem no âmbito educacional, como também é feita a sua abordagem nas salas de aulas, fica evidente que, ao longo do tempo, a literatura tem se estabelecido como sendo fundamental para a formação humana, seja no aspecto individual e, especialmente, coletivo, contribuindo para uma sociedade letrada, com bases fortalecidas em um conhecimento plural e diversificado, capaz de agregar e valorizar as experiências culturais de cada sujeito, que vai comungando suas experiências com a literalidade explicada e vivenciada nas aulas ministradas.

Candido (1971) sustenta tal ideia ao afirmar que a literatura cumpre três funções na sociedade, exercendo a humanização. São elas: psicológica, formadora e social, daí sua pertinência e seu valor no universo escolar. Ainda adiciona que “nas nossas sociedades a literatura tem sido instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (CANDIDO, 2011, p. 177).

Reis também elenca três aspectos relevantes da literatura, os quais não devem ser considerados indissociáveis. Ao contrário, devem comungar para que haja a formação e a produção humana em meio à trajetória escolar e posterior a ela, em uma prática social, dinâmica e interativa, protagonizada por indivíduos conscientes de seu papel agente na sociedade. São eles:

1.2.1 A literatura envolve uma dimensão sociocultural, diretamente decorrente da importância que, ao longo de tempos, ela tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência coletiva dessas sociedades.

1.2.2 Na literatura é possível surpreender também uma dimensão histórica, que leva a acentuar a sua capacidade de testemunhar o devir da História e do Homem e os incidentes de percurso que balizam esse devir.

1.2.3 Na literatura manifesta-se ainda uma dimensão estética que, sendo decerto a mais óbvia, [...] o que encara fundamentalmente como fenômeno de linguagem ou, mais propriamente, como linguagem literária (REIS 2013, p. 22).

Dessa forma, a escola é a responsável por oportunizar o encontro do sujeito com a literatura, de mostrar o quanto a prática literária pode ser trabalhada de forma dinâmica, perfazendo os aspectos culturais, sociais, históricos e políticos dentro do contexto histórico estudado, dimensionando-a para a realidade do aluno, de modo que



ele reconheça a sua história e a de seu mundo nos livros lidos e discutidos no ambiente escolar.

A partir desse pressuposto, a escolarização, que, muitas vezes, prioriza a mera decodificação, com atividades artificiais e isoladas e até mesmo estratégias de avaliação, como provas sistemáticas, fichas de leitura ou resumos, será ressignificada, concebendo um leitor crítico e autônomo; um leitor que não somente lê, mas que se visualiza nos lugares e situações que as histórias trazem em seus enredos, possibilitando um diálogo real.

Para tanto, faz-se necessário explicar as diferenças que há entre a escolarização adequada e inadequada do texto literário. A primeira, conforme Soares (2011, p. 47), conduz “às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar”, somando-se ainda o fato de que a escolarização adequada conduz ao letramento literário. Entretanto é importante ressaltar que para que ela aconteça a escola precisa ser um espaço de discussão e construção de conhecimento.

Friso ainda que o acesso dos aprendizes à literatura precisa ser desenvolvido de modo diversificado, com variados gêneros literários, que os instiguem às interpretações, façam inferências e estabeleçam diálogo com realidades que o circunda. É por meio de uma escolarização concreta, promovida pelo docente, que o estudante irá atribuir sentido aos textos lidos e aprimorará a proficiência leitora, tendo compromisso com o conhecimento que o saber exige.

Já a segunda, “ocorre frequentemente em sala de aula, provocando a resistência e aversão dos alunos aos livros, além de apresentar-se distante das práticas sociais de leitura”. Para mais, Soares (2003) adverte que a escolarização inadequada acontece quando a leitura não é direcionada para a compreensão da visão de mundo e do contexto em que se inserem.

Exemplos concretos dessa escolarização é quando o estudante tem que comprovar, por meio das mais variadas avaliações que a leitura literária foi feita, minando o ler por prazer, por fruição ou quando a literatura passa a ser um instrumento para que seja ensinada a gramática, impossibilitando o descortinar o texto na sua integralidade, de adentrar nos enredos e fazer ter sentido a obra lida.

Ainda a mesma autora complementa tal pensamento ao evidenciar a inadequação também presente sobretudo nos livros literários, os quais são

espelhados de forma fragmentadas nos livros didáticos, o que, muitas vezes, “deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler”, SOARES (1999, p. 47). Nesse mesmo raciocínio Zilberman (2003), em sua obra **A Literatura Infantil na Escola** defende que:

O professor que se utiliza do livro em sala de aula não pode ser igualmente um redutor, transformando o sentido do texto num número limitado de observações tidas como corretas (procedimento que encontra seu limiar nas fichas de leitura, cujas respostas devem ser uniformizadas, a fim de que possam passar pelo crivo do certo e do correto (ZILBERMAN, 2003, p. 28).

É preciso mencionar, além dos livros didáticos, alguns vestibulares cobram a bibliografia e as leituras literárias de forma sistemática, com questões objetivas, sem exigir um raciocínio crítico, valorizando a periodização literária e os conteúdos gramaticais. Não obstante, esse cenário pode e deve ser transformado, pois se entende que as provas nacionais, devido as suas importâncias e abrangências, podem determinar e reorientar como a literatura poderá ser estudada nos espaços escolares, contribuindo para uma educação literária exitosa em todas as etapas da educação básica.

Tal posicionamento é concordada mais uma vez por Zilberman (1991) que assegura uma nova perspectiva, endossando a urgência de reformulação do ensino literário em todas as etapas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, pois como Coelho (2000) sustenta:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p. 20).

Acredita-se que é necessário o vestibular permanecer, indicando a literatura e as listas literárias, mas na perspectiva de muitas universidades renomadas que atualmente têm levado os candidatos a extrapolar os conhecimentos históricos, orientando-os a analisar, interpretar e estabelecer relações com outros textos e artes a partir de uma leitura mais atenta, desfazendo as práticas de memorizar as informações. Observa-se que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), embora não indique lista de leituras obrigatórias, também tem seguido por esses caminhos, intencionando formar mais, em detrimento de selecionar ou classificar os alunos.

Diante de toda discussão feita acerca da literatura dentro das instituições escolares, desde a sua implementação, abordagem/desenvolvimento pelos professores e, sobretudo, a receptividade pelos alunos, observa-se ser primordial declarar que “É tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo” (COMPAGNON, 2009, p. 45).

Ademais, é indispensável, conforme Cosson (2010) alerta, rever o “encurtamento” da literatura na sala de aula, pois ainda que haja outros gêneros como jornais, receitas culinárias, folhetos de propagandas, entre outros, os quais foram ocupando as lacunas deixadas por falta de um suporte teórico e metodológico, os textos literários jamais poderão ser substituídos.

Entende-se que é a prática literária que abastece e promove o letramento ao abrir espaço para as discussões de vários temas universais, como o amor, rejeição, morte, corrupção, esperança, medo, entre outros, os quais não serão abordados de forma controversas, somente para apontar posicionamentos divergentes, mas os problematizam a fim de buscar possíveis caminhos para uma sociedade melhor, habitadas por sujeitos mais conscientes e críticos, capazes de serem mais empáticos e menos segregadores.

Sublinha-se que a literatura transforma, emociona, diverte e, além de tudo, faz pensar criticamente, movendo o leitor para que seja um agente participativo na comunidade e, em outro momento, faz pensar com a imaginação, trazendo um pouco de leveza e delicadeza mediante as frestas existenciais.

É por essas veredas que se faz premente repensar como a leitura literária deve ser desenvolvida na sala de aula, quais estratégias devem ser elaboradas e implementadas com o propósito de torná-la prazerosa e edificante, formando um leitor ativo no processo educativo, entendendo que a leitura é fundamental para o crescimento intelectual do ser humano.

Assim, é no ambiente escolar que as práticas acabam por consolidá-las, favorecendo um encontro do leitor com o texto literário diariamente. Frente a essa certeza, Geraldi (2015) recomenda que é para:

[...] conquistar, motivar, facilitar, divulgar, despertar o interesse, de forma atraente, agradável, afetiva... Que atividade é esta afinal, de que fogem os sujeitos sociais (os alunos são sujeitos sociais) que precisam ser conquistados para a ela aderirem ou a ela retornarem? Quando ler é se esforçar para descobrir os significados já fixados, a alegria de ler desaparece e devem aparecer todas estas ações de conquista (GERALDI, 2015, p. 112).

Logo, para que o educador siga tais recomendações é essencial que haja uma compreensão da diferença entre ler um texto literário ou textos de outros discursos. De acordo com as autoras Machado e Corrêa (2010),

A leitura literária, diferentemente da leitura de textos de outras dimensões discursivas, caracteriza-se por uma forma de envolvimento com o texto, que produz conhecimento e prazer, por ser ela uma experiência artística. Não se produz pela leitura literária um conhecimento pragmático, descartável, que possa ser aplicado de imediato. O tipo de conhecimento que ela produz não se esgota numa única leitura, e esse interesse renovado pelo texto literário pode ser explicado por ser ele capaz de nos fazer compreender quem somos e por que vivemos, mesmo que sob a forma de indagações (MACHADO; CORRÊA, 2010, p. 126).

É primordial discutir como a leitura tem sido desenvolvida a partir da literatura, despertando algumas reflexões e possíveis sugestões para um ensino literário eficaz e permanente, até porque é sabido que estudar um texto literário vai além dos aspectos estéticos, apontando elementos culturais, políticos e linguísticos, os quais passam a ter outros sentidos quando sustentados pela criticidade e posicionamento do indivíduo.

## 2.1 Leitura Literária: caminhos que precisam ser aplainados e experienciados

Inicia-se esse subcapítulo com a citação de Gil Neto o qual apregoa que:

Ao término deles (os livros), ao invés do questionário ou da ficha anexada à obra, conversar. Deixar a leitura ser motivo de reflexão conjunta. Levantar curiosidades, propagandear o livro, contar as descobertas, falar das impressões, do ocorrido entre as palavras ... Mundos se abrem no trabalho do ler (GIL NETO, 1992, p. 68).

A escolha dessa orientação pedagógica vem ao encontro do presente estudo por saber que já não é mais possível uma prática tradicional, alicerçada em exercícios sistemáticos, como exemplificado pelo autor acima, os quais somente avaliam superficialmente a leitura feita pelos estudantes, sem realmente promover um envolvimento entre leitor, autor e obra, uma tríade que perpetua a história lida e a reverbera no compartilhamento com o outro. A partir desse ponto de vista,

Aprender a ler é [...] ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. E escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir (GERALDI, 1996, p. 70-71).

A autora Teresa Colomer, em seu livro **Andar entre livros: a leitura literária na escola** (2007, p. 102), traz alguns termos que fazem parte do discurso educativo

quando um livro é apresentado à criança. São elas: “Estímulo”, “intervenção”, “mediação”, “familiarização” e “animação”. Tais palavras devem ser traduzidas na prática pelo principal agente, o professor, para que assim seja alcançado o objetivo maior que é a formação do leitor. Todavia, é importante conhecer os três tipos de leitura que têm sido desenvolvidos na escola e refletir sobre qual e quais deles o docente tem priorizado de forma a colaborar e estimular os discentes ao ato de ler.

As três distinções são elencadas da seguinte forma:

1 – *Leitura Mecânica*: “Consiste na habilidade de decifrar códigos e sinais. Até há pouco tempo, pensava-se que a alfabetização se resumia a isso: transformar os sinais pretos sobre a folha branca em sons constituidores de palavras”.

2 – *Leitura de Mundo*: “[...] é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte [...]”. “[...] nos ensina a ler mais do que os sinais pretos sobre a folha branca, ela nos ensina o significado das nuvens no céu, a promessa de um sorriso, revela-nos a paciência atrás de um gesto [...]”. “É a leitura tomada em seu sentido mais amplo”.

3 – *Leitura Crítica*: “É a que alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões”. “[...] é preciso estar com todo conhecimento – a bagagem cultural – a postos, estar com a mente aberta e ser capaz de relacionar, confrontar, chegar a sínteses e conclusões”. “[...] não é resultado de dom, mas de aprendizado” (SILVA, 2009, p. 33-34).

Postas essas diferenças, tem-se a certeza de que cabe ao educador refletir sobre os exemplos listados e perceber qual ou quais têm sido potencializados nas turmas, embora seja notório que a segunda e a terceira seriam as mais adequadas quando se pensa em um trabalho significativo e produtor.

A leitura de mundo pressupõe as experiências adquiridas pelos alunos em seu cotidiano, em suas práticas sociais, e quando contextualizadas com os demais em sala de aula por meio dos textos literários, o conhecimento se pulveriza, produz novos repertórios, assegurando a construção de um leitor letrado e consciente de que sua bagagem cultural e social pode fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem de outros indivíduos. Desta maneira, quando oportunizada a inserção dos conhecimentos prévios e experiências de vida do aprendiz no texto, a leitura supera as expectativas e passa a ter um outro valor.

É a partir do compartilhamento das ideias e opiniões, às vezes semelhantes, outras, divergentes, que a leitura crítica acontece, promovendo a maturidade dos leitores, haja vista que “[...] desse leitor, espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê” (SOLÉ, 2003, p. 21). Para isso, a própria autora elenca

seis estratégias, que, após os objetivos propostos pelo docente, podem auxiliar no encontro entre o leitor e o texto:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura [...].
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão [...].
3. Dirigir atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos propósitos perseguidos).
4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum” [...].
5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação [...].
6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões (SOLÉ, 1998, p. 73-74).

No entanto, para além dos dizeres da autora, apreende-se que a leitura, na perspectiva de uma ação instigadora, deve partir da elaboração de estratégias diversificadas, desenvolvendo as competências e habilidades dos alunos. Deve ir além do ler e escrever textos fragmentados ou resumos, mas inserir o leitor no mundo literário e também provocar seu posicionamento crítico e, sobretudo, capacitá-lo a exercer tais aprendizados nas práticas sociais, promovendo dessa forma o letramento literário. Para tal propósito, é salutar então explicitar o termo letramento, haja vista sua fundamental importância na formação de leitores.

Conforme, Marcuschi (2001, p. 21) letramento é “[...] um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários”. Complementa-se a essa definição a de Soares (2017, p. 64), ao reiterar que este termo é “[...] entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”.

Frente a tais considerações, fica claro que o letramento contribui para um ensino que extrapola o codificar e decodificar das palavras dentro dos textos lidos. Tal processo capacita os aprendizes a incorporar o ler e escrever em seu contexto social e cultural, de acordo com suas necessidades diárias.

A fim de promover o letramento, Soares (2001, p. 69) orienta que os docentes devem dispor de vários textos e suportes, como “literatura, livros didáticos, obras técnicas, dicionários, listas, enciclopédias, quadros de horário, catálogos, jornais, revistas, anúncios, cartas formais e informais, rótulos, cardápios, sinais de trânsito, sinalização urbana, receitas...”. Tais materiais contemplam as necessidades diárias dos educandos e devem ser utilizados frequentemente, mesclando a forma de considerá-los, sendo individualmente ou por meio de uma metodologia ativa colaborativa.

Observa-se que ao adotar as propostas sugeridas, o aluno consegue transpor um aprendizado sistemático, restrito e inócuo de significados. Longe disso, consegue traduzi-lo na sua vivência, fora dos muros escolares. Entretanto, Cosson (2020) ensina:

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares (COSSON, 2020, p. 35-36).

Após ter conhecimento de letramento e sua aplicação nas diversas práticas de leitura, é importante direcioná-lo para a literatura, denominando-se *letramento literário*, termo já mencionado neste estudo, mas que é reforçado por Rildo Cosson, pois para ele:

As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários (COSSON, 2020, p. 47).

O autor adiciona à proposta uma formação norteada pelo letramento literário que tenha como conceito básico um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem em um contínuo aprendizado que vai desde uma cantiga aprendida na infância até o romance lido na escola. O educando deve, então, perceber que um texto literário é diferente dos demais, exigindo um olhar que adentre as entrelinhas e não se balize somente no prazer, deleite ou fruição do enredo narrado. É preciso formar um leitor questionador desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Acrescenta-se que o letramento literário é uma “construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67), que instiga o leitor a indagar o próprio texto conforme vai lendo e adentrando nas entrelinhas, examinando todos os detalhes, sendo capaz de inserir a obra em um diálogo com tantos outros textos. Dessa forma, ler perpassa pelo desvelamento do texto e proporciona uma aprendizagem que permite chegar à formação do repertório do leitor, desfazendo uma postura estática mediante as leituras que vão sendo apresentadas e lidas no decorrer do processo educativo.

Por isso, há pressa em potencializar o letramento literário e provar sua eficácia no desenvolvimento da criticidade aflorada em meios às discussões, enriquecendo o conhecimento, oportunizando que o leitor atue como um ser ativo diante da leitura feita, compreendendo e ressignificando os textos. É imprescindível que haja um interpretar do mundo a partir dos enredos experienciados e dialogados entre seus pares, como bem externa Cosson (2020):

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (COSSON, 2020, p. 120).

Nesse percurso em que a leitura literária está sendo discutida, entende-se ser fundamental abordar conceitos e práticas que possam dinamizar o ato de ler, desmistificando o olhar que muitos têm ao considerá-la engessada e enfadonha. Por isso explicitar os termos letramento e letramento literário implica oferecer novas possibilidades de ensino, colocando no centro o aluno para que ele seja o protagonista de sua própria leitura, ocupando um papel que atravessa o texto lido, capacitando-o a compartilhar todo entendimento com seus pares. Caso contrário, perpetuará em muitos cenários um sério diagnóstico, dado pela autora Ivana Martins (2006), ao observar que:

Enquanto os alunos não encontrarem esse sentido para leitura literária, continuarão a ler sem prazer, lendo apenas os resumos das obras clássicas disponíveis na *web*, recortando e copiando textos da internet, fazendo da pesquisa na escola mera cópia, diminuindo sua capacidade imaginativa, restringindo seu potencial de coprodução textual enquanto leitores críticos (MARTINS, 2006, p. 100).

Partindo dessas considerações, faz-se necessário mencionar as metodologias ativas como possibilidades para enriquecer a prática docente no desenvolvimento do letramento literário, visto que elas proporcionam uma aprendizagem colaborativa, em que as interações são permanentes e solidificam uma prática literária centrada nos diálogos advindos das discussões diárias sobre as obras literárias e suas respectivas atividades, desfazendo, dessa maneira, modelos pedagógicos que muitas são elaborados por meio de uma:

[...] seleção inadequada de obras literárias, sem levar em conta as leituras prévias dos alunos e as expectativas desse público leitor. Além disso, técnicas de abordagem ao texto literário não são diversificadas, contribuindo para que o educando desenvolva uma compreensão mitificada e homogênea do fenômeno literário (MARTINS, 2006, p. 84).



Segundo Bacich e Moran (2018, p. 4), as metodologias ativas são “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida”. Salienta-se que há o envolvimento e a participação na aprendizagem, ativando a criatividade, a autonomia e, sobretudo, uma construção coletiva, pois a aprendizagem não é uma via única, mas compartilhada, em uma troca de experiências garimpadas nas conversas diárias.

De acordo com Camargo e Daros (2018, p. 16), o cerne das metodologias ativas são o “desenvolvimento de competências e habilidades, com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade”. Por elas são proporcionados: a) desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal; b) visão transdisciplinar do conhecimento; c) visão empreendedora; d) protagonismo do aluno, colocando-o como sujeito da aprendizagem; e) desenvolvimento de nova postura do professor, agora como facilitador, mediador; f) geração de ideias e de conhecimento e a reflexão, em vez de memorização e reprodução de conhecimento.

Frente ao exposto, fica evidente a importância de se adotar a metodologia ativa no ambiente escolar e, em se tratando da literatura, tal proposta torna-se premente, a fim de ressignificá-la e tornar mais prazeroso o ato de ler, sejam os clássicos ou os *best-sellers*. Assim, quando o professor planeja uma leitura permeada pela aprendizagem entre pares e times, por exemplo, oportuniza-se uma atividade que se pautará na troca de ideias, colaboração, liderança e empatia, e tais valores florescerão a partir de enredo literário.

Acredita-se que essa experiência permanecerá viva na memória intelectual e afetiva dos educandos, pois não foi superficial e tão pouco engessado sem o envolvimento dos alunos, fator primordial para uma prática literária experienciada e efetiva, haja vista que o sentido do texto precede o próprio enredo, está na construção interativa entre o professor e os aprendizes.

Somam-se a essas práticas contemporâneas, as ferramentas tecnológicas educacionais, as quais auxiliam no trabalho pedagógico e contribuem para diversificar as atividades e criar uma conexão significativa com as leituras literárias. No entanto, é preciso ultrapassar a concepção reducionista ao considerá-las somente como recursos alternativos às aulas tradicionais.

É fundamental que os equipamentos ultrapassem o tripé quadro, giz e livro didático e sejam incorporados as elaborações das aulas, de modo que alunos construam novas aprendizagens como indica a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 87). Espera-se que o estudante tenha a competência de “mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos [...]”.

Nessa perspectiva, aparatos tecnológicos como computadores, tablets, celulares, aplicativos, entre outros, são recursos promissores para desenvolver trabalhos literários e trazer um novo olhar para a literatura. Destarte, construções de um livro digital, portfólio, quadro colaborativo, blogs, são possibilidades que ampliam o conhecimento e solidificam as práticas sociais e culturais, configurando um ensino mais participativo e colaborativo, envolvendo múltiplos interlocutores, enfoques e abordagens, favorecendo o multiletramento.

Acredita-se ser essencial estar atento às inovações que podem tornar mais prazeroso e atrativo o processo de leitura, mesclando o real e o virtual, correspondendo às expectativas de uma geração conectada, mostrando que é possível utilizar a tecnologia com propósitos educacionais. Corresponde a essa ideia o que coloca Behrens (2013, p. 79), ao postular que “a tecnologia precisa ser contemplada na prática pedagógica do professor, a fim de instrumentalizá-lo a agir e interagir no mundo com critério, com ética e com visão transformadora”. Compara-se a esse pensamento, Roxane Rojo e Eduardo Moura, na obra **Multiletramentos na escola** (2012):

Há necessidade de os educadores explorarem as possibilidades das ferramentas digitais (blogs e outras), como instrumentos envolvidos nas práticas de letramento contemporâneas. Nesse sentido, são apoio ao ensino, mas, principalmente, são objetos de ensino (ROJO; MOURA, 2012, p. 53).

Contudo, é inconcebível discorrer sobre a literatura, leituras literárias e as necessidades de repensar novas estratégias, sem contemplar o papel fundamental do docente como mediador e facilitador de uma aprendizagem significativa, pois:

São os professores que, dentro da especificidade do seu campo de atuação, além de escolherem os textos e autores a serem lidos, também estabelecem a sequência das leituras, propõem as estratégias que visam disponibilizar os textos aos alunos, decidem sobre os trabalhos que serão desenvolvidos com os textos lido, etc. Em outras palavras: eles são as pessoas que partindo de certas expectativas de leitura, agenciam a forma pedagógica a partir da qual os alunos devem interagir com determinados textos. Assim, várias providências são tomadas pelos professores a fim de que, administrando as esferas do o que ler, como ler e para que ler, certa leitura possa ser efetivada (CORRÊA, 2001, p. 27).

## 2.2 Professor e seus desafios: sugestões para mediar o encontro entre a leitura literária e o aluno

Posto o princípio acima, acredita-se ser essencial que o professor seja um semeador das mais diversas leituras, de maneira especial, a literária. Entretanto, é importante que antes ele seja um leitor ativo e provocativo a fim de incentivar seus educandos a lerem e, sobretudo a tomarem gosto por essa prática. Oliveira (2010, p. 52), ao escrever um capítulo intitulado “O professor como mediador das leituras literárias”, no livro **Literatura** (2010), declara que “Como mediador da leitura, o professor é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para a criança, mas é preciso que ele próprio seja um usuário assíduo da literatura”. Em consonância com tal argumento, Chiaretto (2013) também pontua:

Só um educador-leitor, com um repertório textual rico e diversificado, envolvido verdadeiramente com o universo da literatura, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou autoritárias, sem fechar-se no espaço escolar e sem desvincular-se da vida social (CHIARETTO, 2013, p. 3).

Com base nessas afirmativas, acredita-se que o docente terá uma postura diferenciada e agregadora para envolver seus alunos no território literário e que esses experienciem momentos de conhecimentos que serão eternizados em suas memórias. Entende-se ser desafiador formar alunos-leitores mediante todos os percalços encontrados na educação como, por exemplo, quando se refere ao tempo destinado para trabalhar com os livros na sala de aula, pois, devido aos demais componentes curriculares, as atividades literárias ficam limitadas.

Em conformidade com tal realidade, Rezende ressalta, de certo modo, os docentes que fazem ou pelo menos tentam fazer um trabalho significativo para que as leituras literárias sejam disseminadas diariamente nas salas de aula:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto, como possibilidade – não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa (REZENDE, 2013b, p. 111).

Entretanto, o docente pode reverter esse cenário e promover leituras individuais para serem feitas de forma prévia - sala de aula invertida -, extraclasse e, posteriormente, discutidas na sala de aula, abrindo espaço para participação de cada aprendiz. Pode propor também, durante o bimestre/trimestre, leituras compartilhadas a serem realizadas entre grupos de alunos, bem como elaborar atividades com o apoio

de recursos tecnológicos, tendo o acompanhamento semanal, a fim de esclarecer possíveis dúvidas, visto que, embora a tecnologia esteja presente no cotidiano, alguns estudantes têm dificuldades em manuseá-la nos laboratórios de informática.

Tais estratégias, permeadas pela flexibilidade de serem mediadas dentro e fora da escola, permitem que o docente consiga administrar e conciliar os trabalhos literários com mais organização, criatividade e, principalmente, satisfação, dado que, embora o tempo seja escasso, a sua persistência fará a diferença na construção de leitores e leitoras, que terão a oportunidade de viajar, imaginar e sonhar por meio das histórias lidas e participadas por cada um ou em um processo coletivo.

Outra importante reflexão que intervém na relação entre professor e a leitura literária pauta-se em sua própria formação, a qual deve ser constante e incentivadora para que assim esse profissional da educação seja um farol com o propósito de dissipar a ideia cristalizada que a maioria dos aprendizes tem sobre o ato de ler livros literários, pois muitos afirmam ser chato e desnecessário e assim vivenciam uma relação de conflito e resistência, situações cada dia mais discutidas dentro das esferas educacionais.

Por isso, o docente precisa estar preparado tanto em relação aos conteúdos e repertórios para uma mediação produtora, como também em sua prática didática para a aplicação dos seus conhecimentos, pois quando “uma metodologia é totalmente programada por um roteiro, utilizando técnicas que tentam objetivar a leitura literária, tratando-a como um mero papel instrumental, é um caminho quase certo para o desinteresse dos alunos”, como indica Elana Gonçalo de Araújo (2020, p. 17).

Contra-pondo-se a tal postura metodológica, Aguiar (1988), indica algumas orientações para a formação do professor nas aulas de literatura:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura literária, deve cumprir certos requisitos com: [...] professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor (AGUIAR, 1988, p. 17).

Nessas circunstâncias, sugere-se a elaboração de uma Sequência Didática Básica ou Expandida, como indicada por Rildo Cosson em seu livro **Letramento Literário: teoria e prática** (2020), que, aliás, é a base do Produto Educacional deste trabalho. Tal estratégia, por meio das etapas elencadas na obra, contribuirão para letrar, sistematizar o conteúdo abordado e, sobretudo, nortear os avanços obtidos

pelos aprendizes, além de despertar um outro olhar para a leitura literária, visto que, dialogicamente, terão a oportunidade de interagir, compartilhar e criticar, desenvolvendo o letramento literário, o qual visa a potencializar a capacidade do leitor, levando-o a mergulhar para além das linhas do texto e a ampliar seus conhecimentos literários

É imprescindível pensar em alternativas pedagógicas a fim de ressignificar a prática literária, começando especialmente pelo próprio professor que, para começar, precisa acreditar na força que a leitura tem quando bem trabalhada. Ele deve ser, em primeiro lugar, o incentivador e, posteriormente, o mediador e facilitador diário dessa certeza.

Por fim, em tempos em que a tecnologia impera na sociedade e adentra o ambiente escolar, cabe referenciá-la a partir de sua utilização pelo educador, contudo muitos ainda são resistentes às inovações, muitas vezes, por falta de uma formação adequada. Os cursos de graduação não preparam os futuros profissionais, e essa constatação passou a ser mais evidente a partir da década de 90, quando as universidades passaram a ofertar a modalidade de ensino a distância (EAD).

Tal proposta tinha como principal objetivo promover uma educação para estudantes que realmente não podiam frequentar as salas de aulas, todavia o que era para ser exceção, tornou-se muito comum.

Nota-se que, hoje, oferecem-se muitos cursos de formação, os quais têm mensalidades mais acessíveis, horários flexíveis e com a certificação mais rápida. Em contrapartida, muitas dessas instituições adotam sistemas de apostilas, com os conteúdos sendo mediados pela tecnologia e, sobretudo, sem um investimento adequado nos profissionais, quando o ideal para formar bons professores é propiciar um ambiente interativo, com trocas e aprofundamentos de conhecimentos e estágios supervisionados para que o formando possa ter uma experiência no espaço escolar.

Diante do exposto, acredita-se que a formação dos professores deve começar na graduação, seja presencial ou a distância, e ser permanente na prática pedagógica, contribuindo para que a precarização educacional seja estancada e uma educação de qualidade realmente aconteça.

Ainda sobre a necessidade do docente se capacitar, há a seguinte constatação:

A formação do professor deve ocorrer de forma permanente e para a vida toda. Sempre surgirão novos recursos, novas tecnologias e novas estratégias

de ensino e aprendizagem. O professor precisa ser um pesquisador permanente, que busca novas formas de ensinar e apoiar alunos em seu processo de aprendizagem (JORDÃO, 2009, p.12).

Dados os aspectos didático-pedagógicos, compreende-se que ao propiciar uma formação continuada permanente sobre as práticas tecnológicas, propicia-se um aprendizado que vai além da técnica e instigará algumas reflexões, as quais surtirão efeito de desfazer possíveis dúvidas e inseguranças, tornando mais confortável e prazerosa a utilização das ferramentas. Como consequência dessas instruções, as aulas serão mais proveitosas e participativas, já que imediatamente haverá identificação por partes dos alunados. Apregoa-se que atrelar o conhecimento educacional à tecnologia é uma realidade pavimentada pelas evoluções constantes e os educadores precisam estar atentos a esses avanços:

Nós, educadores, temos de nos preparar e preparar nossos alunos para enfrentar exigências desta nova tecnologia, e de todas que estão a sua volta – A TV, o vídeo, a telefonia celular. A informática aplicada à educação tem dimensões mais profundas que não aparecem à primeira vista (ALMEIDA, 2000, p. 78).

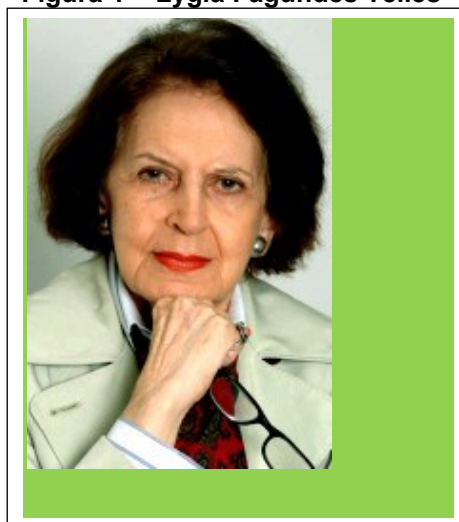
Ressalta-se, porém, que a tecnologia não substituirá o papel do educador, pelo contrário, possibilitará mais estratégias didáticas, além de promover o multiletramento, trazendo uma nova perspectiva de ensino, como também de aprendizagem para os discentes.

É primordial compreender que o docente é por excelência o mediador no processo educacional, independente das inovações digitais que têm adentrado no ambiente escolar, até porque ainda que haja disponíveis os mais variados recursos tecnológicos e o professor permanecer com o mesmo tipo de aula expositiva, utilizando sempre a mesma metodologia e não priorizar o conteúdo abordado de maneira dinâmica, as práticas mecânicas serão perpetuadas, comprometendo uma educação de qualidade, que faça a diferença na vida dos estudantes e, por consequência, na sociedade.

Entende-se que discutir sobre a literatura, leitura literária e a prática docente deve ser uma atitude incansável, sempre almejando ter novos olhares, novas perspectivas, tendo como foco uma literariedade que promova o protagonismo do professor e de seu aluno, em prol de uma aprendizagem que permita descobertas e construa pontes entre o ser e o ler.

### 3 LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA TRAJETÓRIA LITERÁRIA INTERMINÁVEL

Figura 1 – Lygia Fagundes Telles



Fonte: site <https://www.algosobre.com.br/biografias/lygia-fagundes-telles.html>

“Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira”  
(TELLES, 2018, p. 111).

Na manhã de outono, do dia três de abril de 2022, na cidade de São Paulo, morreu Lygia Fagundes Telles, aos 99 anos, de causas naturais. Autora da literatura nacional, é uma das mais referenciadas escritoras de nosso país, detentora de obras inigualáveis e únicas, as quais, com certeza, ficarão eternizadas na memória e no coração de todos, pois seu legado viverá para sempre.

A escritora nasceu em 19 de abril de 1923, na cidade de São Paulo. Sua infância foi vivenciada no interior do estado, juntamente com seu pai, o advogado Durval de Azevedo Fagundes, que também foi promotor público, e sua mãe, Maria do Rosário, uma pianista. Ao retornar à capital, a escritora estudou o curso fundamental na Escola Caetano de Campos e em seguida ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

Nesse período conheceu Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, entre outros, com os quais discutia política, filosofia, arte e, sobretudo, literatura. Formou-se e logo adentrou na Escola Superior de Educação Física. Como estudante, colaborou com contos e poemas nos jornais “Arcádia” e a “A Balança”, os dois vinculados à Academia de Letras da faculdade.

No matrimônio, teve sua união estabelecida com Godofredo da Silva Telles Júnior, pai de seu único filho Godofredo Neto, nascido em 1952, e falecido em 2006. Começou a trabalhar em 1961, no Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, como procuradora, aposentando-se em 1991. Teve seu casamento desfeito em 1960 e três anos depois passou a se relacionar com o crítico de cinema e ensaísta Paulo Emílio Salles Gomes.

Em 1977, esse veio a falecer e Lygia Fagundes Telles encarregou-se da presidência da Cinemateca Brasileira, com a qual permaneceu vinculada até metade dos anos oitenta. Posteriormente, foi eleita para a Academia Paulista de Letras, em 1982, e em 1987 assumiu na Academia Brasileira de Letras (ABL) a cadeira nº16, vaga de Pedro Calmon, a qual tem como patrono Gregório de Matos Guerra.

Elucida-se que antes de a escritora em foco assumir essa cadeira, somente duas representantes femininas participavam da ABL - Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz. Posteriormente, outras escritoras ingressaram: Nélida Piñon, Zélia Gattai, Ana Maria Machado e, mais recentemente, Fernanda Montenegro, em 2022.

Todavia, a trajetória literária de Telles começou cedo, pois logo que fora alfabetizada, antes de completar 10 anos, a renomada escritora reproduzia em seus cadernos escolares as histórias que ouvia, contadas por uma pajem, a Maricota, que pontilharam sua imaginação. As narrativas eram aterrorizantes e aludiam às fadas, bruxas, sacis, mula-sem-cabeça, tempestades, florestas encantadas (entre outras fantasias possíveis), as quais ficaram guardadas em suas lembranças e que iriam alimentar suas obras, alinhavando os seus contos e romances.

No ano de 1938, com 15 anos apenas e com a ajuda de seu pai estreou na literatura com a obra **Porão e Sobrado**, um livro de 12 contos, considerados como ginasianos. Por isso a escritora passou a ter certa indisposição em relação à obra, pois considerava que seu livro de estreia não representava seu melhor enquanto autora literária. Todavia, como explicado na Folha de Rosto – Histórias de porões e sobrado – nos **Cadernos de Literatura Brasileira nº 5** (1998, p. 6), tal obra já conduziria às futuras produções de Lygia Fagundes Telles, haja vista que “O que tem feito a escritora nestes 60 anos a não ser alojar em sua ficção criaturas que, indistintamente, padecem em porões e sobrados? (A dor é unânime, diria uma de suas



personagens)”. Informa-se que na capa de **Porão e Sobrado** há somente a assinatura como Lygia Fagundes. Posteriormente, passará a assinar como Telles.

Em 1944 faz sua inauguração na literatura oficial, por meio da publicação de coletânea de contos **Praia Viva**. Em 1949, foi publicada a segunda obra, outros contos reunidos no livro **O Cacto Vermelho**, com o qual recebeu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. A partir do lançamento dessa obra, Lygia passa então a assinar suas obras por Telles, de Goffredo da Silva Telles Junior, sobrenome de seu marido.

A década de 1940 foi produtiva para a prosadora e é nesse momento também que passa a ser associada à terceira geração modernista de 1945, juntamente com escritores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, dentre outros pilares dessa fase. Esses autores tinham como prioridade trabalhar na prosa e na poesia as questões psicológicas do indivíduo, trazendo-o para centro das discussões, perscrutando em tom intimista os seus conflitos em sociedade, provocando uma permanente reflexão sobre seus comportamentos e relações interpessoais em meio à modernidade em que ele está inserido.

Nessa perspectiva, os textos lygianos são exímios exemplos, por retratarem essas complexidades psicológicas e trazerem como características marcantes o estilo indireto livre e o fluxo de consciência, para descrever seus personagens, tornando-os tão únicos e inesquecíveis por tratarem os problemas com um olhar aprofundado, reflexivo e, sobretudo, envolver os leitores nos emaranhados e nos desenlaces das dificuldades provindas da existência humana. A esse respeito, destaca-se a seguinte observação:

[...] a literatura brasileira recebia grande afluência de narrativas introspectivas, cuja abordagem gira em torno dos problemas individuais de personagens que habitam as cidades e enfrentam a solidão, os problemas nos relacionamentos humanos, os medos contemporâneos, a falta de liberdade individual e coletiva (BETELLA 2010, p. 13).

Entende-se assim que, embora a segunda geração modernista – a chamada geração de 30 – abordasse veementemente os problemas sociais, por meio dos romances regionalistas e urbanos, os quais retratavam criticamente o cenário real da época, permeado pelas desigualdades sociais e injustiças, situações ainda muito presentes nos tempos atuais. Acredita-se que Lygia Fagundes Telles soube, com maestria e sem ingenuidade, trazer essas questões para a fase da qual ela fez parte, trabalhando as consequências desse abismo social nos relacionamentos humanos

nas próprias histórias e nas personagens que criara. Mostrou suas tensões e desilusões de forma psicológica e introspectiva, firmando-se o existencialismo no tear de suas obras, as quais tratam de diversos temas universais, como o amor, o medo, a política, a loucura e a morte.

Segundo o livro **Lygia Fagundes Telles, Literatura Comentada**, os assuntos abordados pela autora “[...] giram em torno de um conflito central: o relacionamento personagem/mundo e as consequências de tal relacionamento para as camadas mais profundas do ser humano” (MONTEIRO, 1980, p. 104). Nada passa desatento ao olhar de Telles, que observa os detalhes e faz com que seus leitores aprendam também a notá-los, enriquecendo, por sua vez, o conhecimento literário. Enfatiza-se uma vez mais que a contista transita com muita naturalidade entre as questões psicológicas, sociais e históricas, em um bordado que compõe a travessia de seus personagens.

Em consonância com tal pensamento, Alfredo Bosi (2013, p. 411) apregoa ainda que as obras referentes às décadas de 30 a 50 expõem “[...] que novas angústias e novos projetos enformavam o artista brasileiro do século XX, e o obrigavam a definir-se na trama do mundo contemporâneo”. É nessa perspectiva que a literatura lygiana adentra o indivíduo, o qual se identifica com as histórias que têm vieses psicológicos e abordam a forma subjetiva do ser humano em lidar com conflitos externos.

Por isso reforça-se que suas obras, sejam romances ou contos, são adjetivadas como intimistas e introspectivas em muitos momentos, sobretudo quando a condição feminina é discutida, porém tais características não têm a intenção de expor fragilidades levemente. Ao contrário, busca-se testemunhar o ressignificar de toda experiência frente à realidade muito particular de cada um e, especialmente, suas miudezas, enxergadas por poucos.

Acredita-se, então, que a ficção lygiana por ter essa característica de adentrar no obscuro de cada pessoa é capaz de envolver a todos, sejam estudiosos ou comuns leitores que fazem a experiência de mergulhar em suas linhas, emergindo inquietudes e questionamentos, mexendo e remexendo nos sentimentos humanos, despertando reflexões acerca das vivências favoráveis ou contrárias. Em comunhão com os dizeres acima, Temístocles Linhares (1973, p.109) registra que a ficção da prosadora tem como disposição primordial “ir à essência dos problemas e da própria vida, embora

muitas vezes para apontar o que possa haver nela de execrável”, e são essas misérias que trazem uma identificação tão singular com as obras lidas.

Dando sequência ao caminho literário da escritora, em 1954 há a publicação de **Ciranda de Pedra**, livro notável por representar seu primeiro romance. De acordo com a autora, tal obra é “um divisor de águas dos livros vivos e dos outros” (TELLES, 2000, p. 8), e essa menção é tão creditável, pois a obra em questão foi adaptada em dois momentos para a dramaturgia, ou seja, telenovelas: a primeira em 1981 e a segunda, em 2008, exibidas pela Rede Globo de televisão.

Nela já se percebia a maturidade da contista e o quanto ela era atenta às situações que até os dias de hoje permeiam a sociedade e das quais emergem muitas discussões, suscitando reflexões, sobretudo em comportamentos preconceituosos e segregadores, como “adultério, loucura, homossexualismo feminino, a impotência masculina, a falta de perspectivas profissionais, o trauma da ausência do pai etc., tudo isso costurado sobre o pano de fundo da decadência de uma certa estrutura familiar [...]” (CADERNOS ..., 1998, p. 35).

**Figura 2 – Livro Ciranda de Pedra**



Fonte: LEITE, 2022.

Embasada pela leitura da dissertação **Os (des) enredos do amor**: a narrativa do fracasso amoroso em contos de Lygia Fagundes Telles, de Maria José Amaral Viana (2010, p. 18), pode-se observar um pouco mais da cronologia de publicações da consagrada autora. Assim temos de forma mais organizada:

1 - *Romances*: **Ciranda de pedra** (1954), **Verão no aquário** (1963), **As meninas** (1973), **As horas nuas** (1989).

É fundamental ressaltar que o romance **As meninas** (1973), obra escrita no auge da ditadura militar no Brasil, retratava, por meio dos comportamentos dos personagens, as mazelas e os infortúnios a que estava submetida a sociedade da época. Temas como - liberdade sexual feminina, homossexualidade, participação política e oposição ao regime ditatorial, uso de drogas e, de forma audaciosa, até a descrição de uma sessão de tortura foram abordados pelas meninas: Lorena, Lião e Ana Clara.

Por esse livro tão relevante, Lygia Fagundes Telles foi premiada com o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras; e o de ficção, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

2 - *Coleções de Contos*: **Praia viva** (1944), **Cacto vermelho** (1949), **Histórias de desencontro** (1958), **Histórias escolhidas** (1964), **O jardim selvagem** (1965), **Antes do baile verde** (1970), **Seminário dos ratos** (1977), **Filhos pródigos** (1978), **Mistérios** (1981), **A noite escura e mais eu** (1995) e **Invenção e memória** (2000).

Enfatiza-se ainda, segundo Viana (2010), outras obras que possuem nuances mais memorialísticas e autobiográficas: **A Disciplina do amor** (1980), **Durante aquele estranho chá** (2002) e **Conspiração de nuvens** (2007). Nessas obras há um trabalho em que a experiência pessoal e a imaginação são embrenhadas por um tom mais invasivo, revisitando o passado. Evidencia-se que é a partir da reta final de sua produção literária que Lygia Fagundes Telles foi aos poucos entrando no terreno da ficção memorialística/autoficção.

Em um celeiro gigantesco de obras tão dissímeis, as quais foram traduzidas para diversos idiomas, como chinês, sueco, polonês, tcheco, inglês, espanhol, francês, italiano e alemão, tem-se a certeza de que Telles foi e continuará sendo um marco na literatura brasileira.

Em consonância com tal ideia, Silva (2009, p. 11), em seu livro, **Dispersos & Inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles, postula que “Poucos escritores conseguem a façanha de manter um fluxo editorial constante como ela ao longo de tantos anos e menos ainda são os que conseguem evitar um declínio na qualidade estética da sua produção tardia”. E ainda complementa que “Como os bons vinhos, Lygia Fagundes Telles apura-se com o tempo”. É por isso que essa escritora tem uma

trajetória literária primada pela excelência, e sempre será conhecida como a dama da literatura brasileira.

Dessa forma, inevitáveis grandes reconhecimentos e o recebimento de diversos prêmios literários, dentre eles os elencados em ordem cronológica após pesquisa em Viana (2010, p. 19) e também na coletânea de contos **Histórias de Mistério**, de Lygia Fagundes Telles (2011, p. 61), organizada por Rosa Amanda Strausz: Instituto Nacional do Livro, em 1958; o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, na França, em 1970; o Guimarães Rosa, 1972; o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, 1973; **Seminário dos Ratos**, premiado pelo PEN Clube do Brasil, em 1977; o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro 1980; o Pedro Nava, de melhor livro do ano, 1989. Já em 1995, recebeu os prêmios Arthur Azevedo da Biblioteca Nacional, Jabuti e Aplub de Literatura e no ano de 2000, os textos do livro **Invenção e memória** receberam os prêmios Jabuti, APCA e Golfinho de Ouro.

Em 2005, a escritora foi prestigiada com o prêmio Camões, o maior da literatura de Língua Portuguesa, uma distinção que já foi entregue a João Cabral de Melo Neto, José Saramago e João Ubaldo Ribeiro, entre outros. Em dezembro de 2009, ela foi agraciada com o Troféu Juca Pato, Prêmio Intelectual do ano de 2008, promovido pela União Brasileira de Escritores com o apoio da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Não escondendo sua influência por Machado de Assis, em 1967, em parceria com seu marido Paulo Emílio Sales Gomes, escreveu o roteiro **Capitu** para o cinema.

Figura 3 – Cena de Capitu



Fonte: LEITE, 2022.

Diante de importantíssimos reconhecimentos expostos acima, há um dos últimos recebidos em vida, aos 92 anos, no ano de 2015: o prêmio Fundação Conrado Wessel, na categoria Cultural. Salienta-se ainda que seus contos foram reeditados e republicados. Alguns, por exemplo, já estão na sexta edição, “Venha ver o pôr do sol” (seu conto mais famoso), “Natal na barca”, “As formigas”, “O menino” e “As pérolas”.

Acredita-se que a cada prêmio recebido, Telles recordava-se de sua afirmação sobre suas obras, que nomeava como engajadas, comprometidas com cenários precários e vulneráveis da saúde e pela educação, em um país como o Brasil. Inclusive, foi diante dessa certeza e de todo esclarecimento advindo de suas experiências, que, em suas obras, houve explicações de situações que são contrárias a uma vida digna e justa para todos.

Compreende-se a vasta trajetória da autora como sendo interminável, atemporal e de uma pertinência para todas as gerações de leitores, visto que para cada experiência, há um diálogo proposto em suas obras. Nesses enredos, encontramos o universo feminino, em uma perspectiva psicológica e reflexiva a fim de emergir para o centro da discussão o verdadeiro valor da mulher, que há muito tempo foi esquecida à margem da sociedade, vítima de um moralismo infundável.

Na questão social, percebem-se relevantes temas sendo abordados, como amor e suas complexidades, adultério e suas feridas muitas vezes incuráveis e as drogas, responsáveis pela destruição dos lares mundiais. A escritora percorre, ainda, o caminho do fantástico, tendo Edgar Allan Poe como referência. Na literatura fantástica, Lygia Fagundes Telles apresentou as temáticas ligadas ao insólito, impregnadas de fatos misteriosos, os quais são conduzidos a um desvelamento inquietante, questionador e muito perturbador dos personagens envolvidos.

Posto isso, a presente escritora é uma fonte riquíssima de conhecimento e de pluralidade literária, proprietária de produções, cujas qualidades são inquestionáveis e de uma sensibilidade permeada de delicadeza genuína. É por esses e outros predicativos que o *corpus* deste estudo tem Lygia Fagundes Telles e seus contos como alicerce, em uma perspectiva de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, buscando levar à sala de aula leituras e descobertas indescritíveis dos contos lygianos, como também propiciar o conhecimento da fortuna crítica lygiana herdada pela história literária.

Como prova da importância de se aventurar na trajetória da autora, tem-se o seguinte depoimento do escritor e crítico literário Julián Fuks, no episódio “Narradores do Brasil: os mistérios de Lygia Fagundes Telles”, do *Podcast 451MHz*<sup>1</sup>.

O que sinto que se ganha na leitura da Lygia Fagundes Telles é sobretudo uma lição de sutileza, aquilo que a autora chama de meio tom, zona cinzenta, em que nada chega a se tornar muito óbvio, muito transparente, pelo contrário, muito lentamente a autora vai se aproximando do sentido, sem, no entanto, chegar a obscurecer a mensagem ou obscurecer a linguagem, pelo contrário, quando a gente se aproxima do final do texto sem nenhuma verdade, o sentido se faz muito cristalino, muito potente (FUKS, 2021).

Dessa forma, a seguir, pretende-se fazer uma breve retomada sobre o surgimento do conto e suas principais características para, posteriormente, desvendarmos algumas obras da escritora que soube, magnificamente, narrar suas histórias imbuídas de mistérios e magia, por vezes perpassando pelo extraordinário e o inexplicável.

### 3.1 Contos: como começaram a contá-los?

De maneira muito breve há uma explicação do remoto surgimento do gênero conto. Para a autora Gotlib (1985) em seu livro **Teoria do conto**, precisar quando se iniciou a contagem de estória é improvável, pode-se dizer que data de tempos longínquos, onde a escrita não se fazia presente, e a oralidade era o meio de compartilhar as narrativas. Segundo a mesma pesquisadora (GOTLIB, 1985, p. 6): “Para alguns, os contos egípcios - Os contos dos mágicos - são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4000 antes de Cristo”.

Ainda nesse percurso histórico orientado por Gotlib, chega-se aos irmãos bíblicos Caim e Abel ou os textos literários clássicos greco-latinos representados por **Ilíada e Odisseia**, de Homero, até adentrar nos contos do Oriente, retratados pelas **Mil e uma noites**, que circulou pelos territórios da Pérsia (século X), Egito (século XII) e Europa (século XVIII).

Já no século XIV tem-se outra mudança, pois os contos transitam da oralidade para a escrita, e, nesse momento, então, os contos eróticos de Boccaccio em **Decameron** (1350) passam a ser traduzidos por várias línguas e assim “rompem com o moralismo didático: o contador procura elaboração artística sem perder, contudo, o

---

<sup>1</sup> Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zTpeZNTNTKc>

tom da narrativa oral. E conserva o recurso das estórias de moldura” ou, melhor dizendo, as estórias passam a ser contadas de uma pessoa para outra. **Os Canterbury tales** (1386), de Chaucer (GOTLLIB, 1985, p. 7), por sua vez são narrados “numa estalagem por viajantes em peregrinação”. Acredita-se ser importante fazer memória desses principais contos pertencentes à Idade Média, porque eles foram fundamentais para o desenvolvimento da narrativa curta moderna e, com certeza, para outras histórias que irão tecer os séculos vindouros e enriquecer a cultura literária e, sobretudo, a imaginação das pessoas.

Com o passar do tempo, a escrita prevalece com a nova forma, como o gênero é exposto e, a partir do século XIX, há um desenvolvimento com a expansão da imprensa, possibilitando, então, a publicação dos textos em revistas e jornais. Ainda de acordo com a teórica, é nesse momento, portanto, a criação do conto moderno, ou melhor, *short story*, tendo como expoente o escritor americano Edgar Allan Poe que, por sua vez, segundo Gotlib (1985, p. 32) coloca que há um “princípio de relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa”.

Silva (2009, p. 15) explica que o conto “é uma produção literária típica da modernidade: a sua extensão reduzida condiz com o tempo escasso e com o ritmo acelerado da vida de hoje”. Acrescenta-se que o conto é um gênero que pertence à ordem do narrar, diferente da novela e do romance, por exemplo, e de acordo com Lucas (1983, p. 113), há nele características específicas fundamentais, como:

a) ser sintético; b) ser monocrônico; c) dar relevo a um acidente não comum da vida. Quanto mais exato, mais frisante, mais original for o relevo, melhor o conto. Acrescido a este relevo a correção gramatical, a beleza estética e filosófica, teremos o conto perfeito (LUCAS, 1983, p. 113).

Complementando a ideia acima, Nelly Novaes Coelho (2000, p. 71), em sua obra **Literatura Infantil**, afirma que “Tudo no conto é condensado; a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta...”. E como a própria autora explica, o gênero em questão tem se revelado desde os primórdios “como a forma privilegiada da literatura popular e da infantil” (COELHO, 2000, p. 71). Assim sendo, o conto é um dos gêneros que tem se pulverizado no espaço escolar e se tornado muito propício às práticas de leitura literária, visto que, por ser breve, mas não menos profundo, acaba por facilitar um melhor entendimento das histórias contadas.



A partir da Dissertação de Mestrado de Flávio Jorge de Souza Leal (2016), **Leitura de contos das obras “Literatura em minha casa”**: uma proposta para o 9º ano do Ensino Fundamental há explanação cronológica da presença do gênero conto no Brasil. Conforme o autor, no século XIX, os jornais já contavam com publicações de Machado de Assis, um marco para a época, com cinco coleções de contos, tendo aproximadamente uns duzentos no total. Destaca-se entre 1896 e 1899, a publicação dos livros de contos: **Várias histórias e páginas recolhidas**, contendo o célebre conto “Missa do galo”, além de “A cartomante”, “O alienista” e “Cantigas de esponsais”. Logo, é essencial mencionar outros relevantes escritores que ao longo de suas trajetórias literárias contribuíram para a disseminação do conto e sua perpetuação na história.

Na prosa romântica, Bernardo Guimaraes, autor dos romances **O seminarista**, 1872, e **A escrava Isaura**, 1875, também seguiu para os contos – “Lendas e Romances”, 1871, “A dança dos Ossos”, 1871 e “O Pão de Ouro”, 1879. Destacou-se por sua linguagem simples e popular, que estabelecia quase que uma conversa com seus leitores (literatura oral) ao narrar as histórias de sua região de Minas Gerais e Goiás, primando pelos costumes e tradições da vida rural.

Aluísio Azevedo, representante do Naturalismo no Brasil, é reconhecido escritor dos renomados romances, **O Mulato**, **O Cortiço** e **Casa de Pensão**. Como contista não foi muito reconhecido, pois seus escritos foram considerados como rascunhos, um prenúncio para obras futuras, a exemplo de “Inveja”, inserida na coletânea de contos **Demônios**, 1895, uma síntese de seu romance **A mortalha de Alzira**. Seguindo ainda as escolas realista/naturalista, o escritor Inglês de Souza é outro representante do gênero conto, também enveredando pelo fantástico e o imaginário popular, expondo-os no livro **Contos amazônicos**, publicado em 1893.

Já Arthur Azevedo, apontado por Alfredo Bosi (2006, p. 245), em sua obra **História concisa da Literatura Brasileira**, como “Um nome a parte” na escola literária parnasiana, escreveu contos desde 1871, todavia somente em 1889, reuniu alguns deles no volume **Contos possíveis**, dedicados a Machado de Assis. Já em 1894, publicou sua segunda obra de histórias curtas, **Contos fora de moda**, e em 1897, **Contos efêmeros**. Após sua morte, foram publicado **Contos cariocas e Vida alheia**. Com seu irmão, o escritor Aluísio Azevedo foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Adentrando ao Pré-Modernismo, há Lima Barreto e Monteiro Lobato como dois exímios contistas da literatura nacional, ambos se assemelhando por enredar em seus contos uma crítica geral à sociedade da época.

Lima Barreto é atestado por Afrânio Coutinho (2004, p. 218) em sua obra **Literatura no Brasil** como um “afã absorvente a crítica social”, haja vista sua obra **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Assim também acontece em alguns contos, como “O homem que sabia javanês”, “Um especialista”, “A nova Califórnia”, que terão seus temas, ambientes e personagens extraídos do próprio contexto social, no qual são discutidas situação econômica, política e cultural. Monteiro Lobato, por sua vez, eternizado pelos seus personagens brasileiros, o caipira Jeca Tatu e a boneca Emília, traz em quase todos seus contos o pessimismo e o desespero, amenizados por uma ironia amarga. Como exemplo dessa característica, apresenta-se a obra **Urupês**, 1918, com uma série de 14 contos, que retratam alguns aspectos da vida do caipira, além de **Cidades mortas** e **Ideias de Jeca Tatu**, 1919 e **Negrinha**, em 1920.

Perfazendo ainda um caminho até chegar a Lygia Fagundes Telles, alguns contistas do Modernismo também merecem ser ressaltados, como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa.

Autor da obra **Macunaima**, 1928, Mário de Andrade, foi uns dos responsáveis pela Semana de Arte Moderna. Prosador, poeta e crítico literário, no gênero conto ganhou notoriedade o seu livro **Contos novos**, de 1947, cuja publicação foi póstuma, reunindo nove enredos de caráter mais intimista, retratando um período de crise pessoal do autor. Por sua vez, Carlos Drummond de Andrade é um dos mais importantes poetas da literatura brasileira e seus textos mesclam assuntos da sociedade regional e urbanizada. Sua versatilidade estende-se a outros gêneros, como crônicas e contos.

Por meio dos contos, foi premiado no concurso Novela Mineira, com a publicação de “Joaquim no telhado”, 1922. Outras obras que completam esse gênero são: “O gerente”, 1945, “Contos de aprendiz”, 1951, “70 historinhas”, 1978, “Contos plausíveis” 1981, “O pipoqueiro da esquina”, 1981, “História de dois amores”, 1985 e “Criança dagora é fogo”, 1996.

Ainda nesse caminho de escritores contistas, Guimarães Rosa, 1908, foi considerado um dos mais importantes escritores brasileiros, dono de vocábulos inovadores, neologismos e aforismos. Suas narrações são verdadeiras tecituras por

terem as partes bem entrelaçadas e coesas. Autor de obras significativas, como **Corpo de Baile**, 1956, **Grande sertão: veredas**, 1956, **Magma** (póstumas), 1997, além de **Sagarana**, sua primeira obra publicada em 1946, que reúne nove contos.

A prosa rosiana retrata personagens pertencentes ao ambiente rural, permeados por vilarejos e fazendas, no norte de Minas Gerais, onde “o tempo é indefinido e distante da civilização” (PEREIRA, 2000, p. 425). Ainda segundo a mesma autora, Guimarães Rosa não chega ser um escritor regionalista, pois “as situações vividas por essas personagens se passam num mundo irreal, encantado, cheios de símbolos, pondo em relevo situações que, aparentemente regionais, são universais” (PEREIRA, 2000, p. 425).

Clarice Lispector foi uma representante feminina dos romances, contos, crônicas e literatura infantil na geração de 45. Ela é autora intimista, que prescrutava o interior dos personagens, evidenciando o interior, a subjetividade de cada indivíduo. Os enredos clariceanos abordam as temáticas existencialistas, destacando a solidão, os desencontros afetivos e a dificuldade entre as pessoas em se comunicarem.

É autora de alguns romances como **Perto do coração selvagem**, 1942, **A paixão segundo GH**, 1964 e **A hora da estrela**, 1977. Entre os contos, destacam-se “Laços de família”, 1960, “Felicidade Clandestina”, 1971 e “Imitação da Rosa”, 1973. Sobre esses trabalhos, Alfredo Bosi (2006, p. 452) diz que “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise”.

Saindo do Modernismo e chegando à contemporaneidade, percebe-se que o gênero conto ainda traz muito interesse aos escritores e leitores, ganhando novas formas e temas que correspondem às necessidades de uma sociedade moderna. Assim, novas modalidades foram palmilhando as produções literárias, como o “modo realista, passando pelo território do estranho e do fantástico e chegando a uma prosa fragmentada e/ou contaminada pelo computador e pela web” (MELLO, 2008, p. 1).

Nessa nova seara, têm-se como representantes J.J.Veiga, Murilo Rubião, Moacyr Scliar e Amílcar Bettega Barbosa, autores que se aproximaram de Lygia Fagundes Telles por também explorarem o insólito e o estranho em seus enredos, tendo como um dos objetivos principais instigar os leitores à reflexão crítica acerca da sociedade atual e seus valores, (MELLO, 2008, p. 1).

Ressalta-se que tais exemplos mencionados acima frequentemente têm seus contos espelhados em forma de fragmentos ou resumos nas páginas dos livros didáticos, como proposta de leituras interpretativas nas salas de aulas. Em alinhamento a tal fato, há a seguinte constatação de Rildo Cosson (2020):

Aliás, como se registra nos livros didáticos, os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leitura. Em seu lugar, entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas (COSSON, 2020, p. 21).

Não obstante, é fundamental reforçar que, mesmo diante do cenário descrito, cabe ao docente criar estratégias para que os alunos tenham acesso aos textos literários e neles se aprofundem. Dessa forma, sugere-se estimular momentos de leituras na sala de aula, individual ou colaborativa, agendar idas à biblioteca, organizar oficinas de leituras, promover e possibilitar acesso a documentos digitais e aplicativos que disponibilizem leituras de vários gêneros literários, entre outras estratégias. Ao adotá-las, a literatura será vista “[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência do mundo de seu leitor [...]” (COELHO, 2000, p. 46).

Ao pensar nessa perspectiva, em especial do conto e de sua análise como elemento de ensino e aprendizagem, é importante trazer o direcionamento de Vera Maria Tietzmann Silva em sua obra **Leitura Literária & Outras Leituras – Impasses e alternativas no trabalho do professor** (2009, p. 75), pois, segundo ela, “o aluno precisa conhecer seus elementos constitutivos e, para isso, é preciso uma aula expositiva que contemple de uma só vez toda a teoria essencial, ou momentos teóricos antecedendo ou intercalando a leitura de vários contos”. Nota-se que tal metodologia deverá ser adotada mediante o perfil da turma, por isso, o olhar atento e comprometido do educador.

Com relação aos tipos de contos há, de acordo com Reis (1987), os de humor, fantásticos, mistério e terror, realistas, contos psicológicos, sombrios, cômicos, religiosos, minimalistas, eruditos e maravilhosos. Já para autora Marta Moraes da Costa, (2008, p. 169) em sua obra **Teoria da Literatura II**, há algumas diferenças que se estabelecem entre eles a partir do efeito produzido no leitor: “(humor, mistério),

pela atmosfera dominante na narrativa (fantástico, cômico, religioso) ou pelo tratamento dados às personagens (minimalista, erudito)”.

Destaca-se que o público leitor do gênero conto é aquele que busca refletir a partir das narrativas ficcionais sobre seu cotidiano, que muitas vezes é estressante. Então podem funcionar como uma “válvula de escape” ou somente querem ler pela fruição que as histórias proporcionam. Além disso, ainda pelo esclarecimento de Abaurre (2007), por serem obras curtas, os contos são indicados para esse mundo contemporâneo, haja vista que são leituras rápidas e fluídas, indo ao encontro dessa falta de tempo que as pessoas têm vivenciado. Para fundamentar tal posicionamento a respeito do conto, tem-se a defesa de Bosi (1974, p. 17):

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora, é o quase-documento folclórico do cotidiano, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa votada às festas da linguagem (BOSI, 1974, p. 17).

Após essa breve explicação sobre o gênero conto, a partir de posicionamentos teóricos, evidencia-se ser importante que o professor não somente trabalhe com os contos enquanto leituras, mas também apresente à turma a parte teórica, destacando a sua origem e percurso dentro da literatura, o conto enquanto gênero e suas características, como, por exemplo, de ser um texto de curta extensão, com poucos personagens, tempo e espaços reduzidos. No entanto, esclarece-se que não é necessária uma extensiva teorização literária do conto quando a etapa for do Ensino Fundamental Anos Finais, como é o caso do presente estudo.

A partir dessa iniciativa, acredita-se que o docente terá mais facilidade de aos poucos ir introduzindo os estudantes nas esferas literárias e mostrar o quanto elas são importantes para sua formação, visto que por meio do conto é possível entrar em contato com diversas produções, fazendo a transposição ao romance, à novela e até mesmo para os textos que não pertencem à ficção, além de proporcionar o desenvolvimento de várias atividades pertencentes a outras linguagens.

Essa vereda teórica poderá ser complementada com as tipologias contistas, a fim de torná-las conhecidas, sabendo que vão além do conto maravilhoso ou de fada, mas que há o de mistério, fantástico, dentre outros já contemplados no interior desse trabalho. Dessa forma, por se tratar de variados tipos de contos, sugere-se que o professor trabalhe alternadamente, priorizando as temáticas que cada um traz em

suas narrativas, desenvolvendo a proficiência da leitura literária dos aprendizes, preparando-os para o Ensino Médio.

### 3.2 Memórias Ativas: Os contos de Lygia Fagundes Telles – um olhar para as narrativas plurais da contista

Lygia Fagundes Telles já tinha consciência de sua vocação literária e, para tanto, o gênero conto foi escolhido para exercê-la, embora, destaquem também os romances que, com brilhantismo, escreveu: enredos fortes e profundos. Em entrevista aos **Cadernos de Literatura Brasileira** (1998), Lygia Fagundes Telles declara:

Eu percebo que está começando a nascer um conto quando, ao analisar as personagens, vejo que elas são, de certo modo, limitadas. Elas têm que viver aquele instante com toda a força e vitalidade que eu puder dar, porque nenhuma delas vai durar. Isso quer dizer que, com elas, eu preciso seduzir o leitor num tempo mínimo. [...] Preciso ser rápida infalível. O conto é, portanto, uma forma arrebatadora de sedução. É como um condenado a morte, que precisa aproveitar a última refeição, a última música, o último desejo, o último tudo (CADERNOS ..., 1998, p. 29).

Ainda no mesmo Caderno, a escritora complementa seus dizeres sobre o conto ao esclarecer:

[...] é verdade que desde o início eu já sei se vai sair um conto ou um romance. Escrevo na cabeça e deixo a coisa lá amadurecendo, como uma fruta. Quando vou para o papel já tenho o trabalho pronto [...]. Logo começo a pôr elementos de ficção, de repente vira um conto (CADERNOS ..., 1998, p. 29).

No livro **Seleta**, de Lygia Fagundes Telles (1971), a organizadora, Nelly Novaes Coelho, perguntou à contista sobre sua criação literária, e ouviu a seguinte resposta: “[...] é um ato de amor, outro mistério também. Nunca se sabe quando se aproxima, quando percebemos já estamos comprometidos até a raiz dos cabelos e a solução é ir até o fim” (TELLES, 1971, p. 12). Ao ser questionada acerca de como nascem suas histórias, a contista prontamente reponha: “[...] alguns contos tiveram origem numa imagem; outros, numa simples frase que devia ter ficado tatuada na minha memória, à espera do momento propício. Realmente é muito difícil explicar, não conheço ninguém que o possa” (TELLES, 1971, p. 12).

A exemplo têm-se os contos “Helga” e “Seminário dos Ratos”. O primeiro nasceu de uma leitura despreziosa, de uma notícia no jornal, e o segundo, a partir de um seminário contra roedores em São Paulo. Percebem-se os pormenores sendo descortinados aos olhos atentos da contista em meio ao cotidiano e que, não raras as vezes, infelizmente, passam despercebidos aos olhos de seus leitores.

De acordo com as notas acima, tem-se a convicção de Lygia Fagundes Telles ser singularmente autêntica, única em seu modo de ser e em seus escritos. Com ela, nada de modismo, de se deixar influenciar pelas tendências do momento. No Posfácio do livro **Os Contos**, de 2018, Walnice Nogueira Galvão escreve sobre a autora:

Depois vieram a saga da imigração, a ficção histórica, a prosa reivindicatória (de mulheres, negros, homossexuais), a desconstrução pós-moderna. Nada disso a abalou e ela persistiu firme, elaborando e depurando seu estilo, mantendo-se leal a ele e à literatura (GALVÃO, 2018. p. 742-743).

Além dessa personalidade tão inconfundível, persistente e refinada, mais uma vez frisa-se o reconhecimento de Telles por seus romances e contos, gêneros distintos e tão claros: a prosa pelo viés intimista e o aprofundamento no interior dos seus personagens, com suas angústias constantes, e o discurso fantástico, traçado pelo rastro da duplicidade, causando permanentes inquietações em seus protagonistas, além da predominância do suspense e mistérios.

Para dimensionar um pouco os trajetos percorridos pelas publicações de conto da autora, Vera Maria Tietzmann Silva (2009), em **Dispersos & Inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles, espelha na primeira parte, intitulada: *Contos*, o subcapítulo Coletâneas e antologias, o qual traz explicações importantes, que norteiam os trajetos percorridos pela escritora. Nele há diversas antologias, com coletâneas que trazem textos variados da contista e também textos da sua própria autoria.

Acrescenta-se ainda que, em novembro de 2018, foi lançada pela editora Companhia das Letras a mais recente e completa coletânea, intitulada **Os Contos**, onde é possível identificar sete obras da autora, sendo eles: **Antes do Baile Verde**, 1970, 18 contos; **Seminário dos Ratos**, 1977, 14 contos; **A estrutura da Bolha de Sabão**, 1991, oito contos; **A Noite Escura**, 1995, nove contos; **Invenção e Memória**, 2000, 15 contos; **Um Coração Ardente**, 2012, 10 contos e, por fim, os **Contos Esparsos**, com 12 contos. Uma verdadeira obra-prima, que ao longo de suas 749 páginas, presenteiam os leitores com uma diversidade de contos envolventes.

Na tessitura desses contos, com o passar do tempo houve algumas modificações, que somente privilegiaram os leitores. A esse propósito, a própria autora esclarece “Devo confessar que, não resistindo ao fascínio da tarefa artesanal, fiz cortes, acrescentei, reajustei, mas sem alterar a fisionomia original de cada

trabalho” (TELLES, 1971, p. 146). Acrescenta-se, a esse respeito, Linhares (1973, p. 15) que coloca:

Ela não se confinou nunca a um único tipo de conto. Não inovou muita coisa, mas os seus contos não se classificam como algo de “parecido com”, com algo que o leitor já leu. É que Lygia Fagundes Telles conserva a sua personalidade bem marcada (LINHARES, 1973, p. 15).

No celeiro contista de Lygia Fagundes Telles, a linguagem é sublinhada pelos aspectos da versatilidade, sutileza e sensibilidade, mas não menos vibrante e como notabiliza novamente Walnice Nogueira Galvão (2018, p. 741): a linguagem da escritora “é instrumento dócil, maleável, no brilho surdo do recato e da discrição. Recusou o chulo predominante na contemporaneidade, de que ela, todavia não se esquiva quando estritamente necessário – o que raramente ocorre”.

Mediante essas descrições, fica claro que os leitores de Telles são desafiados a todo instante a compreender seus escritos, até porque, segundo Coelho (1971, p. 144), o hemisfério lygiano “dá pleno acesso ao leitor, não é dos que exigem lenta penetração e gosto treinado, espicaçado, adquirido arduamente”, porém é preciso um debruçar e apurar sobre as entrelinhas traçadas cuidadosamente.

Ainda sobre a linguagem da escritora, Sônia Régis, *apud* **Cadernos** (1998, p. 89), complementa que é “substantiva, despojada dos excessos qualitativos”. Entende-se que Telles:

Serve-se da linguagem para transcender o real aparente e imediato, transportando-nos para a intimidade do objeto de seu conhecimento” e ainda “nos propõe pensar, seja sobre a pequena burguesia brasileira ou sobre as ocorrências cotidianas (jamais banais, como nos prova ela) (CADERNOS ..., 1998, p. 94).

Completando os dizeres sobre a linguagem lygiana, há a observação feita por Lourival Holanda, da Universidade Federal de Pernambuco:

Um escritor se percebe sobretudo pela sua atitude diante da linguagem. Fundo e forma se intercambiam num modo feliz. É assim grande parte dos textos de Lygia: uma sintaxe cuidadosa que fabrica uma visão de mundo singular. Não traz o intuito sinuoso da poética de Clarice Lispector (1920-1977), nem a contundência de Hilda Hilst (1930-2004). Lygia mascara de simplicidade a rudeza de seu real, faz parecer simples a trama de sua narrativa; depois, desconcerta o leitor e faz da surpresa, satisfação. Marcas de um registro literário encorpado, de nervos firmes (HOLANDA, 2022, p. 31).

Ao pensar nas temáticas abordadas pela escritora, tem-se a seguinte exposição feita por Coelho:

Focalizada sempre no plano das relações humanas, as personagens que habitam o seu mundo ficcional são, todas, criaturas interiormente



desarvoradas, perdidas em si mesmas, afundando-se na própria consciência como areias movediças” (COELHO, 1971, p. 145).

Complementa-se, uma vez mais que Lygia Fagundes Telles é versátil em suas temáticas, passeando com muita propriedade pelas histórias de seus personagens, pelas nuances que são apresentadas ao longo de cada enredo. Assim são observadas narrativas que contam sobre o amor e seus desencontros, homens e mulheres em uma busca incessante para preencher um vazio que nem sempre é preenchido, pois as pessoas são falhas.

À vista disso, é salutar revelar que os temas abordados pela autora em suas obras não são advindos de pesquisas, mas de exemplos colhidos diariamente no cotidiano das pessoas, de suas relações interpessoais e com o mundo: “desde pequena eu gosto de falar com exemplo – quando precisei saber como era o ambiente em que trabalhava uma *taxi girl*, fui conversar com meu irmão [...]” (CADERNOS ..., 1998, p. 36). Agrega-se a esse pensamento Silva (1984, p.11), ao ratificar que Telles “pertence à classe dos escritores do mundo. Sua prosa não se circunscreve aos estreitos limites do aqui e do agora, mas transcende-os”. Conclui-se, portanto, que seus temas são universais, discutidos por todos.

Aludem-se ainda entrecos que trazem figuras mágicas como anões e animais (rato), em um processo de antropomorfização, como pode sugerir o conto “Seminário dos Ratos”, além de “Emanuel”, “Tigreela” ou zoomorfização – borboleta, pássaro no conto “Lua crescente em Amsterdã”, acrescentando-se a esse o conto ainda “A caçada”. Compartilham-se ainda outros contos de Lygia Fagundes Telles que discutem e instigam o leitor a refletir sobre os processos de metamorfoses físicas ou comportamentais vivenciadas nas relações interpessoais, as quais, muitas vezes, causam a inconstância emocional e a degradação humana: “O encontro”, “Verde Lagarto Amarelo”, “A recompensa” e “Herbarium”, entre outros. Na verdade, a maioria das obras da autora trazem as introspecções e os desajustes existenciais.

Outro destaque são os espaços que influenciam diretamente o transcorrer das ações - jardim, sobrado, cemitério, fontes, estátuas, banco de pedra, entres outros, fazendo parte do *mitoestilo* de Lygia Fagundes Telles, como descreve Vera Maria Tietzmann Silva (1984, p. 35): “O mitoestilo caracteriza-se pela insistência em um grupo restrito de temas que se repetem, pela recorrência de certas imagens e situações e pela utilização de determinados artifícios de estilo e de efabulação [...]”.

Todos esses elementos foram muitas vezes pavimentados pela presença da cor verde, que, para autora, tinha um significado emblemático, já que representava a esperança, essa esperança frutuosa que desde a infância caminhava junto, pois seu pai a fazia acreditar nisso, ainda que ele perdesse sempre na roleta ou no baralho. Dizia que amanhã ganharia. Lucas comprova tal preferência ao afirmar uma citação da própria Lygia Fagundes Telles: “Para mim, a cor da esperança. Se eu tivesse uma bandeira ela seria vermelha e verde, esperança e paixão não destituída de cólera.” (TELLES apud LUCAS, 1990, p. 60).

Assim, o verde reveste os contos, dentre eles “Antes do Baile Verde” e “Natal na Barca” no sentido de representar a vida, o florescer, e pode também carregar a morte, a decomposição dos sentimentos bons, como visto em “O Jardim Selvagem” e “Verde Lagarto Amarelo”. A esse respeito, há a seguinte afirmação:

O verde – cor que aparece também de modo recorrente nas obras da autora – apresenta um simbolismo complexo e ambíguo, [...] proveniente de sua polaridade: o verde do broto (floração, vida, benéfico) e o verde do mofo (putrefação, morte, maléfico) (LAMAS, 2004, p. 193).

Vê-se então uma variedade de ideias discutidas em cada obra. Assim, os textos lygianos têm como predicativo a autenticidade, por isso suas leituras e temáticas não são inócuas, despretensiosas. Ao contrário, sempre têm algo a dizer, a revelar, no ensejo do encontro com seus leitores e seus dilemas, com o objetivo que cada um deles se identifique. A partir dessa representatividade, pode haver transformações, sobretudo nos aspectos emocionais, os quais têm grande influência e podem ser responsáveis ou não pelos desvios de condutas e comportamentos humanos.

Em conformidade com tal acepção, Coelho (1971, p. 149), acena: “É desse relacionamento, quase sempre doloroso e decepcionante, é que o espírito criador da escritora colhe a matéria de sua ficção [...]”. E ainda complementa: “[...] matéria viva, onde o leitor pode encontrar-se cara a cara consigo mesmo ou avaliar melhor os desencontros e frustrações que podem viver sufocados nos subterrâneos do ser”.

Na obra **A técnica narrativa em Lygia Fagundes Telles**, de Kátia Oliveira (1972, p. 19), tem-se a seguinte afirmação: “Lygia distribui o essencial em gotas, em termos conceituais, ao longo da narrativa, partindo dos cenários e a eles retornando a cada momento decisivo para a apreensão do mundo fictício”. Ademais, o que se percebe é que os dramas vão sendo compartilhados além dos acontecimentos, por

meio dos cenários e dos elementos que os compõem, numa busca de externalizar os interiores dos personagens tão bem construídos pela escritora.

É a partir desses espaços que a autora simboliza as dramaticidades, contornadas pelas emoções, atos e pensamentos dos seus personagens, os quais aproximam a ficção da realidade e o escritor de seu leitor. Alguns contos estudados nesse texto comprovam tal concepção: em “As formigas”, o sobrado é humanizado, instala o medo, a insegurança e a irracionalidade nas jovens estudantes de Direito e Medicina, protagonistas da história; em “Venha ver o pôr do sol”, é o cemitério, lugar de degradação, simbolizando por sua vez a deterioração dos sentimentos dos ex-namorados Ricardo e Raquel. Ele, impelido pela vingança; ela, pela vulnerabilidade em não perceber que estava sendo conduzida para um caminho sem volta.

Por fim, destaca-se umas das imagens mais pregnantes, conceito escrito pela ensaísta Walnice Nogueira Galvão no posfácio de **Os Contos** (2018): o jardim, presente nos contos – “Lua Crescente em Amsterdã”, “Natal na Barca” e “O Jardim Selvagem”. Esse espaço representa um lugar de regresso, além de “um lugar de conflitos, medos e inseguranças; como também, a natureza parece acompanhar a personalidade e sentimentos dos personagens”, como acrescenta Tonetto (2022, p. 55), em sua Dissertação **Pelos jardins de Lygia Fagundes Telles**.

Sublinha-se ainda que um diferencial inerente à contista esteja no fato de seus contos que, além de versarem sobre o cotidiano, sobre situações corriqueiras, têm a capacidade de nos inquietar e nos deixar impactados por não revelar nenhum indício ou pistas que podem induzir ao final da história. Assim, a obra, em alguns momentos fica aberta, desafiando o leitor a inferir um término, ainda que seja a longo prazo. E muitos deles apresentam um desfecho inesperado, promovendo perplexidade e incômodo, ora positivamente ou não.

Deixar os finais abertos tem sido um recurso utilizado pelos autores contemporâneos, contudo, como é de se esperar, em Telles essa característica é especial, pois esse artifício, nos contos e romances, deixa o leitor em suspense, em hesitação por mais tempo, sem saber o que vai acontecer posteriormente. Na verdade, o leitor acaba se tornando um parceiro para desvendar um possível término, assim “fazem a história prosseguir na mente do leitor para além do ponto final.” (SILVA, 2009, p.110).

A exemplo, tem-se o conto “Natal na Barca”, em que a narradora personagem, numa noite de Natal, vive a experiência de morte e ressurreição ao encontrar em um barco uma jovem mulher com seu bebê doente de febre, no colo. Por um instante, a protagonista horrorizada acredita que a criança está morta e, por isso, procura sair o mais rapidamente da embarcação, que nesse momento já estava atracando. Todavia, para sua surpresa, percebe que o pequeno não morreu, mas está acordado e sem febre, levantando um questionamento: “O menino ressuscitou ou estava apenas dormindo profundamente?” (SILVA, 2009, p. 57).

No capítulo “Projeções do medo e da morte no gótico revisitado por Lygia Fagundes Telles”, de Marisa Martins Gama-Khalil (2017, p. 185), há o seguinte apontamento:

No caso de alguns, a manifestação do fantástico ocorre esporadicamente e de forma sutil; no caso de outros escritores essa manifestação acontece de modo frequente e pode ser considerado elemento constituinte de sua ficção, sendo este o caso da obra narrativa de Lygia Fagundes Telles. A carreira dessa escritora é marcada pelas incursões no fantástico, uma vez que na grande maioria dos seus contos há o enredamento de ambientações insólitas, as quais colocam os personagens e possivelmente os leitores em estado de intensa hesitação (GAMA-KHALIL, 2017, p. 185).

Dessa forma, ao se tratar dos contos fantásticos, tem-se em Lygia Fagundes Telles uma expoente dentro da literatura brasileira e como apregoa Paes (1998, p. 82) “[...] o fantástico já dava sinal de si na ficção” e é por meio da coletânea escrita no ano de 1949, intitulada **O Cacto Vermelho**, especialmente, nos contos “Estrela Branca” e “Madrugada Grotasca”, que a literatura fantástica começa a despontar, tendo como referência Edgar Allan Poe, escritor, poeta, romancista, além de crítico literário, autor que traz no cerne de seus textos o mistério e suspense.

Dele vêm às características “brevidade, totalidade e intensidade, abrindo espaço para diversas interpretações, situando o texto entre o natural e o sobrenatural, obtendo clima de suspense em lugares limitados e em ambientes fechados”, como cita Massoli (2018, p. 44). Como referência, do que foi dito, para autores brasileiros, Machado de Assis é o escolhido pela “[...] a ambiguidade, o texto enxuto, a análise social e a ironia fina [...]” (LAMAS, 2004, p. 85).

Em uma entrevista concedida a Pires (1998), intitulada *A dama definitiva*, Lygia Fagundes Telles define alguns contos como sendo pertencentes ao realismo fantástico, são eles: “Emanuel”, “Tigrela”, “Seminário dos Ratos” “Noturno Amarelo”, “O Encontro”, “O Noivo”, “A Mão no Ombro”, “Venha ver o pôr do sol”. Acrescentam a

estes, em 2004, no livro **Mistérios** outros seis: “A Caçada”, “As Formigas”, “Natal na Barca”, “O Jardim Selvagem”, “Lua Crescente em Amsterdã” e “Onde Estivesse de Noite?”. Embora, saliente-se que dois deles – “Venha ver o pôr do sol” e “O Jardim Selvagem” – não apresentam o fantástico em seus enredos. São envoltos pelo mistério, decorrente da metamorfose comportamental percebidas nas atitudes dos protagonistas.

Tais histórias apontam para forças humanas, muitas delas desconhecidas de nós mesmos, histórias que nos colocam no limite do real e podem nos transportar para o sobrenatural por meio de metamorfoses físicas ou comportamentais. Segundo Sonia Régis (1998, p. 87), inclui-se também “A ambiguidade e a tensão expressiva deixam transitar a fantasia, o absurdo e o insólito pelos desvãos dos textos como forma de programar o conhecimento do mistério [...]”.

Ao ler o ensaio **Os mistérios de Lygia Fagundes Telles**, de Aíla Sampaio (2007, p. 1), há um esclarecimento sobre os dois gêneros, fantástico e mistério. Sobre o primeiro tem-se a seguinte definição:

Diversos teóricos (Roger Caillois, Louis Vax, Tzvetan Todorov, Irène-Bessière, Filipe Furtado, Victor Bravo) se empenharam em sistematizar os seus cânones, enquadrando-o, de modo geral, como um tipo de narrativa cujo enredo traz um fenômeno que não pode ser explicado pelas leis da razão. Para que se produza o efeito fantástico, não basta se ter um mistério, mas é necessário que o texto não traga sinais ou dados que possam intuir a compreensão racional dos fatos extraordinários que estão sendo encenados. Esses fatos só podem ser concebidos à luz do sobrenatural (SAMPAIO, 2007, p. 1).

Para o gênero mistério, a ensaísta apregoa:

Já a narrativa de mistérios não tem que se submeter à condição da inexplicabilidade. Há um mistério que se interpõe como o motivo condutor do texto, mas as pistas que o decifriam podem estar implícitas no discurso, possibilitando a sua revelação ou deixando pairar suspeitas consistentes (SAMPAIO, 2007, p. 1).

Todavia, mesmo diante dos exemplares acima, a respeito de Lygia Fagundes Telles e o gênero fantástico, é certo dizer que “ela não chegou a cultivá-lo sistematicamente como o fizeram dois de seus contemporâneos, Murilo Rubião e José J. Veiga. Tampouco se deixou arrastar pelas facilidades do chamado realismo mágico” (PAES, 1998, p. 82), pois, como já fora mencionado neste estudo, a contista é eclética em suas escolhas narrativas, não pendendo para uma categoria única.

Rubião, por exemplo, só escreveu contos que se encaixam no Realismo Mágico ou Maravilhoso. Ademais, ainda que não haja uma exclusividade da autora para com

a atmosfera fantástica, é reconhecida como sendo uma exímia representante e articuladora dessa vertente, com sólidas influências em seu trajeto literário.

Consciente da acepção acima, há a seguinte afirmação:

[...] soma-se a essas características para completar a mensagem de Lygia, tão profusa de valores: o gosto da magia e do fantástico, algo do romantismo, da novela gótica e da história de terror (LUCAS, 1990, p. 63).

Imbuída desses predicativos literários, Lygia Fagundes Telles, com muita propriedade, afirma que a literatura pode contribuir para que o indivíduo seja uma pessoa melhor mediante o seu papel formador e humanizador advindo de uma literacia permanente e sólida, configurada muitas vezes por meio dos textos poéticos, romances, contos, teatros e demais gêneros. Tal posicionamento é revelado pela autora em uma entrevista concedida aos **Cadernos de Literatura Brasileira**:

pode melhorar sim. Pode desviar do vício, da loucura. Pode estancar a loucura através do sonho. [...] Eu tenho vontade de servir ao próximo, verdadeiramente. E a literatura me proporciona isso. [...] É uma forma de amor. Acho que é isso. No fundo, a literatura é uma forma de amor (TELLES, 1998, p. 43).

Outro exemplo dessa virtude literária encontra-se em seus dizeres:

Eu li muito os nossos românticos – Fagundes Varela, Álvares de Azevedo. Aquela fixação por cemitérios, taças feitas de crânios, tavernas, embriaguez, a vontade de sair do cotidiano. Eu mesma, morando em pensão, levando uma vida importante, um mundo fabuloso que eu adivinhava lá fora. Eu acho o nosso Romantismo da maior importância. Falei de Álvares de Azevedo. Ele é pouco conhecido; o Castro Alves ficou mais famoso do que todos os outros. Mas a lírica de Álvares de Azevedo é uma beleza, assim como a de Gonçalves Dias (CADERNOS ..., 1998, p. 31)

Para mais, em uma entrevista concedida a Moacyr Scliar, (1998, p. 30), na qual ele questionou quais contistas e romancistas “funcionavam como alma gêmea” para Lygia Fagundes Telles, ela elenca os seguintes nomes: Edgar Allan Poe, sua referência para os contos, além de James Joyce, Oscar Wilde, Henry James, D. H. Lawrence, Jorge Luis Borges, William, Faulkner. E, de maneira especial, Machado de Assis. Na poesia, têm-se Carlos Drummond de Andrade, Manuel de Almeida, Cecília Meireles, Olavo Bilac.

Acredito que essas referências contribuíram para desvelar novos conhecimentos, despertar especiais inspirações e, sobretudo, mostrar o quanto leitora ativa e eclética era a escritora, que fazia de sua “biblioteca interna” fonte para escrita e compartilhamento com seus leitores. Nesse viés, fica explícita a relação lygiana com a literatura, ao passo de ter a seguinte declaração por parte de Sônia Régis:

A literatura é o modo de Lygia Fagundes Telles apreciar a intensidade da vida, examinar a distinção dos destinos, distinguir a conspiração dos desejos, julgar a procedência dos fatos, discernir os motivos e as paixões das pessoas, ajuizar suas obras com critérios inteligentes e sensíveis, sempre compassivos, pedindo o afago da compreensão, como se fosse sua qualidade principal dedica-se à razoabilidade da realidade humana (RÉGIS, 1998, p. 91).

Novamente a postura da autora corrobora para consolidar e reforçar o quão é necessária a literatura como caminho para evolução das pessoas, torná-las mais inteligentes e conscientes enquanto agentes transformadores da sociedade. Entende-se que é diante de escritores como Lygia Fagundes Telles que mudanças extraordinárias podem acontecer, com quem tem a oportunidade de conhecer seus escritos, os quais são renovados e têm a capacidade de trazer um desconforto no sentido positivo da palavra, visto que dificilmente saímos de seus enredos da mesma forma que entramos. Há sempre uma reflexão, um novo aprendizado para a vida.

As histórias de Telles nos comovem e nos fazem adentrar em nossos lugares e refletir sobre os mistérios desconcertantes da vida e essas possibilidades somente são possíveis porque o diferencial da autora é tornar seus leitores coparticipantes, sujeitos de sua ficção literária, por isso essa identificação é imediata. É um “contemplar nos avessos das almas, os inversos e os reversos do espírito humano. Com ela iniciamos um longo passeio pela paisagem das consciências, às vezes calmo, às vezes tenebroso” (RÉGIS, 1998, p. 87).

Lygia Fagundes Telles é completa no tecer de seus personagens cativantes ou horripilantes, cenários convidativos que abrigam ou despedem, ornamentados por objetos que ora enfeitam, ora destoam. Em suas obras somos conduzidos por narradores em primeira pessoa ou terceira, os quais nos convidam a vivenciar as histórias que eles narram e, por meio delas, somos inebriados por uma constelação de sensações advindas pelo mistério, pelo fantástico, pelo romance, apropriados por tantos outros autores literários, mas que no coser lygiano se tornam únicos.

Acrescento que as emoções descritas pela autora se eternizam, vive-se com intensidade o amor, a paixão, a magia, como também a saudade, o sofrimento e a solidão. Já os seus textos com desfechos entreabertos, seduzem os seus leitores em uma busca incessante de querer ler mais, de conhecer mais e quem sabe encontrar uma possível resposta em outros enredos lygianos, em outras histórias tão bem arquitetadas, que tanto se identificam com cada um de nós.

Por isso, entende-se ser impossível finalizar um capítulo sobre Lygia Fagundes Telles, pois a cada pesquisa, há uma nova informação, um novo conhecimento, que alimenta o saber literário e desperta ainda mais a vontade de conhecê-la, de adentrar em seu mundo que comunga com o de seus leitores, em uma experiência de identificação ou até mesmo vivências de outros, em um incansável vasculhar de sentimentos.

Posto isso, ainda que se tenha essa frase em uma de suas obras “A despedida não pode se arrastar, ficaria dolorida demais” (TELLES, 1998, p. 190), fica claro que de Lygia Fagundes Telles não se despede, há apenas um breve até logo, pois logo ali, em outra obra, haverá um novo encontro com suas palavras, com suas histórias, sobretudo com a literatura, que ela defendeu e soube valorizar como sendo a responsável por transformar a sua vida e daqueles que se deixam ser encontrados e envolvidos por ela. Uma literatura que alimentou a esperança de uma menina, que durante seus incansáveis 99 anos também soube alimentar seus leitores por meio de suas coleções de palavras, de histórias que não terão fim.

Portanto, pesquisar e escrever sobre Lygia Fagundes Telles é uma ação infundável. Ao longo dos anos, muitos estudos foram sendo feitos, sobretudo, sobre as temáticas abordadas em seus livros ou sobre seus personagens.

Entretanto, o estudo em questão tem-se dedicado a mostrar como os contos lygianos podem ser um excelente material para trabalhar de forma dinâmica e atrativa a prática da leitura literária no espaço escolar, oportunizando, especialmente, o conhecimento de escritores que fazem a diferença no cenário literário, como a escritora, a qual tem se tornado referência e inspiração para quem tem o prazer de ler suas obras e adentrar em seu mundo das finitudes e fragilidades humanas, desencontros amorosos e mistérios sobrenaturais.



#### **4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Acredito que, após a definição do Produto Educacional e a sua elaboração, o momento mais aguardado seja o estágio, que tem como objetivo oportunizar ao aluno aplicar seus conhecimentos em situações reais e vivenciar de forma prática o conteúdo teórico aprendido no decorrer dos estudos. O estágio é regido pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, pela Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pela Resolução CNE/CP 2, de 20 de dezembro de 1996.

Ao tratar do estágio que faz parte do Programa de Pós-graduação, objetiva-se, sobretudo, a aplicação do Produto Educacional, o qual foi pensado, refletido e elaborado visando promover o conhecimento, a interação e a aprendizagem, em um processo dialógico e transformador, onde o docente seja o mediador e seus aprendizes, os protagonistas.

Entende-se que a pesquisa, nessa perspectiva, ultrapassa o campo da obrigatoriedade e passa a contribuir para a formação acadêmica e profissional do docente, como também o instiga a olhar para a realidade escolar que, muitas vezes, não vem ao encontro de suas expectativas e o faz reelaborar seu planejamento e adaptar algumas práticas pedagógicas ao longo do processo, dinamizando assim o exercício do ensinar.

Posto isso, pretende-se apresentar neste capítulo todas as ações desenvolvidas no estágio, realizado na cidade de Londrina, no estado do Paraná, em um Colégio cívico militar pertencente à rede pública, com uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, com 37 alunos, entre os meses de maio e agosto, de 2022, no período matutino.

Por ser um colégio cívico militar, é importante que algumas informações sejam apresentadas, pois elas favoreceram todo processo de implementação do Produto Educacional ao longo dos meses. Como exemplo, tem-se o Componente Curricular Língua Portuguesa, que tem seis aulas no Ensino Fundamental, enquanto que no colégio regular são cinco. Essa ampliação da grade curricular possibilitou desenvolver um planejamento mais detalhado. Outro aspecto relevante desse formato de escola, é a questão da disciplina, pois, sabe-se, o quanto um comportamento inadequado pode influenciar na prática pedagógica dos docentes em sala de aula e comprometer o ensino e aprendizagem dos alunos.

No colégio cívico militar há um trabalho integrado com os militares, cuja função não é militarizar ou doutrinar os alunos. Ao contrário, eles repassam princípios de educação, respeito, união, disciplina e parceria, os quais são transmitidos em pequenas ações e atitudes no contato com a comunidade escolar. Entende-se que esse trabalho, juntamente com que já é feito incansavelmente pelos professores e equipes pedagógica/diretiva, somam para promover uma educação de qualidade.

Ainda cumpre informar que o colégio atende a 530 alunos pertencentes ao Ensino Fundamental II e Médio, nos períodos matutino e vespertino, com uma carga horária de 30 horas por semana. A localização fica em um bairro periférico de Londrina e sua estrutura física é arquitetada por 16 salas de aula, além da sala de recursos, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências e quadra poliesportiva.

Devo acrescentar ainda que sou professora de Língua Portuguesa e já leciono nessa escola desde o ano passado e por isso tudo se tornou mais fácil, pois já conhecia o ambiente e tive apoio da equipe pedagógica e diretiva para aplicação do projeto. Além do mais, consegui me organizar em relação ao próprio planejamento escolar, visto que esperei iniciar o segundo trimestre para começar o estágio, já que o *conto* seria uns dos conteúdos abordados nos seguintes meses. Tal consonância era um dos requisitos imprescindíveis para, posteriormente, dar continuidade aos demais assuntos estudados no oitavo ano.

O projeto elaborado para o estágio de docência foi intitulado **Sequência Didática Expandida: um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles**. Os conteúdos desenvolvidos e aplicados tiveram como alicerce a prática de leitura literária por meio de seis contos de Lygia Fagundes Telles, os quais foram lidos e interpretados seguindo os passos apresentados por Rildo Cosson (2020) em sua obra **Letramento Literário: teoria e prática**, em duas sequências: básica e expandida, optando-se pela expandida.

Para sustentar a proposta, elencamos como objetivo geral:

1 - Possibilitar a leitura e o conhecimento do gênero conto.

Como específicos:

1 – Relembrar os contos maravilhosos e de fadas, conceito, características e exemplos.

2 – Estimular a leitura literária de maneira individual e coletiva na busca de reconhecê-la como essencial no aprendizado dos alunos.

3 – Ler e interpretar os contos de Lygia Fagundes Telles.

4 – Analisar as características de alguns contos de Telles, na perspectiva dos gêneros fantástico e mistério.

5 – Favorecer a interação por meio da oralidade e escrita entre professor e alunos em um processo dialógico e produtivo, no conhecimento de alguns contos da referida autora e promover atividades motivadoras, por meio de metodologias manuais e ativas, a fim de instigar a criatividade e a apreensão de forma mais efetiva dos contos estudados.

A metodologia adotada tem inspiração em uma citação de Rildo Cosson (2020, p. 35): “As obras precisam ser diversificadas porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo”. Nesse sentido, busquei trabalhar os textos escolhidos que versavam sobre temáticas diferenciadas, proporcionando assim discussões ricas e agregadoras no decorrer do processo. A escolha dos textos elencados para o trabalho não foi feita aleatoriamente. Houve, primeiramente, uma pesquisa embasada em leituras realizadas em coletâneas de contos, buscando priorizar, sobretudo enredos que pudessem ser entendidos por alunos pertencentes ao oitavo ano e que também dialogavam com seus conhecimentos de mundo.

Para tanto, a fim de favorecer as leituras, houve a reprodução dos contos para que os estudantes lessem extraclasse, além da disponibilização do material no grupo formado no aplicativo de mensagem WhatsApp, o qual otimizou muito as orientações e esclarecimentos das dúvidas. Acrescenta-se que a cada retomada de leitura na sala de aula, procurei levar o próprio livro que continha a narrativa, a fim de divulgá-lo e socializá-lo com a turma.

Esclareço ainda que, além de privilegiar a diversidade de temáticas nos contos lygianos, procurei contextualizá-las com outros textos. Tais seleções contribuíram para propiciar aulas criativas e dinâmicas e, sobretudo, trabalhar numa perspectiva do letramento literário, em uma concepção amplificada de leitura, que vai além da decodificação mecânica das palavras e rompe com práticas cristalizadas, que pouco oportunizam o pensamento crítico e a reflexão.

Outro procedimento metodológico que requer destaque, foram as atividades desenvolvidas a partir das leituras literárias, coadunando elaborações manuais e o uso das ferramentas tecnológicas, buscando permeá-las pelas metodologias ativas,

que visaram a uma aprendizagem motivadora e colaborativa, favorecendo a autonomia e a criticidade dos alunos. A forma que a turma executou as tarefas também foi variada: houve práticas individuais e coletivas, trabalhos entregues diretamente ao professor e aqueles que primeiro foram apresentados à turma, em uma ação interativa.


Para a realização do estágio de docência, houve um preparo que envolveu leituras, pesquisas e elaboração dos planos de aulas que, no decorrer da aplicação, tiveram alguns ajustes que se fizeram necessários. Esclareço que a princípio o número de encontros previstos para a implementação da proposta era aproximadamente em torno de 35 aulas, com 50 minutos de duração. Todavia o projeto tomou uma proporção maior e ao todo foram 50 aulas, com raras interrupções ao longo do trimestre, as quais não interferiram no transcurso da sequência.

Informo ainda que as aulas foram ministradas às terças-feiras (duas aulas), quintas-feiras (duas aulas) e sextas-feiras (uma aula), pois uma aula da sexta-feira foi reservada para o programa *Redação Paraná*. O horário foi intercalado entre 7h15 e 12h30.

A seguir, apresentarei os planos de aula e os relatos dos encontros, contudo, para uma melhor clareza, decidi organizar a implementação por encontros semanais e não diários. Ademais, como já mencionado, a proposta teve duração de três meses corridos, de maio a agosto, mas nada impede que os professores possam trabalhar a Sequência Didática de maneira fragmentada, ou seja, dividir os conteúdos abordados por trimestre. Caso o docente escolha essa estratégia, é necessário que o planejamento seja pré-estabelecido consonante com a grade curricular.

## 4.1 Planos de Aula

Quadro 1 – Semana I

SEMANA I		
<b>Datas:</b> 17, 19, 20 de maio	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30	
<b>Aulas:</b> 5		
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Contos e leitura de contos maravilhosos e fantásticos.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Lembrar os contos maravilhosos.</li><li>&gt; Reconhecimento das características específicas do conto.</li><li>&gt; Identificar a diferença entre contos maravilhosos, fantásticos e de mistério.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Registrar no quadro negro o conceito do gênero conto.</li><li>&gt; Ler dois contos: “A Bela e a Fera” de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve. Disponível em: <a href="https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html">https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html</a> e “Cafeteria”, de Théophile Gautier. Disponível em: <a href="https://nefasto.com.br/a-cafeteria-theophile-gautier/">https://nefasto.com.br/a-cafeteria-theophile-gautier/</a>.</li><li>&gt; Organizar a turma em pequenos grupos para discutir as possíveis diferenças encontradas entre o conto maravilhoso, o fantástico e o de mistério.</li><li>&gt; Expor no quadro negro as informações a partir das discussões em grupos.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>		

Fonte: Autoria própria (2022)

Antes de iniciar o relato sobre a implementação da Sequência Didática para minha turma do oitavo ano B, preciso lembrar que todo esse projeto teve como orientação os passos apresentados por Rildo Cosson (2020) em seu livro **Letramento Literário: teoria e prática**. Dessa forma, as atividades que serão expostas seguiram as estratégias: Motivação, Introdução, Intervalos de leitura, Primeira Interpretação, Segunda Interpretação, Expansão e Avaliação.

Iniciei a implementação em uma terça-feira, 17 de maio de 2022, às 7h15, na primeira aula da semana, após o término do primeiro trimestre. Na perspectiva da

motivação, programei trabalhar com a retomada do conceito do gênero conto, pois essa recapitulação era importante para que os alunos fizessem memória, sobretudo, dos contos maravilhosos trabalhados em anos anteriores e para, posteriormente, adentrar nos exemplos dos contos fantásticos e de mistério.

Para tanto, passei no quadro negro o conceito de conto, sua estrutura e apresentei alguns exemplos dos contos de fadas/maravilhosos. Para tornar mais concreta essa recordação, pedi que os alunos trouxessem impresso ou desenhado o conto que eles mais gostaram de ler ao longo de sua trajetória escolar. Ao serem entregues, organizei-os no quadro e cada educando indicava o seu e explicava o motivo da escolha, ficando explícito o despertar da memória afetiva que essa atividade desencadeou, como a leitura feita pela professora na rede municipal e pela própria família.

Em seguida, houve a exibição, por meio da Plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, dos contos: “A Bela e a Fera”, e “Cafeteria”, havendo a leituras dos dois textos. Logo após, os alunos se organizaram em grupos para discutirem o enredo e identificarem as possíveis diferenças e semelhanças entre eles. Essas descobertas foram importantes para a turma ir se familiarizando com a estrutura do gênero e suas especificidades.

A partir das identificações observadas, os aprendizes foram compartilhando-as oralmente e fui registrando-as no quadro negro a fim de que eles também logo copiassem no caderno. Observei que essa primeira semana foi primordial para que o gênero conto passasse a fazer parte novamente do conhecimento da turma, tendo em vista as futuras leituras dos contos de Lygia Fagundes Telles, que seriam feitas ao longo do projeto. Para mais, era preciso propor estratégias que motivassem os estudantes a lerem, mostrando que ler poderia ser prazeroso e envolvente.

Figura 4 – Reprodução dos contos de fadas e maravilhosos




Fonte: Atividades dos alunos

Como já mencionado, essas imagens representaram os contos de fadas/maravilhosos trazidos pelos alunos, comprovando que as possibilidades de leituras são diversas – “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve”, “Pinóquio”, “A

Bela e a Fera”, “O Gato de Botas” “João e o pé de feijão”, entre outros –, e atemporais, pois são ressignificados a cada nova leitura, despertando a imaginação, a fantasia e a criatividade nas diferentes fases da vida. Além disso, tais narrativas são capazes de impulsionar os desenvolvimentos emocional, cognitivo e social de forma única e crítica, a partir dos valores e ensinamentos transmitidos.



## Quadro 2 – Semana II

<b>SEMANA II</b>	
<b>Datas:</b> 24, 26 de maio <b>Aulas:</b> 3	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Apresentação da escritora Lygia Fagundes Telles e os seis contos que serão trabalhados ao longo do projeto.</li> <li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Conhecer a escritora Lygia Fagundes Telles e sua trajetória literária.</li><li>&gt; Observar os exemplos de obras da autora.</li><li>&gt; Explicar sobre a etapa Intervalos de leitura.</li></ul></li> <li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Exibir no Datashow um material preparado sobre Lygia Fagundes Telles. Disponível em: <a href="https://docs.google.com/presentation/d/1b7rrwk68o_Ka9BhYqMOmt6t8s2vGK-ZvSdMcsZGIZ2M/edit#slide=id.g1e95c671680_0_99">https://docs.google.com/presentation/d/1b7rrwk68o_Ka9BhYqMOmt6t8s2vGK-ZvSdMcsZGIZ2M/edit#slide=id.g1e95c671680_0_99</a></li><li>&gt; Apresentar algumas obras da escritora.</li><li>&gt; Explorar as partes que compõem os livros da autora: capa, orelha, folha de rosto, páginas de miolo, entre outros elementos.</li></ul></li> <li>● <b>Recursos Didáticos:</b> quadro negro, giz, Datashow e reprodução (xerox) das frases de Lygia Fagundes Telles.</li></ul>	

**Fonte: Autoria própria (2022)**

Ao entrar na segunda semana da implementação, permaneci ainda na etapa da *Motivação*, pois havia algumas atividades significativas que tinham como objetivo despertar o interesse dos estudantes pela leitura, como por exemplo, levá-los à biblioteca e apresentar exemplos de algumas obras literárias, podendo ser de gêneros diversificados, como conto, crônica, romance poema, entre outros. Diante do envolvimento dos alunos, aproveitei para revelar o nome da autora e da obra que iríamos trabalhar em nossa Sequência Didática e, assim, Lygia Fagundes Telles e seu livro **Os contos** (2018) foram brevemente expostos.

Terminada a etapa da *Motivação*, adentramos o segundo passo, o da *Introdução*, que teve como objetivo apresentar de forma concreta a autora e a obra

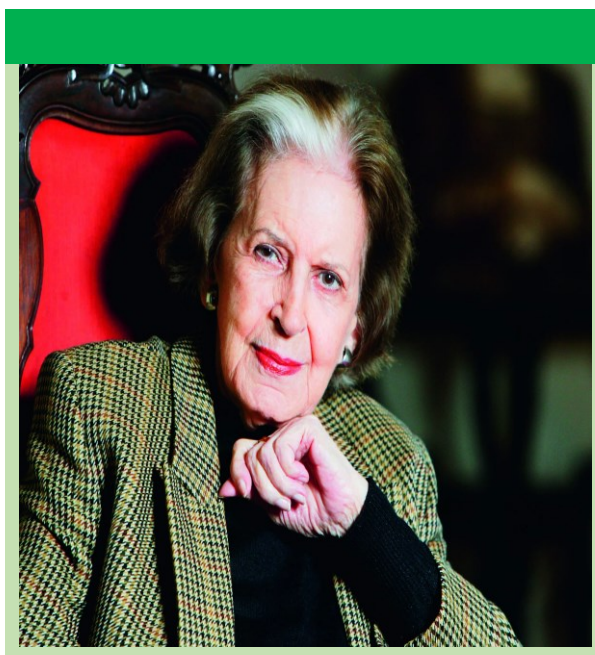
literária. Como o gênero escolhido para esse estudo foi o conto, busquei pesquisar uma escritora que o representasse. Então, entre tantos exemplos, optei por uma das mais importantes contistas, Lygia Fagundes Telles.

Como a autora e suas obras são estudadas com mais profundidade no terceiro ano do Ensino Médio, e os meus alunos pertenciam ao oitavo ano do Ensino Fundamental, procurei selecionar informações mais pertinentes para esse período, como a infância, adolescência e até as mais recentes, juntamente com fotos que marcaram a sua história, e as projetei no Datashow. Tais explicações chamaram a atenção dos estudantes, pois perceberam que Lygia Fagundes Telles iniciou sua carreira literária muito cedo e, embora, tenha enfrentado desafios próprios do tempo, permaneceu firme, pois para ela a literatura seria a esperança. Não desistiu e tornou-se um exemplo para todos nós leitores.

Em seguida, mostrei alguns livros da autora, que tinha levado para a sala de aula, e expliquei um pouco sobre cada um deles. A seguir, retomei a obra que leríamos em nossos estudos e comecei a explicar sobre contos selecionados. Para tal propósito, esclareci que as leituras deles seriam contextualizadas com outros textos diversificados, selecionados de forma específica para esse fim e, além do mais, lembrei que a partir daquele momento a turma poderia se organizar em grupos. Sugeri que formassem seis grupos, com seis educandos aproximadamente para a realização das leituras e atividades que seriam propostas mais adiante, recomendação logo obedecida por eles, já que gostam muito de trabalhar em grupos.

Para terminar essa etapa e, conseqüentemente, a semana, selecionei algumas frases de Lygia Fagundes Telles e as sorteiei entre os alunos. Aqueles que as receberam vieram à frente da sala de aula e leram em voz alta para todos, depois explicaram o que tinham entendido. Ao voltar à carteira, colaram a frase no caderno, consolidando esse momento de descoberta literária.

**Figura 5 – Lygia Fagundes Telles**



Fonte: site <https://ims.com.br/2017/08/21/mais-sobre-lygia-fagundes-telles/>

**Figura 6 – Frases de Lygia Fagundes Telles**



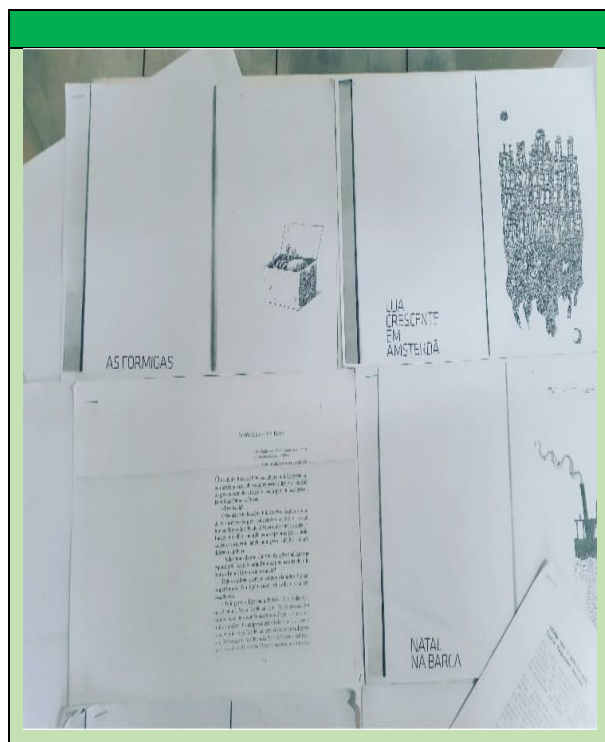
Fonte: Autoria própria (2022)

**Figura 7 – Obras de Lygia Fagundes Telles**




**Fonte: Acervo pessoal**

**Figura 8 – Reprodução do livro História de Mistério**



**Fonte: Acervo pessoal**

### Quadro 3 – Semana III

<b>SEMANA III</b>	
<b>Datas:</b> 31/05, 02/06, 03/06 <b>Aulas:</b> 5	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Leitura e interpretações dos contos “As formigas” e “Lua crescente em Amsterdã” de Lygia Fagundes Telles. Explicação do trabalho sobre casais mitológicos.</li> <li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Analisar os elementos narrativos dos contos estudados.</li><li>&gt; Identificar características específicas dos textos.</li><li>&gt; Explicar o trabalho sobre Mitologia Grega.</li></ul></li> <li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Leitura do poema <i>Quem tem medo de quê</i> – Ruth Rocha. Disponível em: <a href="http://blogosfobia.blogspot.com/2012/11/poema-quem-tem-medo-de-que-ruth-rocha.html">http://blogosfobia.blogspot.com/2012/11/poema-quem-tem-medo-de-que-ruth-rocha.html</a></li><li>&gt; Leitura dos contos: “As formigas” e “Lua crescente em Amsterdã”.</li><li>&gt; Interpretar de maneira compartilhada os enredos.</li><li>&gt; Promover uma dinâmica contextualizada com o conto “As formigas” sobre o medo.</li><li>&gt; Exibição do vídeo sobre a metamorfose das lagartas. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmlJBc">https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmlJBc</a></li></ul></li> <li>● <b>Recursos Didáticos:</b> reprodução do conto, quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>	

**Fonte: Autoria própria (2022)**

Após ter trabalhado as duas etapas iniciais da Sequência Didática, introduzi o Intervalo de leitura, momento essencial em que as leituras foram relidas, interpretadas e compartilhadas entre os alunos. Cabe lembrar que para essa fase, os alunos já tinham sido orientados a lerem os contos extraclasse para, mais adiante, relerem em sala, dentro dos grupos formados especialmente para o desenvolvimento do projeto.

Posto isso, iniciei a aula do dia 31 de maio relendo juntamente com a turma o conto “As Formigas”. Como o enredo focava o medo, a classe ficou bem concentrada e envolvida pela história das duas primas que se hospedaram em uma velha pensão, em um quarto sombrio, e passaram a conviver com formigas, que invadem o quarto

delas e durante à noite “trabalhavam” na montagem de ossos (esqueleto) de um anão, que se encontravam dentro de um caixote, havendo misteriosamente a possibilidade de trazê-lo ou não à vida. Tal fato desencadeou o medo ao ponto de as meninas fugirem do local, sem saber se de fato esse acontecimento era real ou fruto de uma fértil imaginação.

Ao perceberem esse abandono, alguns alunos concluíram que muitas vezes o medo impede as pessoas de enfrentarem as adversidades, preferindo ir embora, deixando tudo para trás, mas houve discentes que apoiaram a atitude das meninas do conto, argumentando com um ditado popular que diz que “a curiosidade matou o gato”.

Em contextualização a essa temática, lemos o poema *Quem tem medo de quê?* de Ruth Rocha (2012) e, logo em seguida, foi feita uma dinâmica em que os aprendizes anonimamente escreveram em um papel um de seus medos, os quais depois foram compartilhados por mim. Essa dinâmica permitiu conhecer um pouco das limitações do outro e entender que não é vergonha sentir medo, o que não pode é deixar que esse sentimento nos paralise.

“Lua crescente em Amsterdã” foi o próximo conto trabalhado na aula da terceira semana. O enredo contado em diálogo versou sobre a ausência do amor entre um jovem casal. Tal temática proporcionou uma identificação imediata por parte da turma, visto que são adolescentes em uma fase de descobertas afetivas. Para tanto, como motivação, foi exibido um vídeo que mostrava as transformações, ou melhor, as metamorfoses sofridas pelas lagartas até se tornarem borboletas, processo que comungou com a história em evidência, já que os namorados da narrativa também passaram por mudanças emocionais e comportamentais, acarretando o término do relacionamento.

Cada grupo teve a oportunidade de expressar sua opinião sobre o que motivou o fim do namoro e, entre as possibilidades, cogitou-se o desgaste advindo da convivência dos interesses, que passaram a ser individuais, distanciando-os cada vez mais. Essa percepção veio ao encontro de muitas realidades destacadas pelos educandos em seu meio social e dentro de suas próprias famílias, por isso houve a receptividade instantânea.

Todavia, houve alunos que desejaram a reconciliação, pois argumentaram que o casal poderia ter dado uma chance para o amor, que era possível fazer alguns

ajustes e ressignificar o relacionamento. Esses apontamentos foram obtidos a partir do envolvimento da turma, que leu nas entrelinhas e conseguiu entender o enredo. Para solidificar toda a interpretação desenvolvida, propus uma pesquisa aos grupos sobre os casais da Mitologia Grega que também sofreram metamorfoses ao longo de seus relacionamentos.

Dessa forma, após ter selecionado os nomes dos casais mitológicos, sorteei-os entre os grupos, orientando-os a pesquisarem sobre:

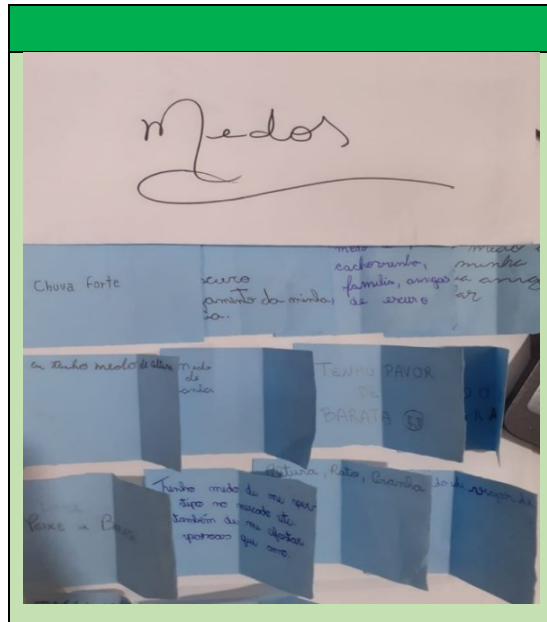
- 1 - Quem são os casais?
- 2 - A história do relacionamento.
- 3 - Destacar a metamorfose sofrida por eles.
- 4 - Imagens para contextualizar as histórias.

As informações foram desenvolvidas e apresentadas após um mês de pesquisa por meio da ferramenta “Quadro Digital Jamboard”, promovendo um trabalho mais criativo, dinâmico e colaborativo.

É preciso mencionar que os dois contos estudados nessas aulas também tiveram como metodologia a análise dos elementos narrativos, o que contribuiu para propiciar um entendimento maior, sobretudo no que diz respeito aos personagens e aos espaços ocupados por eles nas obras lidas, pois os estudantes perceberam que no conto “As Formigas”, o velho sobrado configurava um ar de mistério, de mal-assombrado, despertando assim a curiosidade na turma. Já no conto “Lua crescente em Amsterdã”, o destaque, enquanto elemento analisado, é para os personagens.

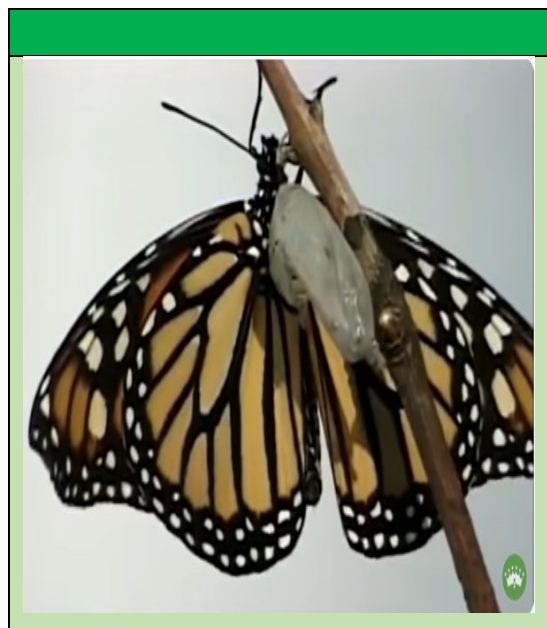
Enfatizo que essa semana foi muito gratificante, pois havia uma expectativa enorme sobre como seria a condução das primeiras leituras dos contos, o comprometimento da turma e, principalmente, a participação durante as aulas, tendo em vista a resistência que muitos alunos têm em relação à leitura literária. Todavia, logo foi perceptível que eles tinham entendido a proposta deste projeto e somariam a minha prática.

**Figura 9 – Medos dos alunos**



**Atividades dos alunos**

**Figura 10 – Metamorfose da lagarta**



Fonte: site <https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmLJBc>


Ao oportunizar que os alunos apresentassem seus medos – conto “As formigas” – foi possível perceber que tais limitações são semelhantes, todavia a forma que cada um reage é diferente e a interação entre a turma sobre esse fato foi fundamental para a superação de certos temores. Também se considerou que medo pode paralisar e



impedir que objetivos sejam alcançados e sonhos realizados, porém sempre é importante ter cautela nas decisões que a vida exigir.

O conto “Lua crescente em Amsterdã” foi saudado com um vídeo sobre a transformação da lagarta em borboleta, uma metamorfose que também é experienciada pelas pessoas em seu processo existencial. Dessa maneira, os alunos identificaram as mudanças ocorridas em suas vidas, de forma mais expressiva nesse período da adolescência pela qual estão passando e perceberam o quanto elas são essenciais para o amadurecimento de cada um.

#### Quadro 4 – Semana IV

SEMANA IV		
<b>Datas:</b> 07/06, 09/06, 10/06 <b>Aulas:</b> 5	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30	
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Leituras e interpretações do conto “Seminário dos Ratos”. Análises da canção <i>Brasil</i>, de Cazuza, um trecho da novela <i>Que rei sou eu?</i> e análise das charges com temática política.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Ler e interpretar o conto “Seminário dos Ratos”.</li><li>&gt; Analisar a canção <i>Brasil</i>, de Cazuza.</li><li>&gt; Assistir e analisar um trecho da novela <i>Que rei sou eu?</i>.</li><li>&gt; Discutir o sentido das charges dentro contexto estudado.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Leitura e interpretação do conto “Seminário dos Ratos” – Lygia Fagundes Telles.</li><li>&gt; Leitura e interpretação da canção <i>Brasil</i> – Cazuza. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Nriw77gqctg">https://www.youtube.com/watch?v=Nriw77gqctg</a></li><li>&gt; Assistir e analisar um trecho da novela <i>Que rei sou eu?</i>. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=OE7LSIHin-4">https://www.youtube.com/watch?v=OE7LSIHin-4</a></li><li>&gt; Interpretar as charges jornalísticas sobre a temática política.<ul style="list-style-type: none"><li>1 - <a href="http://patrialatina.com.br/no-brasil-e-assim-vira-o-anus-e-merda-continua-na-politica/charge-ano-do-rato-2/">http://patrialatina.com.br/no-brasil-e-assim-vira-o-anus-e-merda-continua-na-politica/charge-ano-do-rato-2/</a></li><li>2 - <a href="https://www.heldermoura.com.br/gilvan-freire-comenta-sobre-a-ratonagem-e-a-ratocracia-com-o-dinheiro-publico-no-brasil/">https://www.heldermoura.com.br/gilvan-freire-comenta-sobre-a-ratonagem-e-a-ratocracia-com-o-dinheiro-publico-no-brasil/</a></li></ul></li><li>&gt; Desenvolver a dinâmica: Sonhos e Esperanças para um Brasil melhor.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> reprodução do conto, quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>		

Fonte: Autoria própria (2022)

Abri a quarta semana do desenvolvimento do Produto Educacional com a leitura e interpretação do conto “Seminário dos Ratos”. O enredo é sugestivo, de viés político, por meio do qual se mostram algumas injustiças sociais que assolavam o Brasil na década de setenta. Todavia, a turma logo percebeu que tais desigualdades

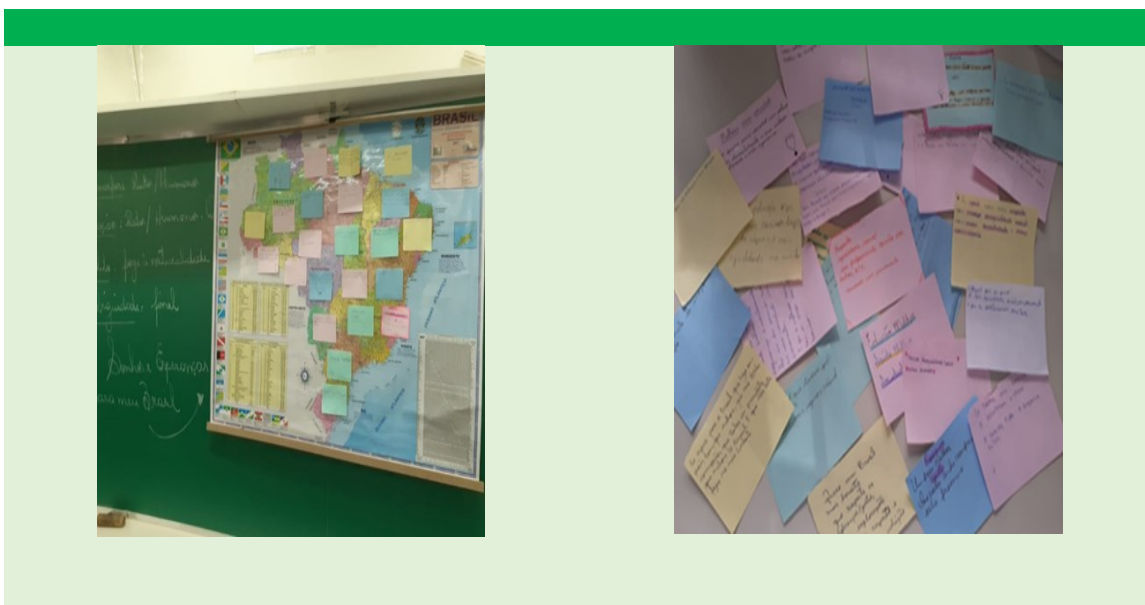
estão presentes nos dias atuais, que o Chefe das Relações Públicas e o Secretário do Bem Público e Privado representaram os maus políticos, aqueles que pouco se importam com as necessidades do povo. Aproveitei para explicar que Lygia Fagundes Telles foi engajada nas questões sociais e travava inúmeras críticas por meio de suas obras literárias.

Conforme fomos relendo o texto, os alunos comentavam sobre a semelhança com o presente momento, deram exemplos concretos das mazelas e relataram suas indignações. Logo adiante, passei um vídeo com a canção *Brasil*, de Cazuza, que foi interpretada. Expliquei o cenário social que a letra denuncia e de como ela era atemporal. Também exibi um trecho da novela *Que rei sou eu?* do ano de 1989, explicando o contexto e como um dos personagens fez uma profecia negativa sobre a política para os anos futuros. Para concluir as interpretações, foram analisadas duas charges que conjugavam imagem de ratos e a política.

Após as análises dos quatro textos, propus um momento em que os aprendizes puderam externar seus desejos para um país melhor. Desse modo, pendurei um mapa do Brasil no centro do quadro negro e entreguei um post it para que cada um escrevesse um sonho, uma esperança, depois os colasse, expondo-os para todos ouvirem. Foi emocionante ver o mapa preenchido com pedidos por políticas públicas de qualidade, que contemplassem a saúde, educação, habitação, segurança, entre outras necessidades.

Também a prática pedagógica nessa perspectiva, além de promover a leitura literária também conversa com a realidade do educando, fazendo-o refletir e participar, tornando-o protagonista e um agente que discute questões inerentes à sociedade em que está inserido.

**Figura 11 – Sonhos e esperança dos alunos para um país melhor**




**Fonte: Atividades dos alunos**

Motivados pelo o conto “Seminário dos Ratos”, os alunos tiveram a liberdade de exporem seus sonhos e esperanças para um país melhor, com oportunidade para todos. Cada pedido foi permeado por reivindicações – saúde, educação, segurança, habitação, entre outros – as quais foram respaldadas por exemplos efetivos de suas realidades individuais ou coletivas. Verificou-se que nenhum deles eram utópicos ou supérfluos, mas necessidades básicas para todos e para todas as regiões brasileiras e, por isso, percebeu-se o quanto os discentes se sentiram responsáveis por estarem sendo porta-vozes de muitos.

À vista disso, é possível entender o quanto a literatura se faz primordial na sala de aula, porque além estimular a imaginação e criatividade, ela instiga e impulsiona para discussões pertinentes acerca de situações concretas, que acontecem com personagens reais diariamente.

## Quadro 5 – Semana V

SEMANA V		
<b>Datas:</b> 14/06 <b>Aulas:</b> 2	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30	
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Leitura e interpretação do conto “Natal e Barca” e poema <i>Mude</i>. Exibição do vídeo <i>Depoimento de Lygia Fagundes Telles para a série O escritor por ele mesmo</i> (1997).</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Ler e interpretar o conto “Natal na Barca”.</li><li>&gt; Ler o poema <i>Mude</i>, de Edson Marque.</li><li>&gt; Assistir ao vídeo <i>Depoimentos de Lygia Fagundes Telles para a série O escritor por ele mesmo</i> (1997).</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Leitura e interpretação do poema <i>Mude</i> – Edson Marques. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/results?search_query=mude+mas+comece">https://www.youtube.com/results?search_query=mude+mas+comece</a></li><li>&gt; Leitura e interpretação do conto “Natal na Barca” – Lygia Fagundes Telles;</li><li>&gt; Exibir o vídeo <i>Depoimento de Lygia Fagundes Telles</i>. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5IFvRw&amp;t=11s">https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5IFvRw&amp;t=11s</a></li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> reprodução do conto, quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>		

Fonte: Autoria própria (2022)

“Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E me sentia bem naquela solidão” (TELLES, 2018, p. 96). Com essa citação iniciei a quinta semana da aplicação da Sequência Didática. Ela pertence ao conto “Natal na Barca”, uma história envolvente e introspectiva, que abordou a temática dos encontros e desencontros da vida humana, em uma noite de Natal.

Antes de reler o conto, lemos o poema “Mude”, o qual fazia um convite a mudanças que muitas vezes são necessárias para ressignificar a vida. Houve um momento de partilha e os aprendizes puderam elencar o que, ainda que tão jovens, gostariam de mudar; o que mais se destacou em suas falas foi a questão das relações interpessoais, pois há situações de muitos conflitos e desajustes emocionais vivenciados nessa faixa etária. Proporcionar momentos de trocas entre pares foram

uns dos benefícios do projeto, pois como estavam em grupo, sentiram-se mais confortáveis e foram aos poucos compartilhando suas experiências emocionais.

Imbuídos do poema, seguimos para a releitura do conto, e ter contato novamente com uma história tão comovente, foi aprender mais um pouco e reafirmar que esperança precisa fazer parte de nossas travessias. E por falar em travessias, exibi o vídeo em que a Lygia Fagundes Telles dá um depoimento a um grupo de alunos universitários sobre suas obras e, dentre elas, o conto “Natal na Barca”.

Semelhante aos universitários, os meus discentes também ficaram super concentrados, até porque a autora não foi somente lendo, mas narrando a história com dramaticidade e emoção, transportando-nos para dentro daquela barca para vivenciarmos suas angústias, resistências aos laços humanos e, sobretudo, o encontro com a esperança e renascimento para uma vida nova.

Notou-se que o conto, o tempo todo, despertou questionamentos, os quais impeliram os educandos a participarem e se posicionarem diante dos fatos relatados pela narradora. Então, houve os pareceres, dúvidas, mudanças de opiniões em meio à ambiguidade trazida pela história. Não obstante, ao final, os alunos saíram da trama convencidos de terem tido contato com uma das narrativas mais envolventes e reveladoras de Lygia Fagundes Telles.

Nessa travessia, houve alunos, por exemplo, que questionaram qual seria o motivo da protagonista estar tão angustiada, será que tinha sido abandonada pelo marido? Não se chegou a uma definição, até porque uma das características da escritora é a imprevisibilidade, é deixar seu público leitor na expectativa, muitas vezes tirando suas próprias conclusões.


Um outro momento de mistério e suspense que despertou a hesitação na turma foi se o bebê, quando encontrado pela protagonista no colo de uma jovem mãe, estava dormindo ou havia morrido? E se no final do percurso, essa criança tinha acordado ou ressuscitado? A essas duas questões, chegaram à conclusão que um milagre seria responsável pela criança estar viva.

Em consonância com o enredo, propus a cada aprendiz elaborar um cartaz com fotos, imagens, textos, que remetessem a momentos que configuraram a noite ou o passado, representados pelos sentimentos de solidão, tristeza, angústia, pessimismo, desilusão, conflitos existenciais e também momentos de dia ou futuro, retratados pela

alegria, esperança, fé, recomeços, ou seja, metamorfoses interiores (emocionais, psicológicas), em uma perspectiva introspectiva.

Para tanto, pedi aos alunos que trouxessem os materiais para elaboração do painel na aula seguinte que aconteceria na outra semana, devido ao feriado de Corpus Christi e ao recesso escolar. Expliquei que o nosso trabalho receberia o título de *Travessia*, remetendo à temática, que nos convida a atravessar as adversidades da vida.

## Quadro 6 – Semana VI

<b>SEMANA VI</b>	
<b>Datas:</b> 21/06, 23/06 <b>Aulas:</b> 4 aulas	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Confeção do Painel <i>Travessia</i> e sua apresentação. Dinâmica “Carteira de Identidade”. Leitura do conto “O Jardim Selvagem”.</li> <li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Confeccionar o Painel <i>Travessia</i>.</li><li>&gt; Promover a dinâmica “Carteira de Identidade”.</li><li>&gt; Ler o conto “O Jardim Selvagem”.</li></ul></li> <li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Estimular a metodologia ativa: Aprendizagem entre pares para confeccionar o Painel <i>Travessia</i>.</li><li>&gt; Organizar as duplas para a realização da dinâmica: “Carteira de Identidade”.</li><li>&gt; Leitura do conto “O Jardim Selvagem”.</li></ul></li> <li>● <b>Recursos Didáticos:</b> reprodução do conto, quadro negro, giz, papel kraft, cartolina.</li></ul>	

**Fonte: Autoria própria (2022)**

A sexta semana de implementação do Produto Educacional iniciou-se após o feriado e o recesso escolar, tendo como proposta a confecção do Painel *Travessia*, atividade executada a partir da leitura do conto “Natal na Barca”.

Todos os aprendizes trouxeram os materiais pedidos, como cartolina, fotos, imagens, recortes, entre outros, e para aqueles que não tiveram condições de comprar cartolina, por exemplo, foi dado papel kraft. Para tanto, a fim de dinamizar o trabalho e acompanhar o desempenho dos educandos, a elaboração do painel foi feito na perspectiva da metodologia ativa “Aprendizagem entre pares”, que é quando há debates, reflexões entre pares ou em conjunto, possibilitando trocas de ideia acerca do conteúdo trabalhado. Desta forma, ainda que o painel fosse uma elaboração individual, a sua construção foi em grupos, com um auxiliando o outro na troca de ideias, sugestões, na feitura da própria atividade, como também no compartilhando de materiais.



Após o término da prática, cada aluno pôde apresentar seu painel e para esse momento muitos tiveram que atravessar a barreira do medo e da timidez, contudo foi surpreendente porque tiveram a oportunidade de externar um pouco de suas travessias, alicerçadas por momentos de pessimismo e esperanças. Enfatiza-se que essa proposta permitiu conhecer um pouco da história de cada aprendiz, ainda que houvesse pequenas resistências devido à vergonha. Acredita-se que práticas assim demonstram o quanto as habilidades socioemocionais apregoadas pela Base Nacional Comum Curricular (2018) são essenciais para estimular e propiciar uma base cognitiva, estabelecendo vínculos saudáveis, alicerçados pela empatia, autoestima, responsabilidade, criatividade, entre outras.

Dando continuidade ao projeto, iniciei a quarta aula da Semana VI com uma dinâmica que veio ao encontro do penúltimo conto da Sequência Didática, “O Jardim Selvagem”. Como a narrativa versou sobre o duplo, ou melhor, a dupla personalidade, onde a protagonista Daniela se apresenta como uma personagem dúbia, orientei aos alunos que se organizassem em dupla, sentassem um frente ao outro e anotassem descritivamente os aspectos físicos e as personalidades de cada qual a sua frente. Esclarece-se que a formação das duplas foi a partir da escolha dos próprios educandos. Quando terminou a prática metodológica, eles vieram à frente e apresentaram as suas impressões sobre o colega.

Optou-se por esse exercício para que houvesse a reflexão de que muitas vezes as aparências enganam, especialmente, os comportamentos, já que em algum momento podem nos surpreender positivamente ou não. Acredito que os alunos entenderam a iniciativa, pois, conforme foram se apresentando, enfatizaram os aspectos físicos. Já para as personalidades, houve aqueles que destacaram características que enalteceram o outro, como sendo carinhoso, delicado, simpático, divertido, engraçado. Outros apontaram as limitações de seus colegas e os caracterizaram como sendo grossos, chatos, bravos, fofos, estressados, difíceis, irritantes, entre outros adjetivos negativos.

Diante do cenário acima, expliquei para a turma que as características elencadas são muito relativas, pois as personalidades podem se alterar dependendo da circunstância, além de pessoas que possuem dupla personalidade. Posto isso, iniciamos a releitura do conto, com um breve estudo semântico sobre o título do conto, que apresentou duas palavras antitéticas: jardim e selvagem, as quais traduziram a

principal personagem. Depois partimos para o conto, de maneira produtiva e participativa, instigando aos aprendizes a decifram a verdadeira face ambígua da protagonista Daniela.

Em uma altura da narrativa, há a morte do tio Ed, marido da protagonista, porém houve uma ambiguidade no que diz respeito ao motivo da morte, então foram levantadas as seguintes suposições sobre a causa:

**Quadro 7 – Suposições sobre a morte do personagem Ed**

**1 – Assassinato?**

**2 – Eutanásia?**

**3 – Suicídio?**

**Fonte: Autoria própria (2022)**

Após uma votação na turma, com uma porcentagem de 98%, concluiu-se que foi Daniela quem matou seu companheiro. Acredita-se que esse resultado não foi surpresa, embora uma das personagens do conto, a Ducha, tinha induzido o leitor a concluir que era um assassinato. A maioria dos alunos inferiu que as pessoas são maldosas e não as conhecemos o suficiente, são capazes de tudo e a personagem principal representou muito bem esses exemplos que há na sociedade.

**Figura 12 – Painel Travessia**




**Fonte: Atividades dos alunos**

O conto “Natal na Barca” foi um convite às travessias da vida e, nessa perspectiva, os estudantes foram apresentando suas alegrias e dores, uns de maneira

mais tímida, outros espontaneamente, porém a todos sendo oportunizado externar suas experiências. Nesse percurso, os alunos entenderam que o mais importante não são os obstáculos encontrados, mas o saber ultrapassá-los com esperança e otimismo.

Evidencia-se que, para os aprendizes, o momento de compartilhar suas travessias, foi também um ensejo para dividir, sobretudo, os dissabores da vida, e perceberem que não estavam sozinhos, visto que a empatia dos seus colegas de turma os acolheu.

## Quadro 8 – Semana VII

SEMANA VII	
<b>Datas:</b> 28/06, 30/06, 01/07 <b>Aulas:</b> 5	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Exibição dos vídeos sobre referências do duplo e do musical <i>O médico e o monstro</i>. Leitura e interpretação do conto “O barril amontilado”, de Edgar Allan Poe. Releitura do conto “Venha ver o pôr do sol”.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Apresentar vídeos que fazem referências ao duplo.</li><li>&gt; Exibir o musical <i>O médico e o monstro</i>.</li><li>&gt; Ler e interpretar o conto “O barril amontilado”.</li><li>&gt; Reler o conto “Venha ver o pôr do sol”.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Passar os vídeos e mostrar a presença do duplo em alguns filmes:<ul style="list-style-type: none"><li>• Trecho do filme “A transformação do Hulk” – Os Vingadores (2012). Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=C_R6jcyXmRc">https://www.youtube.com/watch?v=C_R6jcyXmRc</a></li><li>• Texto sobre Incrível Hulk – Quantas personalidades o Incrível Hulk possui? – Radiação Gama (2014). Disponível em: <a href="http://radiacaogama.blogspot.com/2014/02/quantas-personalidades-o-incrivel-hulk.html">http://radiacaogama.blogspot.com/2014/02/quantas-personalidades-o-incrivel-hulk.html</a></li><li>• Texto sobre 18 personagens da DC e da Marvel que são quase a mesma coisa – Marvel (2019). Disponível em: <a href="https://canaltech.com.br/quadrinhos/18-personagens-da-dc-e-da-marvel-que-sao-quase-a-mesma-coisa-153857/">https://canaltech.com.br/quadrinhos/18-personagens-da-dc-e-da-marvel-que-sao-quase-a-mesma-coisa-153857/</a></li></ul></li><li>&gt; Contextualizar o conto “O Jardim Selvagem” com o musical <i>O médico e o monstro</i>. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Dd0vLzdTiBc">https://www.youtube.com/watch?v=Dd0vLzdTiBc</a></li><li>&gt; Ler o conto “O barril amontilado”, contextualizando com o conto “Venha ver o pôr do sol”. Disponível em: <a href="https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf">https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf</a></li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> reprodução do conto, quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>	

Fonte: Autoria própria (2022)

A sétima semana iniciou-se com a exibição de alguns vídeos retratando a ideia do duplo, como, por exemplo, um trecho do filme “A transformação do Hulk – Os

Vingadores” (2012), entre outros. Foi perceptível o interesse dos alunos porque alguns eles já conheciam, ainda mais se tratando dos filmes famosos da Editora Marvel e DC Comics. Todavia percebi que eles, em nenhum momento, tinham pensado na duplicidade e quando apresentei nessa perspectiva, houve uma participação mais expressiva dos aprendizes e a todo momento passaram a fazer comparações entre um personagem e outro das respectivas editoras, considerando os aspectos físicos e comportamentais.

Para enriquecer ainda mais o assunto, foi recomendado, há cerca de um mês, que a turma lesse o livro **O médico e o monstro**, de Robert Louis Stevenson, uma obra em que o duplo é a essência do enredo, permeado pela ficção, suspense, drama e mistério. Assim, quando chegamos à presente aula, complementei com um musical da própria obra, que, para os alunos, foi um momento diferente porque poucos tinham assistido a um musical. Observei então o quanto foi possível explorar diferentes linguagens culturais a partir de apenas um conteúdo.

Antes de terminar a semana, na quinta-feira, comecei a trabalhar com o último texto preparado para Sequência Didática e, para isso, trouxe para a sala de aula um conto que foi maravilhoso de ler, pois envolvia mistério, suspense e um final surpreendente. Tratava-se de “O barril amontilhado”, de Edgar Allan Poe. Projetei esse conto no Datashow e convidei uma aluna para fazer a leitura oralmente e, conforme o texto fluía, eu fazia pequenas pausas para explicar os elementos das narrativas, palavras desconhecidas e as próprias ações dos personagens, que iam ficando cada vez mais misteriosas e envolventes.

Ao finalizar o enredo, a turma foi surpreendida com o desfecho, visto que um dos personagens foi emparedado vivo por aquele que dizia ser seu amigo. Essa atitude despertou surpresa e algumas discussões, uma vez que parecia haver uma relação amistosa, de uma convivência saudável, porém conforme a história foi transcorrendo, os próprios estudantes perceberam que havia por parte de um dos colegas muita mágoa e ressentimento por se sentir humilhado e rejeitado no passado.

Os discentes não concordaram com o ato criminoso. Ao contrário, para eles uma conversa sincera e esclarecedora poderia ter evitado essa conduta violenta e irreversível, entretanto, o conto também nos trouxe um alerta de que não devemos confiar totalmente nas pessoas.

Observei que a prática literária desenvolvida nesse projeto se centralizou, em particular, nas análises e interpretações de cada texto lido, somadas a outras leituras e diferentes atividades e, principalmente, na participação efetiva dos aprendizes, tornando muito produtivo o trabalho.


Nesse mesmo entendimento, começamos a ler o último conto Iyigiano, “Venha ver o pôr do sol”, uma obra emblemática, que foi editada inúmeras vezes e com certeza deve ser um dos mais lembrados da autora. O conto narra o encontro de um casal de ex-namorado que dialoga sobre o término de seu relacionamento, um fato até então aparentemente superado por ambos, entretanto Ricardo, instigado pelo sentimento de rejeição e não aceitação, acaba por premeditar e executar um plano de vingança contra a sua amada Raquel, trancando-a dentro de uma capelinha, em um cemitério abandonado.

Para o desvendar dessa história, adotei a mesma metodologia anterior, projetando o texto no Datashow e novamente convidando uma aluna para ler. Fui intervindo nos momentos necessários, a fim de explicar as entrelinhas da narrativa ou esclarecer as possíveis dúvidas que foram surgindo. Mais uma vez, foi evidente o interesse da turma em acompanhar a história e cheguei à conclusão, após termos lido os seis contos, que, quando se tem mistério e suspense, a probabilidade de se agradar e reter a atenção é muito concreta.

Dessa forma, o diálogo estabelecido entre os dois contos: “O barril amontilhado” e “Venha ver o pôr do sol” motivou na turma um pequeno debate, pois houve a defesa tanto das vítimas e até mesmo, por incrível que pareça, do agressor. Pelo olhar de alguns estudantes, as vítimas Fortunato – de “O barril amontilhado” – e Raquel – de “Venha ver o pôr do sol” – foram muito inocentes em não perceber as armadilhas. Houve um excesso de confiança, quando a primeira atitude foi terem aceito o convite para um encontro e depois um passeio. Para uma minoria, o fato de as vítimas, em algum momento, terem tido atitudes de rejeição e indiferença com o agressor, caberia uma conversa, um distanciamento ou até mesmo o rompimento da amizade por parte dele, mas jamais tirar a vida do outro.

Ressalta-se que no caso do conto “Venha ver o pôr do sol”, um assunto reverberou e trouxe algumas reflexões – o feminicídio –, pois, infelizmente, o Brasil é um dos países que mais mata mulheres de forma violenta.

## Quadro 9 – Semana VIII

SEMANA VIII		
<b>Datas:</b> 05/07/, 07/07, 08/07	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30	
<b>Aulas:</b> 5		
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Proposta de reescrita (desfecho) do conto “Venha ver o pôr sol”, utilizando a ferramenta tecnológica Book Creator. Aplicação do trabalho. Resumo dos contos lidos na Sequência Didática.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Apresentar a ferramenta tecnológica Book Creator.</li><li>&gt; Explicar sobre a elaboração da reescrita (desfecho) do conto “Venha ver o pôr do sol”.</li><li>&gt; Elaborar o Resumo dos seis contos lidos na Sequência Didática.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Mostrar para a turma a ferramenta tecnológica Book Creator utilizando um tutorial exibido na Plataforma <i>Youtube</i>. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=-iDjowu-ccM">https://www.youtube.com/watch?v=-iDjowu-ccM</a></li><li>&gt; Explicar sobre como elaborar a reescrita do conto “Venha ver o pôr do sol”, modificando o final do texto.</li><li>&gt; Trabalhar com os alunos o resumo dos seis contos lidos durante o processo da construção do Produto Educacional.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> quadro negro, giz, Datashow e internet.</li></ul>		

Fonte: Autoria própria (2022)

Cumprida a etapa *Intervalos de leitura*, iniciou-se a oitava semana com a explicação de dois trabalhos que os alunos, individualmente ou nos grupos formados, iriam executar.

O primeiro trabalho proposto foi a reescrita do desfecho do último conto lido na semana anterior, “Venha ver o pôr do sol”, pois o final foi inesperado e surpreendeu a todos, aflorando muitas discussões. Então, oportunistei que os próprios alunos escrevessem um novo desenlace para a conclusão do conto. Para tanto, apresentei à turma a ferramenta tecnológica Book Creator (traduzindo, Livro Digital), pois por meio dele os discentes iriam desenvolver, em grupo, a proposta. Para um melhor entendimento, passei um tutorial da Plataforma *YouTube*, em que havia a explicação

de como construir um Book Creator. Também como eu já havia desenvolvido um, mostrei como exemplo e, para a realização desse trabalho, dei o prazo de um mês, aproximadamente, e me coloquei à disposição para acompanhar o desenvolvimento.

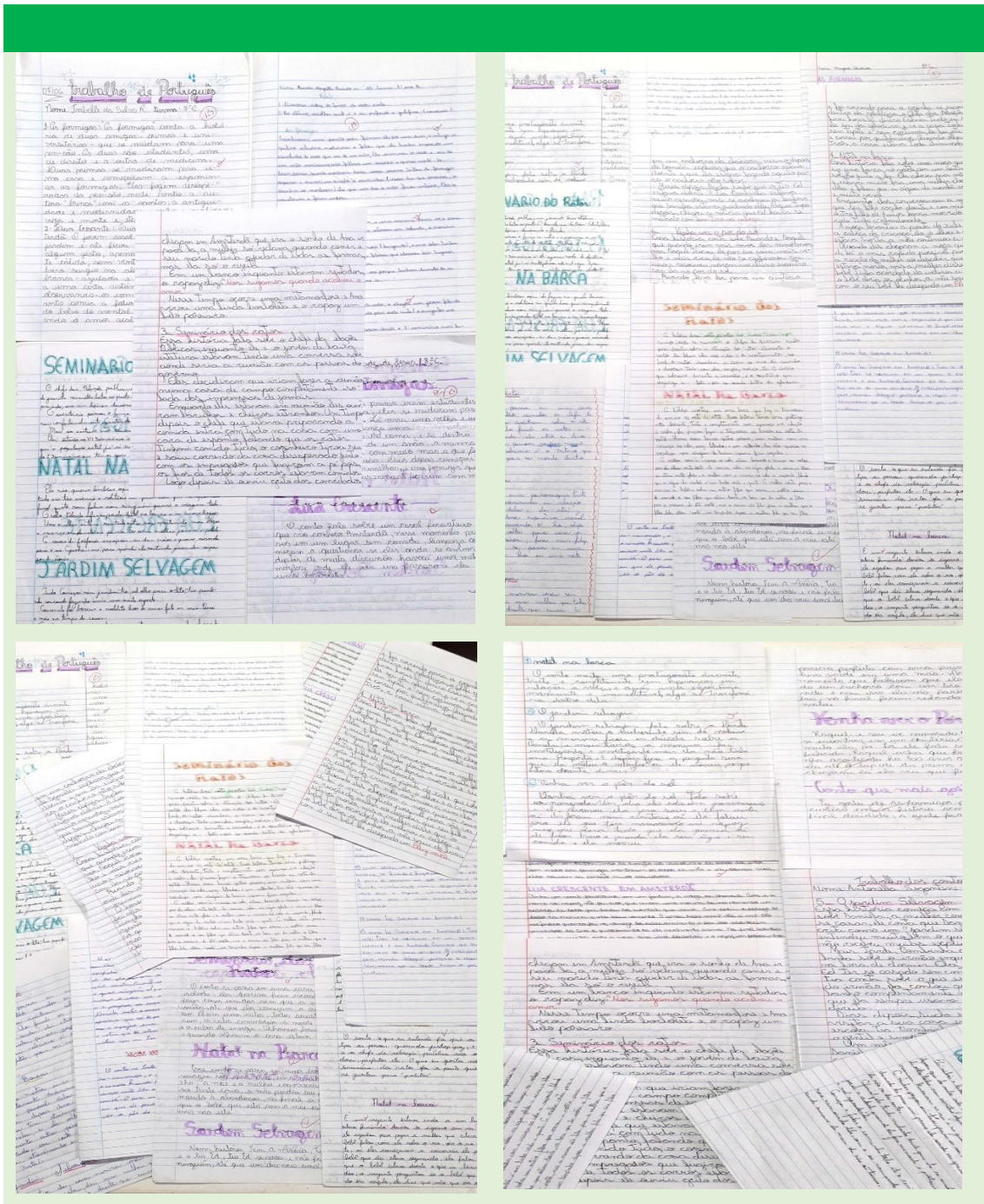
Percebi que durante a explicação sobre como elaborar o Book Creator não houve muitas dúvidas e a expectativa ficou mais voltada para ver como os discentes iriam finalizar a história, pois orientei que usassem de criatividade e surpreendessem, a exemplo de Lygia Fagundes Telles.

Já o segundo trabalho indicado para essa semana fazia parte da etapa Primeira Interpretação e teve como orientação elaborar um resumo, de forma individual, dos contos lidos, escolher o que mais gostou e justificar o porquê, podendo consultar as anotações feitas nos cadernos durante as leituras. Tal atividade foi pedida com o objetivo de que os aprendizes tivessem uma apreensão global das obras estudadas.

Adianto que o conto preferido da turma foi o “Venha ver o pôr do sol”, e esse resultado foi fruto do envolvimento que os educandos tiveram com a história, acredita-se que por serem jovens e também, como já mencionado, por saberem que muitas mulheres sofrem violência diariamente. Todavia, o lado positivo de toda discussão foi que todos os textos reverberaram para ensinamentos, reflexões e nos dois últimos (“O Jardim Selvagem” e “Venha ver o pôr do sol”), por exemplo, como um alerta, haja vista que muitos confiam nas pessoas mais próximas e jamais imaginam que esses indivíduos poderão fazer mal.



Figura 13 – Resumo dos contos de Lygia Fagundes Telles




Fonte: Atividades dos alunos

Acredito que fazer os resumos dos contos foi uma das atividades mais fáceis dentro da proposta educacional, porém, junto a esse exercício, houve a orientação para que os alunos escolhessem seu conto preferido. A partir dessa iniciativa, observei que, embora, os contos tenham sido lidos coletivamente na sala de aula, cada aluno teve a possibilidade de escrever sobre o enredo com que mais se

identificou, justificando a sua preferência e, de maneira especial, tendo a oportunidade de se posicionar perante as leituras feitas.

## Quadro 10 – Semana IX

<b>SEMANA IX</b>	
<b>Datas:</b> 26/07, 28/07, 29/07 <b>Aulas:</b> 5	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Revisão das Etapas desenvolvidas na Sequência Didática – Contos da Lygia Fagundes Telles. Reescrita do desfecho – “Venha ver o pôr do sol” no Book Creator. Orientação para desenvolver o trabalho sobre personagens protagonistas dos contos. Apresentação dos Casais Mitológicos.</li> <li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Retomar os conteúdos desenvolvidos na Sequência Didática.</li><li>&gt; Explicar novamente a reescrita do desfecho – “Venha ver o pôr do sol”, utilizando o Book Creator.</li><li>&gt; Propor o trabalho sobre os personagens protagonistas dos contos lygianos;</li><li>&gt; Apresentar os Casais Mitológicos.</li></ul></li> <li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Fazer uma retomada de todo o conteúdo trabalhado até a Etapa da Primeira Interpretação.</li><li>&gt; Buscar sanar as dúvidas na elaboração do trabalho sobre reescrita do desfecho do conto “Venha ver o pôr do sol”.</li><li>&gt; Indicação do trabalho sobre os personagens protagonistas de cada conto;</li><li>&gt; Apresentação dos trabalhos sobre os casais da Mitologia Grega pelos grupos.</li></ul></li> <li>● <b>Recursos Didáticos:</b> quadro negro, giz, Datashow.</li></ul>	

**Fonte: Autoria própria (2022)**

Inaugurei a nona semana com a retomada dos conteúdos aprendidos até o presente momento, já que houve uma pausa em virtude do recesso escolar do mês de julho. Assim sendo, as duas primeiras aulas após o retorno foram de revisão, até porque já estava caminhando para a finalização do projeto.

Então, fiz um regaste de todas os passos estudados, como também dos trabalhos executados e aqueles que ainda estavam sendo desenvolvidos. Confesso que até me surpreendi porque os discentes participaram ativamente relembando todo

o conhecimento aprendido e para sistematizar os conteúdos fui colocando em forma de tópicos no quadro negro e os alunos foram registrando no caderno.

Posteriormente, expliquei novamente o trabalho de reescrita do desfecho do conto “Venha ver o pôr do sol”, porque na hora de desenvolver a prática do Book Creator surgiram as dúvidas. Ademais, mesmo que o docente já tenha feito toda a explanação e explicação do conteúdo, sempre que há uma retomada, oportuniza-se a memorização das informações, até porque a aprendizagem acontece aos poucos, gradualmente; além disso, aproveitei para fazer a busca ativa por alunos que ainda não tinham entregado as atividades.

Para finalizar as aplicações de trabalhos, parti nessa semana para o último que seria feito em grupo também. Ele fazia parte da etapa Segunda Interpretação e tinha como objetivo descrever, de forma mais profunda, um dos elementos como: personagem, tema, traço, entre outros. Escolhi o primeiro tópico e para tal, cada grupo, após um sorteio, recebeu um prospecto elaborado com papel sulfite em forma de folder, com os nomes dos protagonistas de cada conto, tendo como tarefa descrevê-los física e psicologicamente/comportamental e no momento da apresentação teriam que trazer um símbolo que os representasse.

As três últimas aulas da semana foram dedicadas às apresentações dos trabalhos sobre os casais mitológicos, os quais faziam referência ao conto “Lua crescente em Amsterdã”. Para uma melhor organização, sorteei a ordem de apresentação e assim os casais foram explanados e a turma pode conhecê-los e perceber que os relacionamentos podem sofrer metamorfoses, mudanças que podem os unir ou não. Ressalto que esse trabalho foi orientado para usarem a ferramenta tecnológica Jamboard – Quadro Digital, a fim de tornar mais criativas e visuais as informações compartilhadas.

Conforme as apresentações foram acontecendo, fui intervindo novamente nos momentos necessários a fim de fazer alguns ajustes e promover mais interações entre os grupos. Assim eles se sentiram mais confortáveis e aquela insegurança inicial, que acaba atrapalhando muitas vezes, ficou mais controlada.

Figura 14 – Casal Mitológico

Eco e Narcísio



Fonte: site <https://super.abril.com.br/historia/4-romances-da-mitologia-grega-que-terminaram-em-tragedia>

Figura 15 - Casal Mitológico


Orfeu e Eurídice



Fonte: site <https://super.abril.com.br/historia/4-romances-da-mitologia-grega-que-terminaram-em-tragedia>

Os casais mitológicos foram pesquisados e apresentados a partir da leitura do conto “Lua crescente em Amsterdã”, o qual trazia como tema norteador a metamorfose, especialmente, nos relacionamentos conjugais. Tais transformações promoveram considerações importantes, visto que os grupos ora defendiam seus casais, em outros momentos justificavam suas escolhas e atitudes vistas como erradas perante a sociedade. Além disso, por se tratar da mitologia grega, muitos alunos não conheciam alguns deuses e suas histórias, assim sendo, foi propiciado um conhecimento interdisciplinar, enriquecendo o aprendizado.

## Quadro 11 – Semana X

SEMANA X	
<b>Datas:</b> 02/08, 05/08 <b>Aulas:</b> 4	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Relembrar os personagens protagonistas dos contos lidos. Leitura e Interpretação da obra <b>Coraline</b> – Neil Gaiman.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Explicar a obra <b>Coraline</b>, de Neil Gaiman.</li><li>&gt; Interpretar algumas questões sobre <b>Coraline</b>.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Relembrar o enredo da obra <b>Coraline</b>.</li><li>&gt; Interpretar as questões elaboradas sobre <b>Coraline</b>.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> quadro negro, giz, Datashow, internet e xerox.</li></ul>	

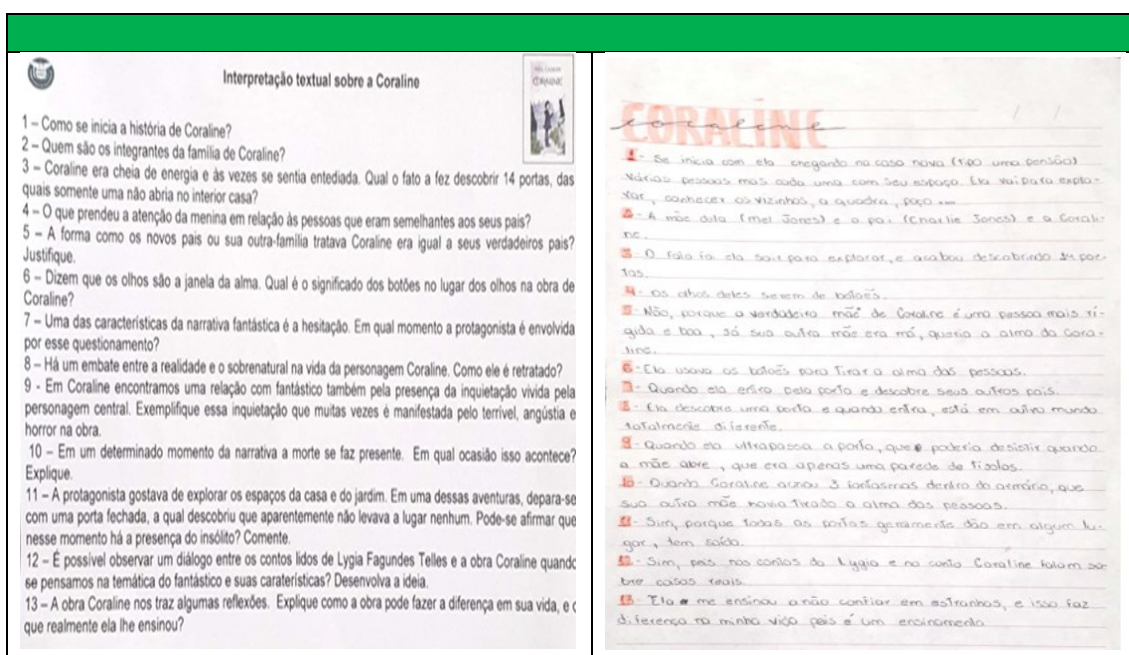
Fonte: Autoria própria (2022)

Ao entrar na décima semana, a turma desenvolveu a etapa da Expansão, que contemplava estabelecer relação textual da obra estudada com outro texto. Desta forma, um mês antes de iniciar a implementação do Produto Educacional, indiquei a obra **Coraline**, de Neil Gaiman (2002), para os alunos lerem individualmente e fazerem um resumo para sistematizar o enredo e, no momento oportuno, poder contextualizar com alguns dos contos lygianos, haja vista que ambos trazem características da literatura fantástica.

Então, para relembrar um pouco do enredo, perguntei se já tinham assistido ao filme *Coraline e o mundo secreto* (2009), uma adaptação da obra lida, caso não, ficava a indicação. Posteriormente, entreguei um xerox com treze questões referentes ao livro lido para que os alunos respondessem. Eles puderam se organizar em grupos e pesquisar nas anotações, entretanto, cada um deveria fazer no seu caderno.

Quando todos terminaram, fiz a correção oral, aproveitando para promover algumas discussões sobre a temática, especialmente, no que tange ao comportamento e atitudes da protagonista. Constatei que algumas características da personagem Coraline foram identificadas também nos meus alunos adolescentes, como medo, coragem, fantasia, emoções e valores que muitas vezes ficam confusos e distorcidos, alterando as condutas, surpreendendo a todos ao seu redor, principalmente a família.

Figura 16 – Perguntas sobre a obra Coraline      Figura 17 – Respostas sobre a obra Coraline




Fonte: Atividades dos alunos

O livro **Coraline** (2002) como também a exibição de alguns trechos do filme *Coraline e a porta secreta* (2009) contribuíram para um trabalho interartes, haja vista sua contextualização com alguns contos lygianos. Dessa forma, conforme as respostas foram sendo compartilhadas, foi possível perceber que os alunos identificaram o medo em **Coraline** e no conto “As formigas”, a hesitação, uma das características marcantes dos enredos de Telles, aparecendo nas atitudes da protagonista do livro, como também a presença do sobrenatural nas duas obras.

Observei que os estudantes conseguiram entender as vastas possibilidades de diálogo que a literatura nos traz, seja entre obras clássicas e às consideradas *best-sellers* ou pertencentes a outras esferas literárias. Tais encontros enriquecem o conhecimento literário.



## Quadro 12 – Semana XI

SEMANA XI	
<b>Datas:</b> 9/08, 12/08 <b>Aulas:</b> 4	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30 
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Apresentação dos trabalhos: Personagens Protagonistas e reescrita do conto “Venha ver o pôr do sol” – Book Creator.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Expor as descrições físicas e psicológicas/comportamentais dos personagens protagonistas dos contos lygianos.</li><li>&gt; Apresentar a reescrita do desfecho no conto “Venha ver o pôr do sol”.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Organizar os grupos por sorteio para as apresentações dos trabalhos.</li><li>&gt; Apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos grupos.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> Datashow, internet.</li></ul>	

Fonte: Autoria própria (2022)

A semana XI foi centrada nas apresentações de dois trabalhos que os grupos foram desenvolvendo ao longo do processo da Sequência Didática. Tais atividades finalizaram a implementação.

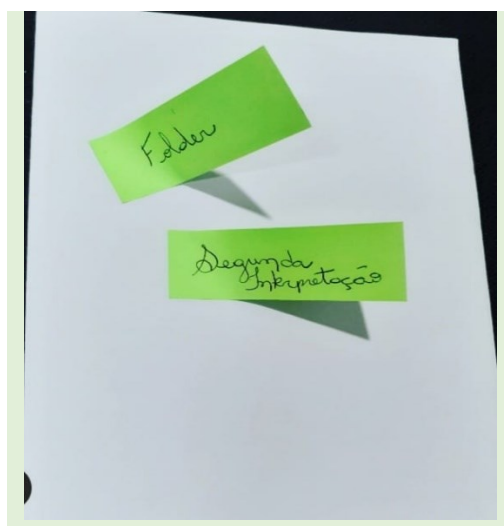
Como já informado, os grupos se apresentaram a partir dos sorteios realizados por mim. Essa metodologia estabeleceu organização e contribuiu para que os grupos se preparassem, evitando assim improvisações inadequadas e desajustes no decorrer da exposição.

O primeiro trabalho explanado foi sobre os Personagens Protagonistas - Segunda Interpretação, desenvolvido sem a utilização da tecnologia, pois fiz questão de mesclar as metodologias para extrair a criatividade e o desempenho em equipe.

Por conseguinte, cada grupo trouxe para a sala de aula uma leitura sobre os principais personagens que fizeram parte das narrativas que lemos e, além disso,

enriqueceram as características físicas e psicológicas/comportamentais com objetos. Assim houve uma bonequinha que representou a metamorfose da protagonista de “Natal na Barca”; um vestido branco todo rendado, simbolizando uma certa inocência de Raquel, em “Venha ver o pôr do sol”. Já o conto “Seminário dos ratos” teve uma poltrona de brinquedo para representar o poder que o Chefe das Relações Públicas exercia sobre o povo, uma postura reprovável e que muito referenciou a alguns políticos.

**Figura 18 – Protagonistas dos contos de Lygia Fagundes Telles**



**Fonte: Atividades dos alunos**

Este penúltimo trabalho – Segunda Interpretação – foi apresentado de forma mais lúdica, oportunizando que os alunos usassem da criatividade e de seus olhares observadores com relação aos protagonistas representados.

Constatou-se que a cada apresentação os alunos conseguiram identificar os personagens por meio dos objetos demonstrados, ficando em muitos momentos curiosos e até surpresos por perceberem a capacidade assertivas que os grupos tiveram nas escolhas, as quais abrangeram não somente os personagens centrais, mas também os próprios enredos, uma vez que cada material proporcionava um recontar das histórias.

O segundo trabalho teve como auxílio a ferramenta tecnológica Book Creator, promovendo o conhecimento e a construção do Livro Digital ao recontar o desfecho do conto “Venha ver o pôr do sol”. Admito que me surpreendi com as apresentações desse último trabalho, uma vez que os alunos não conheciam a ferramenta e se esforçaram para construí-la de forma que despertassem a atenção dos colegas, conforme fosse sendo exibida. Outro destaque é sobre as reescritas dos desfechos, pois os grupos foram unânimes em não concordar com a vingança premeditada por Ricardo.

Assim sendo, houve três grupos que finalizaram o conto com Raquel conseguindo escapar de seu agressor e outros três grupos, inesperadamente, escolheram por unir o casal novamente, após uma conversa, na qual o agressor desistiu de cometer o ato criminoso. Talvez com esses últimos desfechos, desejassem mostrar que é possível a restauração de relacionamento, e que a violência não beneficia qualquer pessoa.

Constatai ainda que os desfechos trazidos pelos grupos foram motivos de muitas expectativas, pois, conforme a história foi sendo recontada, os alunos permaneceram silenciosos aguardando os caminhos que seriam dados aos protagonistas. Aliás, ousou dizer, que, após as apresentações, a turma exerceu o papel de jurados, acenando com satisfação ou reprovação às escolhas feitas por seus colegas de sala. Tais posicionamentos reverberaram para além das aulas previstas, sendo motivo de lembrança depois do término do projeto.

A seguir estão disponibilizados os exemplos de três livros digitais, com seus respectivos links para visualização.

**Figura 19 – Livro Digital Book Creator**



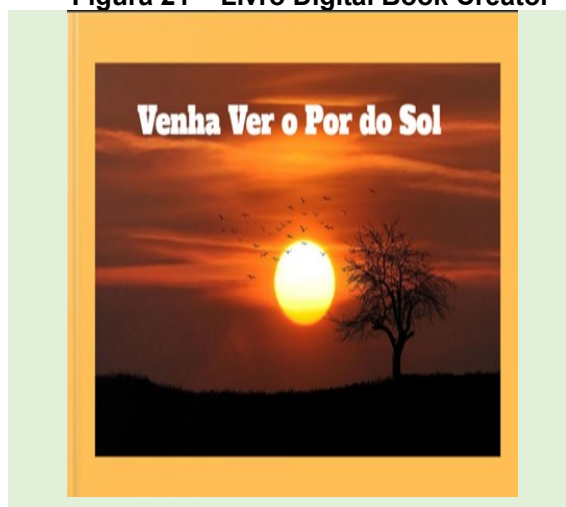
<https://read.bookcreator.com/HAkjg4wwWoRFP6laelEdKXAus13/tmIv31zDRcaPt-q43vNs3g>

**Figura 20 – Livro Digital Book Creator**



[https://read.bookcreator.com/dtaKYOOzeJU9wrJeWaNyJcUIHKO2/jmWLZp--T1q9KSrAg-vh\\_A](https://read.bookcreator.com/dtaKYOOzeJU9wrJeWaNyJcUIHKO2/jmWLZp--T1q9KSrAg-vh_A)

**Figura 21 – Livro Digital Book Creator**




[https://read.bookcreator.com/7pjDFzb0HiVgZGW49DRlhAVqBNq1/bII\\_OBonS3GadTsz1\\_JjpQ](https://read.bookcreator.com/7pjDFzb0HiVgZGW49DRlhAVqBNq1/bII_OBonS3GadTsz1_JjpQ)

As ferramentas tecnológicas sempre serão bem-vindas quando utilizadas com propósito, sobretudo, com a intenção de promover a inclusão digital.

O desenvolvimento do livro digital foi acompanhado diariamente porque era uma novidade, visto que a turma não o conhecia. Esses momentos, segundo os estudantes, foram desafiadores, de descobertas, criatividade e muitas trocas de ideias a cada passo executado.

Ao término das apresentações, os alunos compreenderam que para qualquer trabalho feito em grupo é primordial que haja respeito às habilidades e competências que cada integrante possui e saber usá-las a favor da produção desenvolvida, de modo que todos sejam valorizados e a aprendizagem colaborativa realmente aconteça.

### Quadro 13 – Semana XII

SEMANA XII		
<b>Datas:</b> 16/08, 19/08 <b>Aulas:</b> 3	<b>Horário:</b> 7h15 às 12h30	
<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Conteúdos:</b> Término das apresentações sobre a reescrita do desfecho do conto “Venha ver o pôr do sol” – Book Creator. Questionário sobre a Sequência Didática.</li><li>● <b>Objetivos Específicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Apresentar a reescrita do desfecho no conto “Venha ver o pôr do sol”.</li><li>&gt; Responder ao Questionário.</li></ul></li><li>● <b>Procedimentos Metodológicos:</b><ul style="list-style-type: none"><li>&gt; Organizar os grupos para as apresentações dos trabalhos.</li><li>&gt; Apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos grupos.</li><li>&gt; Entrega do Questionário para a turma responder.</li></ul></li><li>● <b>Recursos Didáticos:</b> Datashow, internet, reprodução do questionário.</li></ul>		

Fonte: A autoria própria (2022)

Antes de começar a relatar a última semana de implementação, é importante esclarecer que embora as aulas transcorressem com muita tranquilidade, praticamente sem nenhuma intercorrência que impedisse o desenvolvimento do projeto, houve dias, ainda que raros, que tive que intercalar com outras propostas, como Avaliação interna, Prova Paraná, Olimpíadas da Matemática (OBMEP), Redação Paraná, que todas as sextas-feiras, na quinta aula, foram ministradas. Desse modo, o término da Sequência Didática se prolongou um pouco mais, no entanto, o objetivo foi alcançado.

Dia 16 de agosto, os dois últimos trabalhos sobre o conto “Venha ver o pôr do sol” foram apresentados, pois como os grupos optaram por ler o texto integralmente, destacando de maneira especial o desfecho, foram necessárias duas aulas a mais, entretanto, eu permiti isso por acreditar ser fundamental a leitura compartilhada. Então, as apresentações ocorreram normalmente, como descritas na aula anterior, com a atenção e participação da turma.

Acrescento que a ferramenta tecnológica Book Creator foi um diferencial tanto para desenvolver a atividade, como para estimular a criatividade dos grupos. Por isso, conforme os educandos foram apresentando, havia uma curiosidade por saber quais recursos escolheram, como cores, letras, texturas, imagens, vídeos, entre outros, que contextualizaram com o conto, tornando a leitura mais atrativa. Enfim, foi um momento de muito aprendizado e trocas.

Após terminar a implementação da Sequência Didática, elaborei um questionário com cinco perguntas a fim de ter um *feedback* por parte dos alunos. Contudo, antes de aplicá-lo, montei um material resumido com todas as etapas desenvolvidas ao longo dos três meses, como se fosse um portfólio, contendo de maneira especial fotos dos alunos executando algumas atividades na sala de aula.

Projetei todo material no Datashow e fui explicando a importância de se fazer memória e, acima de tudo, mostrar que o caminho foi extenso, entretanto superou as expectativas. Conforme fui exibindo, os aprendizes se emocionaram e eu também por perceberem o quanto tínhamos trabalhado.

Acrescento ainda que preparei esse momento para agradecê-los, já que sem eles nada seria possível e também para auxiliá-los nas respostas do questionário. Ademais, orientei-os a responderem de forma séria, com muita verdade, para dar credibilidade à prática metodológica, para que eu também pudesse me autoavaliar e, futuramente, esse Produto Educacional servisse de exemplo para outros docentes e seus alunos.

Para um melhor entendimento, seguem as perguntas e algumas das respostas dadas pelos trinta e sete discentes, os quais foram identificados pela letra do alfabeto e números cardinais. Informo que as repostas foram transcritas literalmente, sem correção.

### Questionário

#### **1 – Após conhecer Lygia Fagundes Telles, mencione uma característica que mais chamou atenção na escritora.**

A 1 – “A Lygia tem um olhar para as histórias, olhares que muitos escritores não têm. Ela se imagina nas histórias delas, eu tive muitas surpresas em um livro específico dela foi o “Venha ver o pôr do sol””.

A 2 – “Uma característica que me chamou foi o quão tão boa escritora ela é, pois todos os contos lidos em sala com o professor e os colegas foram contos muito bons ainda mais porque fiquei imerso em cada conto”.

A 3 – “Chamou a atenção a cada detalhe que Lygia fez, ela trouxe fantasia com verdades e umas histórias que vamos levar para vida”.

A 4 – “O fato dela escrever muito bem, a linguagem, os contos dela ter sempre um final aberto, que estimula a imaginação do leitor a imaginar um final”.

A 5 – “Me chamou mais atenção foram os finais dos contos abertos de Lygia”.

A 6 – “O fato de ela sempre deixar os contos em abertos para você se deixar imaginar o final do conto”.

#### **2 – Os contos lidos na Sequência Didática Expandida: Um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles foram?**

**(a) Interessantes, pois prenderam minha atenção.**

**(b) Envolventes, pois despertaram vários sentimentos, como surpresa, indignação, medo, hesitação, entre outros.**

**(c) Enfadonhos, pois as leituras e as temáticas abordadas foram cansativas**

Como essa questão foi objetiva, colocarei o resultado das alternativas assinaladas.

> Letra (a) foi escolhida por 6 alunos;

> Letra (b) foi escolhida por 30 alunos;

> Letra (c) foi escolhida por 1 aluno.



**3 – Com as discussões permeadas por vídeos, imagens, músicas, leituras extras e dinâmicas realizadas na etapa Intervalo de leitura o que foi possível compreender sobre os contos lidos? Explique.**

A 1 – “Sim. As dinâmicas em sala ajudaram a perceber os mínimos detalhes dos contos de uma forma legal e não cansativa, nas discussões foram importantes para um melhor entendimento”.

A 2 – “Com o vídeo, imagem e músicas disponíveis, ajudaram muito a compreender aos contos da Lygia e despertar curiosidade e prender a minha atenção”

A 3 – “Sim, tipo eu leio muito mal e se fosse só isso eu iria ficar completamente perdido e todas as atividades foram legais e dinâmicas. Tipo a professora poderia dar um texto, aí a gente fazia uma prova seria chato e talvez eu não gostaria das aulas de você”.

A 4 – “Sim, teve variedades em todos os contos para ajudar a gente consegui entender todas os contos com facilidade”.

A 5 – “Sim, com os vídeos, dinâmicas e os contos com tudo isso eu consegui ter mais facilidade de aprender e as aulas ficam mais divertidas”.

A 6 – “Sim, pelo fato de que cada conto ter uma atividade diferente e fizeram bem para a diversão, participação e interação melhor”.

**4 – Para concluir as Etapas: Intervalos de Leitura, I e II Interpretação e Expansão foram propostas atividades individuais e em grupo, desenvolvidas da forma manual e por meio das ferramentas tecnológicas. Em sua opinião, essas práticas tornaram as leituras dos contos mais significativas, permitindo um maior entendimento? Discorra.**

A 1 – “Sim, pois a gente vai associar os livros com os aplicativos e foi muito legal, mesmo sendo trabalhoso, era divertido”.

A 2 – “Sim, além de permitir conhecer outros aplicativos, trabalhamos bastante em grupos”.

A 3 – “Sim, porque fizemos os trabalhos em grupos e com mais pessoas pensando é melhor, aprendemos plataformas de aprendizado (book creator) formas tecnológicas”.

A 4 – “Sim, me ajudou porque também não ficava só na mesma coisa, tipo só no manual ou tecnológico, foi bem divertida e uma nova experiência”.

A 5 – “Sim, as ferramentas tecnológicas e atividades individuais e em grupo ajudaram muito. A gente usou folhas, cartazes, dinâmicas de grupo. Mas também usamos o book creator e várias outras ferramentas. As leituras ficaram mais fáceis, pois a gente podia ler em folhas sulfites e também no WhatsApp, App, com as leituras foi bem fácil fazer com todas as ferramentas”.

A 6 – “Sim, pois pegamos os contos para levar pra nossa vida toda e com as atividades podemos nos ver na história e compreender. Trabalhamos com a história manual e tecnológica, eu sou ruim na parte tecnológica, porém gostei muito de tão legal. As dinâmicas fizeram a gente trazer um pouco de nós”.

**5 – Faça um breve comentário sobre como foi a sua experiência no desenvolvimento de todas as etapas da Sequência Didática, destacando os pontos positivos e negativos.**

A 1 – “Foi divertido produzir tudo o que fizemos até agora, pois também descobri mais livros que gostei de ler além de ter sido mais relevante do que apenas gramática. O único problema foi o estresse por ser líder de grupo, porém a experiência foi boa”.

A 2 – “Foi bom, mas teve horas que eu me estressava em atividades em grupo, mas no resto foi uma experiência muito divertida, tivemos muitas atividades em grupo e meus preferidos foram: o Jamboard, Book Creator e a Travessia que foi individual”.

A 3 – “No ponto positivo foi que eu ocupei meu tempo livres lendo os contos, em grupo fez eu me comunicar mais com meus colegas. Negativos mais não tanto e que nem todo mundo tinha a mesma opinião sobre os contos”.

A 4 – “para mim esse projeto foi muito gratificante, eu nunca tinha feito um projeto desse foi mito tudo legal, as atividades, os contos, Coraline, todos os contos tinham histórias diferentes, locais diferentes, mas eu não tenho nada de pontos negativos”.

A 5 – “Eu adorei esse projeto, amei trabalhar com esses contos, no começo achei que seria entediante, mas com o passar do tempo, ficou muito legal e

interessante. Os trabalhos dados não foi uma coisa chata e foi tudo muito legal e interessante”.

A 6 – “Na minha experiência, gostei muito do formato das aulas que foram propostas. Na maioria das aulas ficávamos em grupos o que não deixava as aulas cansativas e também criando maiores “laços” entre os alunos, refletimos também sobre cada um dos livros”.

Ao ler atentamente as respostas dos alunos, percebi o quanto o Produto Educacional: **Sequência Didática: Um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles** promoveu muito aprendizado e, o mais importante, mostrou aos alunos que a literatura pode ser trabalhada de forma criativa, envolvente e interativa nos levando a compartilhar das experiências humanas e imaginárias a partir dos contos que foram lidos e que ficaram registrados no conhecimento de cada estudante.

Houve o entendimento de que os textos ultrapassaram os limites escolares, já que seus temas ajudaram a refletir sobre vivências que fazem parte da realidade dos alunos. Com a aplicação do questionário, deu-se por encerrada a implementação do projeto.

A Avaliação, última etapa orientada por Rildo Cosson (2020), foi aplicada de forma processual, de modo que atribui notas em algumas atividades e em outras, não, pois priorizei a participação diária dos estudantes. Faz-se necessário mencionar também que houve situações em que o prazo de entrega de trabalho foi protelado e que houve trabalhos devolvidos para serem refeitos, mas todo esse processo faz parte da rotina escolar e, o mais importante, é permitir uma segunda oportunidade para que os alunos realizem suas tarefas.

Acredito que essas didáticas balizaram todo o desenvolvimento, culminando na produtividade e em um aprendizado constante e construtivo, em que a leitura literária atuou também como uma protagonista, despertando imaginações, promovendo discussões, encorajando posicionamentos, ampliando repertórios e, sobretudo, humanizando o leitor.

Reconheço de maneira especial que, por meio desse projeto, Lygia Fagundes Telles se tornou conhecida e admirada pelos meus alunos. Ela, que tanto acreditou no poder transformador da literatura, com seus contos proporcionou a formação de novos sujeitos e novas histórias.

## 4.2 Análise e discussão

A prática de leitura literária no ambiente escolar há tempos é um grande desafio. Observa-se uma resistência cada vez maior dos educandos porque também se percebe que as possibilidades de entretenimento, que os cerca, são inumeráveis e muito convidativas. Dessa forma, para um educador envolver os alunos nesse celeiro de imaginação, informação e conhecimento é necessário um trabalho árduo e diário, porém imprescindível para que também outras habilidades sejam contempladas, como a oralidade e a escrita.

Em consonância com tal posicionamento, as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa do Paraná postulam:

É tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem de novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada (PARANÁ, 2008, p. 48).

Partindo desse pressuposto, buscou-se elaborar uma Sequência Didática que primasse por atividades em que a leitura literária – contos de Lygia Fagundes Telles – fosse o cerne da proposta, contudo planejada com práticas dinâmicas e criativas, desenvolvidas individual ou coletivamente, por ações manuais ou com o auxílio da tecnologia.

Como já informado, ao término da implementação do Produto Educacional, foi aplicado um questionário a fim de obter um retorno dos alunos mediante as leituras e tarefas feitas, que tiveram as respostas analisadas a partir de cada questão e seu conteúdo, de maneira discursiva e não separadas por categorias específica, visando, sobretudo, saber se as estratégias orientadas por Rildo Cosson, em seu livro **Letramento Literário: teoria e prática** (2020), foram exitosas e alcançaram os objetivos pretendidos.

Ademais, frisa-se que houve a recolha de seis respostas para as cinco perguntas por entender que a aplicação das atividades ficou extensa e produtora e, então, ter em mãos as observações que a turma escreveu é validar um trabalho realizado para e com os educandos, no “chão” da escola.

Acrescenta-se que os dados coletados foram inicialmente preparados de modo que cada aprendiz recebeu um código, por meio de uma letra e um número, os quais possibilitaram a sua identificação entre os demais, em ambas as respostas,

assegurando o sigilo da sua identidade. Além disso, as respostas dos alunos foram colocadas *ipsis litteris*.

A primeira pergunta tinha como objetivo saber qual característica de Lygia Fagundes Telles mais chamou a atenção dos alunos. Tal questionamento foi ao encontro da etapa introdutória da obra mencionada acima, posto que é importante enfatizar as características dos autores dos livros lidos. Quando se propõe um trabalho literário, entende-se que leitor e escritor precisam se conhecer. Igualmente, João Wanderley Geraldi (2011, p. 90) apregoa que a leitura “é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto”, ou seja, quando se estabelece um diálogo, as chances de haver uma identificação são inevitáveis, propiciando uma leitura fluída e prazerosa.

Assim sendo, uma característica evidenciada na autora Lygiana foi a sua criatividade na construção dos textos, pois, segundo os depoimentos, essa singularidade contribuiu para “prender” a atenção dos estudantes, despertando um novo mundo de significados, perpassado pela imaginação de cada um:

**A 1** - A Lygia tem um olhar para as histórias, olhares que muitos escritores não têm. Ela se imagina nas histórias delas, eu tive muitas surpresas em um livro específico dela foi o “Venha ver o pôr do sol”.

**A 2** - Uma característica que me chamou foi o quão tão boa escritora ela é, pois todos os contos lidos em sala com o professor e os colegas foram contos muito bons ainda mais porque fiquei imerso em cada conto.

**A 3** - Chamou a atenção a cada detalhe que Lygia fez, ela trouxe fantasia com verdades e umas histórias que vamos levar para vida.

Uma possível hipótese para esse envolvimento dos educandos nos contos retratados é a linguagem utilizada pela autora, que é muito bem elaborada, apurada em detalhes, até porque ela sempre exerceu uma severa autocrítica em relação aos seus trabalhos, os quais eram submetidos a constantes revisões ou mesmo sendo reescritos.

Esse cuidado reflete-se nas opiniões dos alunos, que, em sua maioria, concordaram em afirmar que as histórias eram muito bem escritas, acessíveis em sua compreensão, não eram cansativas e instigavam à reflexão. Observa-se que as palavras eram bem escolhidas, fonte de sua concepção criativa, as quais contribuíram para que os textos tivessem uma força que seduziu e encantou a turma. Há uma citação de Silva (2009) que pode deslindar essa qualidade própria da escritora que consegue atingir a todos com seus enredos:

A legibilidade de seus textos tem a rara virtude de alcançar tanto o leitor comum, que vê neles espelhado um pouco de seus próprios anseios, como o exigente leitor erudito, que logo percebe, sob a aparente facilidade da linguagem, a cuidadosa arquitetura que sustenta as tramas (SILVA, 2009, p. 16).

Para mais, os alunos identificaram uma peculiaridade muito própria da autora, que é a capacidade de deixar os finais de seus contos abertos, aguçando a imaginação e a sensibilidade dos leitores:

**A 4** - O fato dela escrever muito bem, a linguagem, os contos dela ter sempre um final aberto, que estimula a imaginação do leitor a imaginar um final.

**A 5** - Me chamou mais atenção foram os finais dos contos abertos de Lygia.

**A 6** - O fato de ela sempre deixar os contos em abertos para você se deixar imaginar o final do conto.

Presencia-se que as histórias foram compreendidas pela turma e, ainda que o desfecho propusesse um final aberto, os alunos conseguiram dar sentido ao enredo, concatenar as ideias para sugerir um possível desfecho, um exemplo disso foi a atividade realizada por eles com o conto “Venha ver o pôr do sol”.

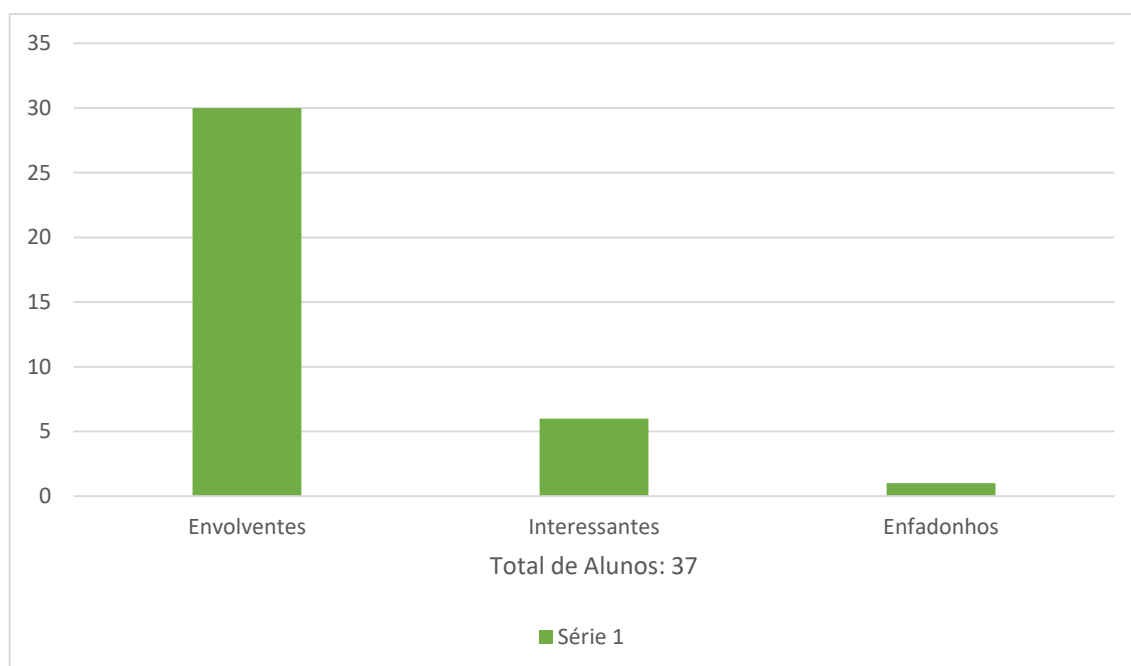
Uma hipótese para esse olhar acerca dos finais lygianos pode estar no fato de os estudantes terem se sentido parte de cada conto lido, em razão das inúmeras interpretações feitas e discutidas. Assim, ter oportunizado possíveis sugestões para os desfechos trouxe o indivíduo para o centro das leituras literárias, fazendo-o coautor da história.

Acredita-se que o professor que leciona nos anos finais do Ensino Fundamental deve proporcionar o contato dos educandos com textos mais elaborados, escritos por autores que pertencem à literatura canônica, para que percebam a qualidade estética, a temática “que tendem ao aprofundamento, e à leitura crítica, seja do indivíduo, seja da sociedade” (SILVA, 2009, p. 40).

Esclarece-se que nem sempre o docente sente segurança em trabalhar com escritores que, de repente, não fazem parte daquela etapa, muitas vezes sendo isso desafiador. Todavia, quando há um planejamento bem estruturado, flexível e atento aos possíveis ajustes, os discentes são surpreendidos e beneficiados com conteúdo que enriquecerão seu aprendizado.

Nessa linha de raciocínio, a segunda pergunta levava os estudantes a avaliarem os contos trabalhados por meio de três qualificadores: interessantes, envolventes ou enfadonhos. Para uma melhor visualização, segue o gráfico abaixo:

**Gráfico 1 – Características dos contos de Lygia Fagundes Telles**



**Fonte: Autoria própria (2022)**

Observa-se que, de forma quase que unânime, 30 alunos, num total de 37, consideraram as histórias envolventes, capazes de suscitar sentimentos e reflexões sobre a vida, visto que os enredos da escritora percorriam temáticas cotidianas e realistas, contribuindo para aproximar os alunos, que, embora adolescentes, já presenciaram alguma situação contada por Lygia Fagundes Telles. Há de se registrar que seis discentes julgaram ser interessantes os contos lidos e apenas um que os considerou enfadonhos.

Diante do resultado, comprova-se a importância do cuidado em selecionar textos que dialoguem com os interesses dos educandos para que haja interação e não se torne uma leitura feita por obrigação por parte do educando e nem com objetivo de atribuir nota, por parte do docente. Ana Maria Machado (2001) considera que há duas condições para que a leitura seja frutífera: motivação e livros que sejam adequados ao leitor-alvo. Ao adotar essas primícias, a receptividade acontecerá com mais facilidade, como se pode perceber diante das respostas dadas.

Entretanto, admito que quando decidi trabalhar com Lygia Fagundes Telles e seus contos, a primeira pergunta feita foi: Será que os alunos irão atender às expectativas? Até porque eles tinham conhecimento do gênero conto a partir dos contos de fadas/maravilhosos e a autora traria uma novidade: os de mistérios e

fantásticos. Então, a única certeza que se tinha era que não poderia ser uma metodologia tradicional, aliás, em tempos que a tecnologia é inerente à escola, não caberia mais práticas sistemáticas. Assim, busquei selecionar materiais mais atuais contextualizá-los com as narrativas abordadas, as quais contaram com o apoio dos aparatos tecnológicos.

Para tanto, músicas, poemas, imagens, vídeos, obras literárias, entre outros exemplos foram pesquisados, planejados e aplicados de modo a contribuir para enriquecer a Sequência Didática. Acrescento ainda que as dinâmicas feitas a partir das diversidades desses gêneros textuais também colaboraram para aulas mais atrativas, fomentando as interações e as trocas de ideias acerca das leituras feitas, as quais irão permanecer vivas nas memórias literárias dos discentes.

Nesse sentido, ficou claro que os aprendizes aos poucos foram percebendo a diferença entre ler um conto sem nenhuma motivação, de maneira superficial, mecânica ou lê-lo apoiado por versatilidades de práticas didáticas, as quais foram sendo construídas e alimentadas no percurso.

Tal fato pode ser comprovado mediante as respostas dadas na terceira pergunta, como por exemplo:

**A 1** - Sim. As dinâmicas em sala ajudaram a perceber os mínimos detalhes dos contos de uma forma legal e não cansativa, nas discussões foram importantes para um melhor entendimento.

**A 2** - Com o vídeo, imagem e músicas disponíveis, ajudaram muito a compreender aos contos da Lygia e despertar curiosidade e prender a minha atenção.

**A 5** - Sim, com os vídeos, dinâmicas e os contos com tudo isso eu consegui ter mais facilidade de aprender e as aulas ficam mais divertidas.

**A 6** - Sim, pelo fato de que cada conto ter uma atividade diferente e fizeram bem para a diversão, participação e interação melhor.

Mediante os retornos acima, fica explícito que a leitura deixa de ser somente para codificar/decodificar, mas alcança uma das funções primordiais que é promover o letramento dos alunos, já que a eles foi oportunizado ter contato com diversidade de situações de comunicação, oferecendo-lhes embasamento para vivenciar experiências literárias com eles mesmos e com o outro, que, na prática, talvez ainda não haviam tido. Nessa vertente, a literatura poderá ser entendida de maneira mais expandida, ou melhor, como se posiciona Cosson (2020, p. 17) ao afirmar que “A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.



É relevante mencionar que dentre os materiais indicados, houve os livros literários **Coraline** e **O médico e o monstro**. Tais obras, lidas com antecedência, tornaram mais fáceis suas contextualizações no momento oportuno. Todavia, ao planejar as leituras, foi preciso consultar o acervo da biblioteca para verificar se tinha os livros e, como não havia, as leituras foram disponibilizadas no grupo do Whatsapp. Essa opção virtual tem sido muito comum e até mais atrativa para os adolescentes e jovens, já que estão imersos na tecnologia.

Saliento que as obras literárias foram as que mais dispenderam atenção, haja vista a cobrança constante para que os alunos lessem e fizessem as anotações pedidas. Uns leram na data estipulada, outros foi preciso prorrogar o prazo, mas, ao final, foi possível trabalhá-las como pretendido. Tal fato se justifica porque ainda há uma certa resistência à leitura, posto que exige disciplina, comprometimento, mas o docente não pode esmorecer e sempre que possível imprimir, em suas aulas, o valor de ler constantemente, seja para compreender melhor as informações que estão ao seu redor, como também por fruição e deleite.

Essa terceira pergunta me fez lembrar o tempo em que as aulas que seriam desenvolvidas na Sequência Didática estavam sendo preparadas, pois muitas vezes pensei em um material, porém alguns minutos depois já selecionava outro e isso me trouxe uma certa apreensão. Precisava, portanto, focar na receptividade dos alunos em relação aos conteúdos, já que todo aprendizado deve ser construído a partir de três dimensões: professor, aluno e conteúdo.

Admite-se que a Sequência Didática, alicerçada nessa tríade, não poderia ter resultado diferente. Assim, ao ir lendo cada feedback exposto pelos aprendizes, tanto no decorrer da implementação, como no questionário aplicado, houve a certeza de que a etapa *Intervalo de leitura* foi desenvolvida de acordo com as orientações estudadas e planejadas.

As competências gerais da Educação Básica, de modo especial, a número 5, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determinam que é importante:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações), produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na via pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 11).

Rojo (2012), em sua obra **Multiletramento na escola**, também reforça a necessidade de:

Exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionada com os novos letramentos - digital (uso das tecnologias digitais), visual (uso das imagens), sonoro (usos de sons, de áudio), informacional (busca crítica da informação) - ou os múltiplos letramentos (ROJO, 2012, p. 37).

Calcadas em tais perspectivas, elaborei a quarta pergunta, que trouxe a tecnologia no cerne do questionamento, haja vista a utilização de algumas ferramentas tecnológicas nas atividades desenvolvidas no transcorrer do Produto Educacional. Assim, procurei adotá-las não por pretexto, como um equipamento a mais em sala de aula, mas como estratégias e sentido pedagógico, buscando, como docente, mediar e articular os conhecimentos.

Concordando que as leituras literárias precisavam ser significativas e prazerosas, por isso a seleção de materiais e dinâmicas diversificadas, optei pelos recursos tecnológicos, que também enriqueceriam as atividades propostas. Friso que as manuais também foram pedidas.

Todavia, antes de planejar as aulas, certifiquei-me que a escola estava equipada com os devidos aparatos para que os educandos pudessem usá-los conforme a necessidade. Adiciona-se ainda o uso do Whatsapp que facilitou e dinamizou as informações dadas, e essa iniciativa foi um aprendizado para todos, visto que houve a orientação para que o grupo não se tornasse um ambiente de trocas de mensagens desnecessárias ou brincadeiras, as quais pudessem confundir os estudantes. Houve respeito e uma postura participativa, ao passo que mesmo terminada a implementação do Produto Educacional, o grupo permaneceu ativo.

Posto isso, a pergunta quatro propôs aos alunos que respondessem se as leituras dos contos se tornaram mais significativas, sendo desenvolvidas de forma manual e por meio das ferramentas tecnológicas. Novamente houve um consenso em reconhecer o quanto foi importante variar para que as aulas fossem mais desafiadoras e explorassem as habilidades de cada indivíduo, além de promover uma aprendizagem colaborativa, uma vez que a maioria das atividades foram em grupos, em uma metodologia entre pares. Duas das respostas comprovam tal concepção:

**A 2** - Sim, além de permitir conhecer outros aplicativos, trabalhamos bastante em grupos.

**A 5** - Sim, as ferramentas tecnológicas e atividades individuais e em grupo ajudaram muito. A gente usou folhas, cartazes, dinâmicas de grupo. Mas também usamos o book creator e várias outras ferramentas. As leituras

ficaram mais fáceis, pois a gente podia ler em folhas sulfites e também no WhatsApp, App, com as leituras foi bem fácil fazer com todas as ferramentas.

Dando continuidade às respostas:

**A 1** - Sim, pois a gente vai associar os livros com os aplicativos e foi muito legal, mesmo sendo trabalhoso, era divertido.

**A 4** - Sim, me ajudou porque também não ficava só na mesma coisa, tipo só no manual ou tecnológico, foi bem divertida e uma nova experiência.

Pode-se concluir que esses dois apontamentos são consequências um do outro, pois todas às vezes que nossas metodologias instigarem os alunos a viverem novas experiências, a saírem de seu comodismo, elas serão vistas em sua maioria como trabalhosas, até mesmo difíceis de executar. No entanto, quando os aprendizes rompem com as resistências e desenvolvem suas potencialidades, deparam-se com uma pluralidade de atividades, as quais contribuem para praticarem suas habilidades e de forma prazerosa.

Adiciona-se ainda o fato de os estudantes terem considerado as propostas divertidas. Uma hipótese para tal apreciação pode estar relacionado ao fato de terem desenvolvido atividades mescladas entre manuais/tecnológicas, individuais ou em grupo. Essas possibilidades impulsionaram à pesquisa, novas ideias, interação, curiosidade, organização, criatividade, entre outros benefícios, comprovando a concepção que Moran (2000, p. 138) apregoa, a qual diz que é “importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar”. Reforça-se que aulas assim desfazem a rotina e a previsibilidade, fatores que esterilizam a aprendizagem.

Destaca-se ainda, nessa quarta pergunta, o uso da ferramenta Book Creator como aparato tecnológico por entender que para mim, enquanto professora, também foi desafiador recomendá-la aos alunos, tendo como opção o portfólio manual. Contudo, acreditei que os grupos teriam capacidade de trabalhar com o livro digital e desde a sua apresentação percebi a disposição deles em aprender, e a cada retomada das orientações havia um avanço e, por fim, a atividade foi concretizada com sucesso:

**A 3** – *Sim, porque fizemos os trabalhos em grupos e com mais pessoas pensando é melhor, aprendemos plataformas de aprendizado (book creator) forma tecnológica.*

No tocante à interação que as novas tecnologias oferecem aos seus usuários, sobretudo na leitura e compartilhamento de textos, Zacharias (2016) corrobora:

As ferramentas de interação oferecem a possibilidade de selecionar o conteúdo de acordo com os interesses e motivações dos leitores assim como permite a eles opinar, comentar e comprometer-se com o próprio contexto de participação no qual estão integrados (ZACHARIAS, 2016, p. 23).

É preciso que o educador esteja em formação, procurando aprender sempre, pois a escola é um território fértil para as novidades que vão surgindo ao redor dos educandos, e quando há essa disposição às novidades, às novas experimentações, todos podem desfrutar de uma educação que promove o letramento digital e coloca o aluno como protagonista de leituras que podem ser feitas fora da escola e as que são privilegiadas na grade curricular.

As quatro perguntas e suas respectivas respostas, analisadas até o presente momento, buscaram o posicionamento dos alunos para cada etapa desenvolvida dentro da Sequência Didática. Já a quinta questão pedia um olhar macro para todo o processo, ou seja, comentar sobre a experiência particular que cada um teve, podendo ser positiva ou negativa, no entanto era preciso justificar. Observo que ao pedir para argumentar, pressupus uma autorreflexão quanto ao desenvolvimento das práticas dadas individualmente e o trabalho em equipe, sem deixar de mencionar, sobretudo, as leituras dos contos, que foram o foco da Sequência Didática.

Nessa perspectiva, percebi que ler os contos foi prazeroso para os alunos, uma atividade ainda que, a princípio, poderia ser pouco convidativa, porém despertou o interesse e a dedicação, como expõem os recortes das respostas a seguir:

**A 1** – pois também descobri mais livros que gostei de ler além de ter sido mais relevante do que apenas gramática.

**A 3** – No ponto positivo foi que eu ocupei meu tempo livres lendo os contos.

**A 4** – para mim esse projeto foi muito gratificante, eu nunca tinha feito um projeto desse foi mito tudo legal, as atividades, os contos, Coraline, todos os contos tinham histórias diferentes, locais diferentes, mas eu não tenho nada de pontos negativos.

**A 5** - Eu adorei esse projeto, amei trabalhar com esses contos, no começo achei que seria entediante, mas com o passar do tempo, ficou muito legal e interessante. Os trabalhos dados não foi uma coisa chata e foi tudo mito legal e interessante.

Uma vez mais saliento o quanto é fundamental a escola ser uma seara promotora de leituras diversas e o professor, como mediador, utilizar diariamente meios que motivem os estudantes a terem uma relação ainda mais próxima e acessível com a literatura. A esse respeito,

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2020, p. 30).

Como já informado, as leituras foram compartilhadas entre os grupos formados, todavia dois posicionamentos chamaram a atenção por demonstrarem insatisfação por ter que desenvolver as tarefas com alguns alunos que assumiram a liderança e as responsabilidades, comprometendo algumas etapas:

**A 1** - O único problema foi o estresse por ser líder de grupo, porém a experiência foi boa.

**A 2** - Foi bom, mas teve horas que eu me estressava em atividades em grupo.

Essas declarações demonstram que ainda pode haver educandos que não estão acostumados a trabalhar em equipe, não têm responsabilidade, talvez porque são frutos de uma metodologia tradicional em que os trabalhos eram desenvolvidos individualmente, visto que, na concepção do professor, no coletivo, poderia causar “bagunça” e atrapalhar o conteúdo programado.

Portanto, é imprescindível que o docente, sempre que possível, organize a turma em duplas ou grupos, a fim de que os discentes se conscientizem que uma ação colaborativa é o caminho que conduz a uma aprendizagem rica e efetiva. Tal proposta possibilita que os grupos expressem seus pontos de vista a partir do que foi lido e discutam sobre outras histórias que tenham relação. Assim, em um círculo de leitura, haverá o letramento literário, haja vista os argumentos e a criticidade fomentada.

Alinhada a essa certeza, houve a seguinte exposição:

**A 6** - Na minha experiência, gostei muito do formato das aulas que foram propostas. Na maioria das aulas ficávamos em grupos o que não deixava as aulas cansativas e também criando maiores “laços” entre os alunos, refletimos também sobre cada um dos livros.

Consolida-se à resposta dada, a afirmação das autoras Filipouski e Marchi:

Promover a troca de experiências, depoimentos, leituras compartilhadas que favoreçam o intercâmbio de vivências, produções autorais e novas aprendizagens são alternativas para verificar a eficácia da leitura (FILIPOUSKI; MARCHI 2009, p.13).

Acredito que o estudo literário, por esse viés, amplia o conhecimento dos estudantes e valoriza a leitura literária como forma de construção e aprimoramento dos saberes que cada um vai adquirindo no decorrer das aprendizagens.

Torna-se notório que o critério avaliação não esteve entre as perguntas e respostas analisadas neste capítulo, pois, como o próprio autor Rildo Cosson (2020) orienta, ela deve ser contínua, visando diagnosticar os avanços e as dificuldades do aluno no decorrer do processo. No entanto, é importante mencionar sua importância na prática pedagógica do docente, como também no ensino e aprendizagem dos

estudantes. Alinha-se a esse pensamento, os dizeres de Luckesi (2005. p. 119): “a avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível.”

Elucido que a forma de avaliação foi na perspectiva da modalidade diagnóstica, formativa e somativa. Dessa forma, busquei elaborar a Sequência Didática, priorizando instigar a leitura literária, contemplada por práticas diversificadas e interativas, tendo em vista, principalmente, desenvolver um trabalho em que professor e aluno participassem ativamente da construção de cada etapa. Essa estratégia mostrou-se exitosa, pois priorizou as atividades e trabalhos, em uma dimensão colaborativa, sendo atribuídas notas para a maioria delas, as quais foram somadas às provas que contemplaram os demais conteúdos do planejamento curricular, fechando o segundo trimestre.

É importante lembrar que foi elaborado um cronograma para aplicação de atividades, ainda que no decorrer tenha havido alguns ajustes e uma lista nominal dos aprendizes para que eles fossem acompanhando seus desempenhos individuais e de grupos. Acredito que os alunos se sentiram mais capacitados e estimulados para realizarem as tarefas, visto que perceberam que as atribuições de notas foram sendo conseqüências, fruto, especialmente, de uma aprendizagem significativa, que promoveu novos saberes e fez sentido para eles.

Sublinho que, em uma conversa informal com a turma sobre o fechamento trimestral, com resultado final dos trabalhos, houve uma satisfação por parte de todos, pois perceberam que o avaliar deixou de ser tradicional, com somente provas sistemáticas e individuais. Ao contrário, predominou uma ação contínua e formativa, em que os aspectos qualitativos prevaleceram sobre os quantitativos. Aliás, tal metodologia foi pedida para ser adotada no próximo trimestre. Assim, alguns trabalhos realizados posteriormente foram a partir dos grupos já formados por ocasião do Produto Educacional. Legítima esse processo Libâneo (1994), ao afirmar que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias (LIBÂNIO, 1994, p. 195).

Busquei desenvolver uma discussão e uma análise calcadas na proposta desenvolvida pelo Produto Educacional **Sequência Didática Expandida: um**

**percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles**, fruto de um trabalho desafiador e muito gratificante.

Os apontamentos apresentados tiveram intenção de mostrar, sobretudo, o olhar dos estudantes sobre cada etapa realizada, entendendo que poderia ser positivo ou não, conforme as orientações dadas na sala de aula. Assim, confesso que fiquei muito surpresa e até mesmo emocionada quando fui lendo os feedbacks dos alunos, os quais, em sua maioria, afirmavam nas entrelinhas o quanto foi prazeroso e de muito aprendizado ter participado do projeto.

Tal receptividade implica entender que as práticas de leitura devem ser realmente ressignificadas e cabe ao professor ser articulador de uma transformação que oportunize aos alunos terem acesso a diferentes suportes (livros, jornais, revistas, internet, cartazes, entre outros), expostos em diferentes gêneros literários, jornalísticos, publicitários, científicos, midiáticos etc., formando-os como leitores críticos e conscientes da realidade cultural, histórica e social que os circunda.

Ao ter essa postura metodológica, docente e discentes serão contemplados com a literatura que promove o letramento literário, convidando ambos a dialogarem com outros textos, outros livros e com suas próprias vidas, que, muitas vezes, estarão entrelaçadas com os enredos lidos e refletidos, em uma perspectiva humanizadora.

Ao concluir a implementação do Produto Educacional e a respectiva análise, é necessário fazer uma autocrítica sobre minha prática e, para tanto, firmo-me nas palavras de Zabala (2010) em sua obra **A prática educativa – como ensinar**, quando coloca:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivo, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas (ZABALA, 2010, p. 29).

Dessa forma, independente do componente curricular e do conteúdo elaborado, o foco deve sempre ser o aluno e seu aprendizado e foi com esse norte que fui elaborando e ajustando os conteúdos aplicados, como também revendo outras possibilidades para complementar as propostas. Isso reforçou, em minha prática, o quanto é importante ter um planejamento estruturado, todavia flexível, a fim de atender às necessidades dos aprendizes. Acrescento ainda a importância de o docente sempre buscar uma formação continuada, sobretudo, atualmente, em que a tecnologia é inerente e tem sido fundamental ao processo educativo.

Outro ponto que acredito ser relevante mencionar, é o fato de trabalhar na perspectiva da metodologia entre pares. Confesso que, apesar de ter discorrido sobre sua importância nos relatos, foi a primeira vez que organizei a turma em vários grupos, com seis integrantes. No início, cheguei até a pensar que não daria certo, contudo, fui surpreendida com a disciplina e a interação, e ainda que tivesse algum aluno que destoava da responsabilidade das tarefas, tudo foi um aprendizado, inclusive para mim que tenho dezessete anos em sala de aula. Essa experiência renovou meu fazer no magistério e, ao mesmo tempo, amadureceu minha ação pedagógica com os conhecimentos construídos e compartilhados nesse percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que há quase duas décadas, por orientações dos documentos oficiais, os gêneros textuais têm contribuído com as práticas de leituras na sala de aula, pois, por meio deles, o aluno tem tido contato com os mais diversos textos que circulam nas esferas da atividade humana. A exemplo, têm-se as crônicas, charges, notícias, entre outros, os quais requerem uma nova forma de ensinar, deixando de lado metodologias engessadas que se resumem aos aspectos formais, mas se propõem usá-las à luz das práticas sociais.

Diante das variedades de gêneros contemplados na prática pedagógica, observei que os textos literários estão cada vez mais limitados às atividades de leitura, seja na sala de aula ou extraclasse. Em seu lugar, enaltece-se a presença de jornais e outros materiais de leituras, reduz-se o trabalho com contos e poemas, por exemplo, talvez por considerá-los mais densos e complexos e, quando são aplicados, predominam interpretações a partir de textos fragmentados, preenchimentos de fichas de leituras ou resumos, metodologias que tolhem a criatividade e inibem o prazer de ler dos estudantes.

Afirmo que é preciso que os aprendizes percebam que há um sentido para ler, que é prazeroso, por isso, não se deve apenas ler resumos literários, extraídos da Internet e, para cumprir uma tarefa, apenas copiá-los, em uma atitude passiva, podendo a imaginação e, especialmente, restringindo o potencial de leitores enquanto coparticipantes críticos dos textos lidos.

Em consequência disso, o que se verifica é um alarmante desinteresse pela leitura, sejam as chamadas paraliteraturas e, sobretudo, os clássicos, pois da forma que muitas vezes tem sido cobrada, os alunos não encontram muito sentido, visto que é necessário que o aprendiz questione e seja capaz de tecer novas concepções com o texto lido, ocupando o papel de um leitor ativo e comprometido. O docente, por sua vez, deve rever suas escolhas metodológicas, entendendo que é através delas que é possível transformar esse cenário de cerceamento e podas criativas no que se refere ao trabalho com textos literários no ambiente escolar.

Para mais, é fundamental que o professor também seja um exemplo de leitor ativo, um mediador para que o ato de ler se torne uma constância na vida do educando, seja na escola ou fora dela. Recomendo que a leitura precisa fazer parte

da ação docente. Dessa forma, a postura do educador não deve ser somente a de quem indica uma obra literária para ler, mas um exemplo de leitor apaixonado, que seja referência para seus alunos e desenvolva o gosto por ler a partir de suas próprias experiências com o livro.

Assim sendo, é imprescindível que haja, principalmente, uma disposição de professores e alunos para que as leituras literárias passem a fazer parte do ambiente escolar diariamente, e que eles sejam capazes de apreciá-las por meio de estratégias motivadoras e colaborativas.

Acredito que o ensino construído nessa conjuntura será convidativo, deixará de ser obrigação, cumprirá seu papel de socializar informações e conhecimentos, antes retidos em uma aula tradicional, transpassada por enredos sedimentados, sem possibilidades de contextualizações com outras obras. Reconheço que a escola deve ser a primeira instituição a querer e se esforçar por uma educação literária que facilite o encontro dos seus educandos com os livros literários, com os clássicos, entre outros. A escola, por excelência, é um celeiro de máxima importância para a formação do leitor e cabe a ela promover e perpetuar encontros entre alunos, livros e seus autores.

Posto isso, institui como objetivo deste estudo mostrar ser possível desenvolver uma proposta de ensino literário capaz de promover o estímulo, o prazer de ler e, sobretudo, o letramento literário, em uma perspectiva de leitura compartilhada entre professor e alunos na sala de aula.

Para tanto, a fim de desenvolver a problematização acerca das leituras literárias no espaço escolar, adotei os passos apresentados por Rildo Cosson (2020) por meio de seu livro **Letramento Literário – teoria e prática**, contendo duas sequências: básica e expandida, optando-se pela expandida. O Produto Educacional foi aplicado na cidade de Londrina, no estado de Paraná, em um colégio cívico militar pertencente à rede pública, com uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, com 37 alunos do período matutino, entre os meses de maio e agosto, de 2022, no decorrer do segundo trimestre.

O *corpus* literário escolhido para desenvolver a sequência expandida foi composto por seis contos de Lygia Fagundes Telles, com temáticas diferenciadas, contribuindo para enriquecer o repertório intelectual e cultural dos aprendizes, além de propiciarem o contato com uma das maiores referências do gênero conto, na literatura brasileira.

Para tornar a proposta mais dinâmica e participativa, planejei organizar os alunos em grupos e cada um deles recebeu os seis títulos escolhidos, os quais foram sendo lidos mediante as aplicações da etapa sugerida pela sequência expandida. Esclareço que nenhum dos discentes conhecia Lygia Fagundes Telles e, conseqüentemente, seus contos. Esse fato poderia ter sido crucial, causando uma resistência coletiva, visto serem obras clássicas, que não estão entre as preferências dos adolescentes dessa geração.

Todavia, a cada nova leitura, permeada por discussões e reflexões compartilhadas, fui percebendo o envolvimento e o interesse dos alunos pelas histórias narradas, até porque cada enredo apresentou um conteúdo diferente, propiciando, em alguns momentos, a identificação individual; em outros, alcançando toda a turma, emergindo posicionamentos semelhantes e divergentes. Além disso, houve o cuidado de contextualizar os contos com outros materiais – vídeos, músicas, textos, além de duas obras literárias, **O médico e o monstro**, de Robert Louis Stevenson, 1885, e **Coraline**, de Neil Gaiman, 2002, os quais agregaram conhecimento e oportunizaram a associação com o mundo real no qual os educandos estão inseridos.

Saliento que esse resultado mostra o poder transformador que a literatura possui, pois quando há a dedicação do próprio leitor em compreender os sentidos do texto, adentrando nas entrelinhas e correlacionando-as com outras leituras, a partir de seu conhecimento de mundo, ele se torna capaz de argumentar, refletir e de ter um olhar crítico sobre as realidades que o cercam.

Ao tratar dos passos indicados pela sequência expandida, ressalto que cada etapa foi contemplada por atividades diversificadas, empreendida por feituas manuais e com auxílio de ferramentas tecnológicas executadas também de formas variadas, culminando em um aprendizado que transpassou o conhecimento intelectual e pôde ensinar o valor de se trabalhar em equipe, exercitando o protagonismo do aluno, além das competências socioemocionais.

Como apontado acima, houve tarefas realizadas por meio das ferramentas tecnológicas, dentre elas: Quadro Digital Jamboard e Book Creator. Tais aparatos, além de dinamizarem cada estratégia, ofereceram novos desafios, uma vez que os educandos, embora já familiarizados com a tecnologia, tiveram que aprender a utilizá-la, de acordo com a proposta indicada. Assim, em meio à sequência didática,

ambientes interativos foram sendo construídos e compartilhados por meio de imagens, sons, vídeos e textos. Acrescentam-se à essa conectividade a Internet, recurso utilizado para e nas pesquisas e o próprio *Whatsapp*, que favoreceu a comunicação durante todo o desenvolvimento do projeto.

Nesse sentido, as ferramentas tomaram outras funções, sendo constituídos como suportes para promoção da literatura, leituras literárias, letramento literário, como também para outros componentes curriculares. Para tanto, é fundamental que os aparatos tecnológicos sejam utilizados com qualidade e responsabilidade de forma a contribuir com os conteúdos abordados e, principalmente, com a inclusão digital no ambiente escolar, democratizando o ensino e o processo de aprendizagem dos estudantes.

Quando o educador se dispõe a elaborar uma sequência didática, já se pressupõe que há um desejo de transformar a realidade enfrentada por ele no ambiente escolar. Então, há a necessidade de desenvolver habilidades didáticas e se pensar em estratégias de ensino que viabilizem uma possível solução e contribuam para que haja uma aprendizagem significativa, uma aprendizagem que vai além de atribuições de notas ao final de cada trimestre, mas que seja processual e formativa, auxiliando, posteriormente, também na produção textual.

Face ao exposto, concluiu-se, como resultado desta pesquisa, ser possível desenvolver a leitura literária no âmbito escolar por meio de narrativas clássicas, como os contos de Lygia Fagundes Telles.

Não obstante, é importante dizer que não tem como se afirmar que o letramento literário se deu por completo, em sua totalidade, haja vista entender que ele é uma tarefa interminável e contínua, pois a cada leitura feita, a cada etapa desenvolvida, a literatura e, conseqüentemente, as leituras literárias adentraram a sala de aula, sendo abordadas para além de um componente e/ou eixos da Língua Portuguesa, buscando humanizar os leitores, posto que oportunizaram a identificação do lido com o vivido em suas realidades, suscitando reflexões e posicionamentos pertinentes, embora houvesse a imaturidade própria dos adolescentes pertencentes ao oitavo ano. Por isso, considero produtora toda construção literária e os frutos alcançados de imediato e no decorrer do processo.

Lygia Fagundes Telles, em seu discurso humano e literário, trouxe consigo a esperança, pois ela mesma disse em uma entrevista a Clarice Lispector (2007) que

para trabalhar, precisava ter esperança no coração. Dessa forma, espero que esta sequência didática, a qual foi pensada e organizada para trabalhar com a literatura e as leituras literárias no espaço escolar, possa ser um material agregador às práticas pedagógicas de outros docentes em sua árdua, mas incessante busca para que alunos possam experimentar o prazer de ler.

Espero ainda que as competências literárias, as quais foram sendo adquiridas e desenvolvidas no decorrer da sequência didática por meio da capacidade que os alunos tiveram em ir contextualizando os contos lygianos com os demais textos apresentados na proposta, tenham contribuído para a formação de cidadãos críticos, mais maduros, indivíduos que conseguiram nesse caminhar literário transpor o exposto para a sua realidade, bem como trazê-las para dentro cada enredo lido e interpretados mediante a várias atividades desenvolvidas extraclasse e na sala de aula de maneira individual e partilhada.

Soma-se, ainda, o meu anseio para que as competências literárias possam ter favorecido uma viagem rumo à imaginação e à criatividade, levando cada estudante a entender que o ensino literário pode proporcionar a fruição e o letramento literário, potencializando os diversos saberes que cada um traz em sua história.

## REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luiza. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALMEIDA, Elizama. **Lygia Fagundes Telles indicada ao Nobel**. Blog IMS. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/08/21/mais-sobre-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ALMEIDA, Maria Elizabeth. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

ARAUJO, Elana Gonçalo de. **Da formação do professor para a sala de aula: aspectos da leitura literária na graduação em Letras na UFPB**. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19828>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit\\_e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf). Acesso em: 19 dez. 2022.

BRASIL. **Educação Básica – Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED/PR, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_port.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf)

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa**/Ministério de Educação e do Desporto – Brasília: 1998.

BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BEDIN, Fernando. **Quantas personalidades o Incrível Hulk possui?** 2014. Disponível em: <https://radiacaogama.blogspot.com/2014/02/quantas-personalidades-o-incrivel-hulk.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, José; MASETTO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Maria Aparecida. (Orgs). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. São Paulo: Papyrus, 2013. p. 80-81.

BETELLA, Gabriela Kvacek. Contos quase feitos de silêncio. *In*: **Caderno de leituras Lygia Fagundes Telles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-29.

BITENCOURT, Edivaldo. **Em artigo, filósofo fala sobre os ratos que ocupam a política e impõem sacrifício ao povo**. Disponível em: <https://ojacare.com.br/2021/05/29/em-artigo-filosofo-fala-sobre-os-ratos-que->

[ocupam-a-politica-e-impoem-sacrificio-ao-povo/#.Yif4WNXMK1s](#). Acesso em: 15 maio. 2022.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**: introdução. Universidade de São Paulo: USP, 1974.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOTELHO, José Francisco. **4 Romances da mitologia grega que terminaram em tragédia**. Super Interessante. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/4-romances-da-mitologia-grega-que-terminaram-em-tragedia>. Acesso em 2 ago. 2022.

BURLAMAQUE, Fabiane Verandi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAUJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

CADERNOS de literatura brasileira. Histórias de porões e sobrados. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998. p. 5-8.

CADERNOS de literatura brasileira. A disciplina do amor. Entrevistada: Lygia Fagundes Telles. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998. p. 27-43.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. (2018). **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Editora Penso, 2018.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do leitor. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 24 1971, São Paulo. **Ciência e Cultura**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1971. p. 803 – 809.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura: o esquema de Machado de Assis. *In*: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 249.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**, 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 177.

CARMO, Gildo Oliveira. **Previsão do Ravengar**. Novela Que rei sou eu? Youtube. 25 mai. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/OE7LSIHin-4?si=ReZtjZrDGxUWG7io>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CAZUZA. **Especial 'Uma prova de amor'**. Youtube. 11 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Nriw77gqctg?si=Zsl48Tgww6q3EbUo>. Acesso em: 10 abr. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **Seleta**. In: TELLES, Lygia Fagundes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. 144.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Tadde Brandini. Belo Horizonte, 2009.

CORALINE e o mundo encantado. Direção de Henry Selick. Estados Unidos: Laika, 2009. (1h40 min).

CORRÊA. Carlos Humberto Alves. Entre práticas e representações: Notas sobre o encontro com o mundo da leitura na universidade. In: SILVA. Lilian Lopes Martin da; MORAES. Ana Alcídia de Araújo. **Entre leitores: alunos, professores**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001. p. 27.

COSSON, Rildo. **O espaço da Literatura em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Marta Maria da. **Teoria da Literatura II**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.

COUTINHO, Afrânio Coutinho. **A Literatura no Brasil**: co-direção Eduardo de Faria Coutinho. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

CHIARETTO Marcelo. Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão. Universidade Federal de Minas Gerais. **IV SILID III SIMAR 2013**.

EUROPE, Life for all. **Transformação da borboleta**. Youtube, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmlJBc>. Acesso em: 12 maio. 2022.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. ERECHIM: Edelbra, 2009.



GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Projeções do medo e da morte no gótico revisitado por Lygia Fagundes Telles. *In*: FRANÇA, Júlio. **As nuances do gótico**: do setecentos à atualidade. Rio de Janeiro (RJ): Bonecker, 2017. p. 185.

GAUTIER, Teóphile. **A cafeteria**. 1831. Disponível em: <https://nefasto.com.br/a-cafeteria-theophile-gautier/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercícios militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, João Wanderley. (Org.) **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GIL. Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIL NETO, Antônio. **A produção de texto na escola**. São Paulo: Loyola, 1992.

GOTLIB, Nadia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.

HOLANDA. Lourival. Faces de um Enigma. **Revista E**, São Paulo. nº 308. p. 31, junho/2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/faces-de-um-enigma-perfil-de-lygia-fagundes-telles/#junho-integra>. Acesso em: 29 jan. 2022.

JEKYLL & HYDE. **O Médico e o Monstro** - Completo. [S.I.]: Jaffer, 2017. P&B. Disponível em: <https://youtu.be/Dd0vLzdTiBc?si=ecSk8o741WbPF09Q>. Acesso em: 25 jul. 2022.

JONAS, Emerson. **A transformação do Hulk/Os Vingadores (2012)**. Youtube, 26 dez. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C\\_R6jcyXmRc](https://www.youtube.com/watch?v=C_R6jcyXmRc). Acesso em: 8 maio. 2022.

JORDÃO, Teresa Cristina. Formação de educadores: A formação do professor para a educação em um mundo digital. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **TV Escola Boletim Salto para o Futuro**: Tecnologias Digitais na Educação. Brasília, DF: MEC/SEED, 2009.

LAMAS, Berenice Sica. **O duplo em Lygia Fagundes Telles**: um estudo em literatura e psicologia. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

LEAL, Flávio Jorge de Sousa. **Leitura de contos das obras "Literatura em minha casa": uma proposta para o 9º ano do ensino fundamental**. 2016. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10121>. Acesso em: 4 jul. 2022.

LEITE, Tatianny. **Leitura Conjunta Antes do Baile Verde**: Lygia Fagundes Telles. Vá ler um livro. Rio de Janeiro, 2022. 40 slides. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1SehWwWlmycoDXpicNi0junkl6y50Ppf4/view>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LER ANTES DE MORRER. **O médico e o monstro**. Youtube, 18 set. 2020. Disponível em: [https://youtu.be/s\\_DJ-oqQ1\\_k?si=RiWQw7U7U\\_3nySvQ](https://youtu.be/s_DJ-oqQ1_k?si=RiWQw7U7U_3nySvQ). Acesso em: 10 jul. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LILA. **Charge ano do rato**. Disponível em: <https://patrialatina.com.br/no-brasil-e-assim-vira-o-anus-e-merda-continua-na-politica/charge-ano-do-rato-2/>. Acesso em: 15 maio. 2022

LIMA, Alceu Amoroso. **Estética literária**. Rio de Janeiro. Americ. Ed, 1945.

LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LUCAS, Fabio. O conto no Brasil moderno. *In*: FILHO, Domício Proença. (Org.). **O livro do seminário**. São Paulo: L. R. Editores, 1983, p. 103-164.

LUCAS, Fabio. A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles. **Travessia**, Florianópolis, n. 20, p. 60-77, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005

LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector - entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/12510-2/>. Acesso em: 9 jul. 2023.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; CORRÊA, Hércules Toledo. **Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, Edson. **Mude, mas comece**. Tv Cultura. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2hk9jtL7WA>. Acesso em: 20 maio. 2022.

MARTINS, Ivana. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia; KLEIMAN, Angela B. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 97.

MASSOLI, Ligia Carolina Franciscati da Silva. **O Fantástico em contos de Lygia Fagundes Telles e Amílcar Bettega Barbosa**. Dissertação. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Célia de Moraes Leonel. Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karin Volobuef. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Estudos Literários, 44 f, 2018. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agendapos/estudos\\_literarios/4597.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agendapos/estudos_literarios/4597.pdf). Acesso em: 4 jul. 2022.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. (2008). Um mundo sem promessas em “Deixa o quarto como está”. **Letras De Hoje**, 42 (4). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4116/3117>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MOURA, Helder. **Gilvan Freire comenta sobre a ratonagem e a ratocracia com o dinheiro público no Brasil**. Disponível em: <https://heldermoura.com.br/gilvan-freire-comenta-sobre-a-ratonagem-e-a-ratocracia-com-o-dinheiro-publico-no-brasil/>. Acesso em: 15 maio. 2022.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências**. 2013. 377 p. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31012014-121057/pt-br.php>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA, Katia. **A técnica narrativa em Lygia Fagundes Telles**. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972. (Cadernos Universitários, 2).

OS MISTÉRIOS de Lygia Fagundes Telles. Entrevistado: Julián Fuks. Entrevistador: Paula Carvalho. [S/l.]. **Narradores do Brasil**. 451MHz. 25 jun. *Podcast*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zTpeZNTNTKc>. Acesso em: 15 jul. 2022

PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros. *In: Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo: Pancrom. n. 5, 1998. p. 70-83.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 67.

PEREIRA, Helena Bonito. **Literatura: toda a literatura portuguesa e brasileira**: São Paulo: FTD, 2000.

PIRES, Roberto Paulo. Dama definitiva, Lygia Fagundes Telles relança obra e retoca inédito antes de brilhar no Salão do Livro de Paris. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 jan. 1998. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=2&ordenacaoData=relevancia&allwords=Lygia+Fagundes+Telles&anyword=&noword=&exactword>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RÉGIS, Sônia. Mistérios. O Estado de S Paulo, São Paulo, 12 dez. 1982. Caderno de Cultura, n.131. p.10.

RÉGIS, Sônia. A densidade do aparente. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

REIS, Luzia de Maria Rodrigues. **O que é o Conto**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 10.

REZENDE, Neide Luzia de. Apresentação ao leitor brasileiro. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérarde; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013a p. 7-18.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de leitura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia, JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013b. 99-112.

ROCHA, Ruth. Poema "Quem tem medo de que?". **Blogosfobia**, 2012. Disponível em: <http://blogosfobia.blogspot.com/2012/11/poema-quem-tem-medo-de-que-ruth-rocha.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAMPAIO, Aíla Maria Leite. Os mistérios de Lygia Fagundes Telles. In: SAMPAIO. Aíla Maria Leite. **Ensaio de Literatura e Artes**. Blog. 2007. Disponível em: <http://litebrasil.blogspot.com/2007/10/os-mistrios-de-lygia-fagundes-telles.html>. Acesso: 26 jan. 2023.

SCLIAR, Moacyr. A disciplina do amor. Entrevistada: Lygia Fagundes Telles. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998. p. 30.

SILVA, Andréa Cristina da. **Lygia Fagundes Telles**. Londrina: Andréa Cristina da Silva, 2022. 18 slides. Disponível em: [https://docs.google.com/presentation/d/1b7rrwk68o\\_Ka9BhYqMOmt6t8s2vGK-ZvSdMcsZGIZ2M/edit#slide=id.g1e95c671680\\_0\\_99](https://docs.google.com/presentation/d/1b7rrwk68o_Ka9BhYqMOmt6t8s2vGK-ZvSdMcsZGIZ2M/edit#slide=id.g1e95c671680_0_99). Acesso em: 15 maio. 2022.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Presença, 1984. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9076>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Dispersos & inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009a.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009b.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed. rev. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009c.

SOARES, Magda. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. *In* EVANGELISTA. Aracy Alves Martins. BRANDÃO, Heliana Maria Brina. VERSIANI. Zélia Machado (Orgs). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e Juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 47.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOLÉ, Isabel. Ler, leitura, compreensão: "Sempre falamos da mesma coisa?". Tradução de Fátima Murad. *In*: TEBEROSKY, Ana. **Compreensão de leitura**: a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 21.

TELLES, Lygia Fagundes. **Seleta**. Organização, estudos e notas da prof. Nelly Novais Coelho. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1971.

TELLES, Lygia Fagundes. **Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Leonardo Monteiro**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. **Oito Contos de Amor**. São Paulo: Ática, 2000.

TELLES, Lygia Fagundes. **Histórias de mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. **O escritor por ele mesmo**. Instituto Moreira Salles. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5IFvRw&t=11s>. Acesso em: 20 mar. 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. Posfácio Walnice Nogueira Galvão. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TITAN JUNIOR, Samuel. **O barril de amontillado**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod\\_resource/content/1/02%20Po e.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod_resource/content/1/02%20Po e.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf). Acesso em: 25 jul. 2022.

TONETTO, Amanda Letícia Falcão. **Pelos jardins de Lygia Fagundes Telles**. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34352>. Acesso em: 22 jan. 2023.

TUTORIAL: **Criando livros eletrônicos** - aplicativo Book Creator. [S.l.]: Prof. Thaís Corrêa, 2020. P&B. Disponível em: <https://youtu.be/-iDjowu-ccM?si=bWKUfHleeouPnVbL>. Acesso em: 20 jun. 2022.

VESTIBULAR, Algo sobre. **Lygia Fagundes Telles**. 2023. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/biografias/lygia-fagundes-telles.html>. Acesso em: 25 maio. 2022.

VIANA, Maria José Amaral. **Os (des)enredos do amor: a narrativa do fracasso amoroso em contos de Lygia Fagundes Telles**. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2010. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9419>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VILLENUEVE1, Gabrielle-Suzanne Barbot de. **A Bela e a Fera**. 1740. Disponível em: <https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.htmlhttps://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

YUGE, Claudio. **18 personagens da DC e da Marvel que são quase a mesma coisa**. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/quadrinhos/18-personagens-da-dc-e-da-marvel-que-sao-quase-a-mesma-coisa-153857/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

ZACHARIAS, Valéria R. de C. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. *In*: COSCARELLI, Carla Viana (Org). **Tecnologias para aprender**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ZILBERMAN, Regina. A teoria da literatura e a leitura na escola. *In*: **A leitura e o ensino de literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1988. p. 132.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

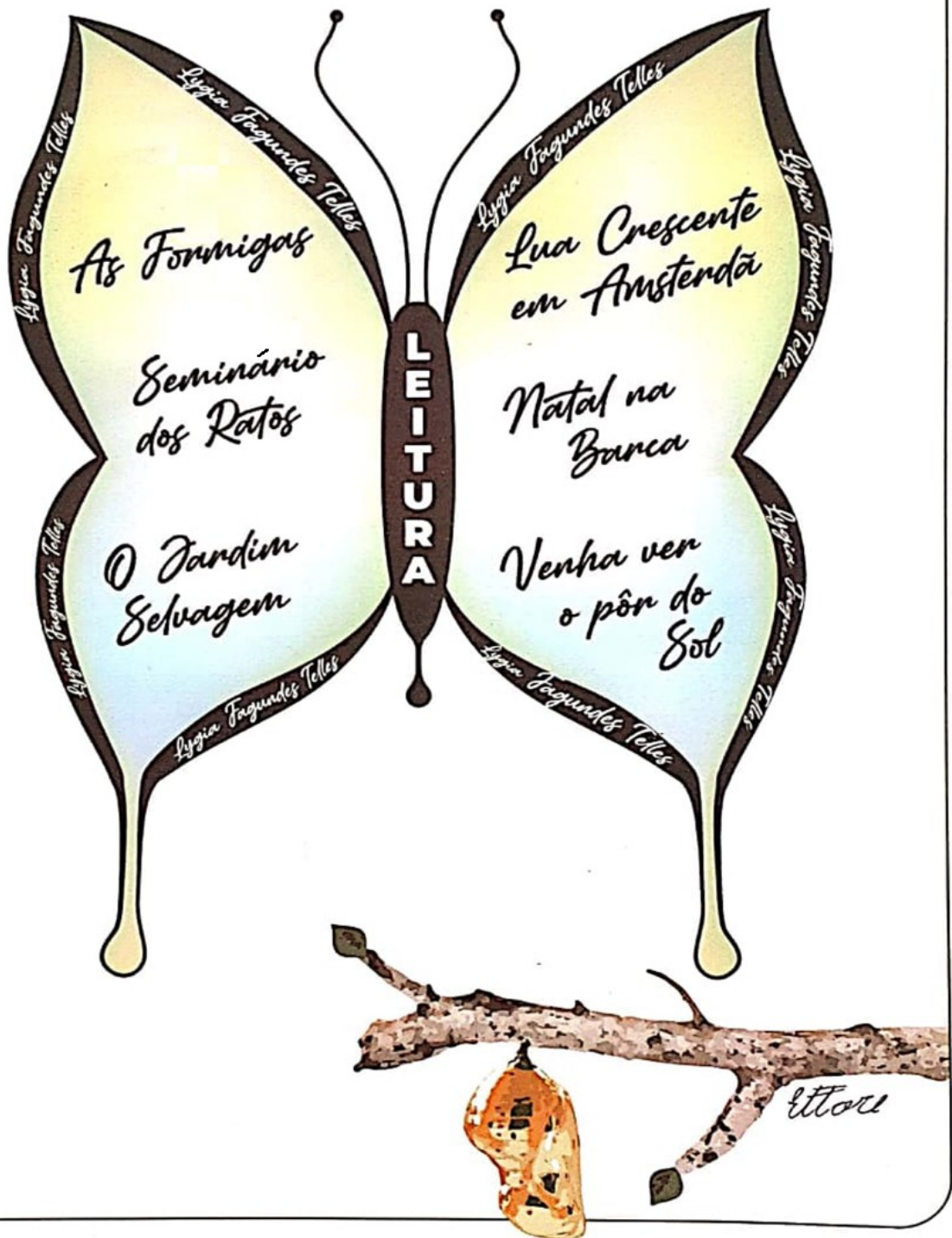
ZILBERMAN, Regina. "Sim, a Literatura educa". *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. São Paulo: Global, 2006.

## **APÊNDICE:**

- Produto Educacional: Sequência Didática Expandida: Um Percorso Pontilhado pelos Contos de Lygia Fagundes Telles

PRODUTO EDUCACIONAL

SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO  
PONTILHADO PELOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES



ANDRÉA CRISTINA DA SILVA



## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL .....	03
2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES .....	04
3 CONTOS SELECIONADOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES .....	04
4 OUTROS MATERIAIS ESCOLHIDOS PARA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	04
5 OBJETIVO GERAL .....	07
6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	07
7 MOTIVAÇÃO .....	08
8 INTRODUÇÃO .....	10
9 LEITURA EXTRACLASSE .....	11
10 INTERVALOS DE LEITURA .....	12
10.1 Conto “As Formigas” .....	12
10.2 Conto “Lua crescente em Amsterdã” .....	13
10.3 Conto “Seminário dos Ratos” .....	14
10.4 Conto “Natal na Barca” .....	16
10.5 Conto “O Jardim Selvagem” .....	17
10.6 Conto “Venha ver o pôr do sol” .....	19
11 PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO .....	21
12 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	22
13 SEGUNDA INTERPRETAÇÃO .....	23
13.1 Personagem .....	23
13.2 Tema .....	24
13.3 Traço Estilístico .....	25
13.4 Correspondência com questões contemporâneas .....	27
13.5 Questões Históricas .....	28
13.6 Outra Leitura .....	28
14 EXPANSÃO .....	31
15 AVALIAÇÃO .....	33
16 QUESTIONÁRIO .....	34
17 REFERÊNCIAS .....	35

## APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

No ano de 2020, como aluna externa do Programa de Pós-graduação, passei a ter contato com os possíveis Produtos Educacionais e dentre eles, a Sequência Didática, que, embora já conhecida por mim, despertou meu interesse por entender e reconhecer sua importância dentro do ambiente escolar.

De acordo com Zabala (2010, p. 89), a sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Os autores El Kadri et al. (2017) complementam dizendo que a sequência didática permite realizar um trabalho integrado por articular conteúdos e objetivos que são apontados pelos documentos oficiais da Educação, como as Diretrizes Curriculares, Projeto Político ou Planejamento Anual, respaldos necessários.

Para tanto, o trabalho proposto teve como referência e inspiração os passos apresentados por Rildo Cosson (2020) em seu livro **Letramento Literário: teoria e prática**, em duas sequências: básica e expandida. Esclarece-se que houve a opção pela modalidade expandida, que, além de contemplar as mesmas etapas que a básica, soma ainda duas interpretações, – a expansão e, por fim, – a avaliação. Tais estratégias foram desenvolvidas a partir de leituras literárias de seis contos da escritora Lygia Fagundes Telles, as quais proporcionaram aos alunos contato com os enredos que versavam sobre o fantástico e o mistério.

Em cada atividade aplicada houve o desafio de promover um diálogo com o conto lido e outros materiais, textuais ou vídeos, os quais contextualizavam com a temática abordada em cada enredo, de modo a instigar nos aprendizes a reflexão e a criticidade, contribuindo para a sua formação enquanto leitor e, sobretudo, como protagonista de sua aprendizagem, indo ao encontro das orientações dadas pela Base Nacional Comum Curricular (2018).

Apresentam-se ainda, nesta Sequência Didática, diferentes práticas metodológicas, com trabalhos realizados individualmente e em grupo, sendo elaborados de forma manual ou com o auxílio das ferramentas tecnológicas.

Pretende-se que este Produto Educacional seja um material agregador às práticas de leituras literárias em sala de aula, em uma perspectiva motivadora e participativa, promovendo assim o letramento literário individual e coletivo. Além do mais, que possa mostrar aos docentes a possibilidade de trabalhar com uma das escritoras mais importantes da literatura nacional e torná-la conhecida por aprendizes que ainda estão cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental II e assim enriquecer sua biblioteca particular e, conseqüentemente, semear ainda mais a literacia dentro e fora do espaço escolar.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPANDIDA: UM PERCURSO PONTILHADO PELOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

**Etapa Escolar: Oitavo ano do Ensino Fundamental II**

**Número de aulas: 50 aulas**

### CONTOS SELECIONADOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

- 1 – Conto “Natal na Barca” – (**Antes do Baile Verde**, 1970)
- 2 – Conto “O Jardim Selvagem” – (**Antes do Baile Verde**, 1970)
- 3 – Conto “Venha ver o pôr do sol” – (**Antes do Baile Verde**, 1970)
- 4 – Conto “As Formigas” – (**Seminário dos Ratos**, 1977)
- 5 - Conto “Lua Crescente em Amsterdã” – (**Seminário dos Ratos**, 1977)
- 6 – Conto “Seminário dos Ratos” – (**Seminário dos Ratos**, 1977)

### OUTROS MATERIAIS ESCOLHIDOS PARA SEQUÊNCIA

#### Motivação

- Conto “A Bela e a Fera”. Disponível em:  
<https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html>
- Conto “A Cafeteira” – Théophile Gautier (2006). Disponível em: <https://nefasto.com.br/a-cafeteria-theophile-gautier/>.

### **Conto “As Formigas”**

- Poema “Quem tem medo de que?” - Ruth Rocha (2012). Disponível em:  
<http://blogosfobia.blogspot.com/2012/11/poema-quem-tem-medo-de-que-ruth-rocha.html>
  - Imagem: Casa assombrada - Mike Doyle (2011). Disponível em:  
<https://blogdebrinquedo.com.br/2011/10/casa-mal-assombrada-feita-com-mais-de-110-mil-blocos-lego/>
  - Conto “Assombrações de Agosto” de Gabriel García Márquez (1980). Disponível em:  
<https://www.culturagenial.com/contos-fantasticos-entender-genero-textual/#anchor-agosto>
- 

### **Conto “Lua Crescente em Amsterdã”**

- Transformação da lagarta em borboleta – metamorfose. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmLJBc>
  - Letra da música: “Por enquanto” – Cássia Eller – 1990. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=9Nrt58bAXIM>
- 

### **Conto “Seminário dos Ratos”**

- Letra da música: “Brasil” – Cazuza (1988): Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Nriw77gqctg>
- Trecho da novela “Que rei sou eu?” – 1989. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=OE7LSIHin-4>
- Charges – Disponíveis em:
  1. <http://patrialatina.com.br/no-brasil-e-assim-vira-o-anus-e-merda-continua-na-politica/charge-ano-do-rato-2/>
  2. <https://www.heldermoura.com.br/gilvan-freire-comenta-sobre-a-ratonagem-e-a-ratocracia-com-o-dinheiro-publico-no-brasil/>

### Conto “Natal na Barca”

- Poema “Mude” - Edson Marque (2005). Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=mude+mas+comece](https://www.youtube.com/results?search_query=mude+mas+comece)
  - Depoimento de Lygia Fagundes Telles para a série “O escritor por ele mesmo” (1997) – Instituto Moreira Sales. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5IFvRw&t=11s>
- 

### Conto “O Jardim Selvagem”

- Trecho do filme “A transformação do Hulk” – Os Vingadores (2012). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C\\_R6jcyXmRc](https://www.youtube.com/watch?v=C_R6jcyXmRc)
  - Texto sobre Incrível Hulk – Quantas personalidades o Incrível Hulk possui? – Radiação Gama (2014). Disponível em: <http://radiacaogama.blogspot.com/2014/02/quantas-personalidades-o-incrive-hulk.html>
  - Texto sobre 18 personagens da DC e da Marvel que são quase a mesma coisa – Marvel (2019). Disponível em: <https://canaltech.com.br/quadrinhos/18-personagens-da-dc-e-da-marvel-que-sao-quase-a-mesma-coisa-153857/>
  - Resenha da obra **O médico e o monstro** – Ler antes de morrer (2020). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s\\_DJ-oqQ1\\_k&t=292s](https://www.youtube.com/watch?v=s_DJ-oqQ1_k&t=292s)
  - Trecho do musical da Broadway, “Jekyll & Hyde” – “O médico e o monstro”. Apresentado em São Paulo (2010). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dd0vLzdTiBc>
- 

### Conto “Venha ver o pôr do sol”

- Leitura do conto “O Barril Amontillado” – Edgar Allan Poe – 1846. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod\\_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf)
- Tutorial sobre como utilizar a ferramenta tecnológica Book Creator. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-iDjowu-ccM>
- Vídeo sobre “A Emparedada da Rua Nova” – Canal Casos de Cordel (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5Ph6HshO2A>

- Resenha da “A Emparedada da Rua Nova” – Ler antes de morrer (2021). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s\\_DJ-oqQ1\\_k&t=292s](https://www.youtube.com/watch?v=s_DJ-oqQ1_k&t=292s)

### **Segunda Interpretação**

- Canção “Travessia” de 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>
- Imagem - Os Amantes II. René Magritte. 1928 – Óleo sobre tela. Disponível em: <https://arteartistas.com.br/os-amantes-o-amor-na-visao-surrealista-de-rene-magritte/>
- Leitura da reportagem sobre “Por que a personalidade das pessoas muda (muitas vezes para pior) nas redes sociais?”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/por-que-a-personalidade-das-pessoas-muda-muitas-vezes-para-pior-nas-redes-sociais.ghtml>

## **OBJETIVOS**

### **Geral**

Possibilitar a leitura e o conhecimento do gênero conto.

### **Específicos**

- 1 – Relembrar os contos maravilhosos/fada, conceito, características e exemplos.
- 2 – Estimular a leitura literária de maneira individual e coletiva na busca de reconhecê-la como essencial no aprendizado dos alunos.
- 3 – Analisar as características de alguns contos de Lygia Fagundes Telles na perspectiva dos gêneros fantástico e mistério.
- 4 – Favorecer a interação por meio da oralidade e escrita entre professor e alunos, em um processo dialógico e produtivo no conhecimento de alguns contos de Lygia Fagundes Telles.
- 5 – Promover atividades motivadoras por meio de metodologias manuais e ativas, a fim de instigar a criatividade e apreensão de forma mais efetiva dos contos estudados.

## I - MOTIVAÇÃO (quatro aulas)

O conteúdo escolhido para elaborar a Sequência Didática foi o conto. De acordo com Coelho (2000, p. 71), “no conto tudo é condensado: a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta”. Para este trabalho, dentre as especificidades do conto, privilegiou-se o gênero fantástico, narrativa que incita o leitor por desafiar sua compreensão frente a acontecimentos que ora podem ser explicados por razões naturais, ora pelas sobrenaturais. Informa-se que o conteúdo selecionado faz parte do planejamento anual do oitavo ano do Ensino Fundamental II, da Rede Estadual do Estado do Paraná.

Dessa forma, sugere-se que o professor, antes de adentrar nas particularidades do gênero, aborde o conceito, as características e os exemplos mais recorrentes do conto enquanto uma narrativa oral e escrita até a presente etapa. Entende-se ser fundamental essa metodologia para que os educandos relembrem, visto que é um conhecimento construído e acumulado ao longo de sua trajetória escolar.

No decorrer dessa retomada conceitual, o docente pedirá para cada aluno selecionar, por meio de uma obra literária ou de uma pesquisa feita na Internet, um conto maravilhoso ou de fadas, como é mais conhecido entre eles, e trazê-lo para a sala de aula. Com os exemplares, poderá ser confeccionado um varal para promover uma melhor visualização para a turma e, a partir desse momento, trabalhar de forma breve o conceito e características do gênero em questão.

Novamente, destaca-se a importância desse regaste por dois motivos: o primeiro, por ser um gênero muito popular entre os aprendizes, capaz até mesmo de despertar a memória afetiva que muitos têm; o segundo, se dá em virtude dos contos fantásticos e de mistério, cernes desta Sequência Didática; podendo despertar expectativas e, ao mesmo tempo, propondo o desafio por desvendar o novo que será estudado.

Em seguida, para dar mais concretude à prática desenvolvida, bem como para irem se tornando mais elucidadas as diferenças entre o conto maravilhoso e o fantástico, o docente se servirá de três leituras, as quais poderão ser projetadas no Datashow e lidas de forma compartilhada em sala de aula. As duas primeiras são: o conto “A Bela e a Fera”, escrito em 1740 pela francesa Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, conhecida como Dama de Villeneuve e, posteriormente, tendo a versão mais conhecida publicada em 1756, por Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont.

Envolvido com a retomada do conto “A Bela e Fera”, o educador apresentará o conto fantástico “A Cafeteira”, do escritor Théophile Gautier, escrito em 1831, encontrado no livro **Os melhores contos fantásticos**, de Flávio Moreira da Costa (2006, p. 157-164). No transcorrer da nova leitura, cada aluno terá como tarefa anotar no caderno os diálogos percebidos entre os textos lidos, pontuando as principais semelhanças e diferenças. Adverte-se que aqui não serão trabalhados os elementos da narrativa, pois este momento é mais uma oportunidade para familiarizar-se com os distintos contos, em uma abordagem mais abrangente. Posteriormente a esses levantamentos, a turma será convidada a se organizar em uma roda de conversa, a qual terá como objetivo promover a socialização das ideias de forma autônoma e coletiva, em um espaço de trocas e de muito aprendizado. Logo, tais informações serão expostas no quadro.

Espera-se que os aprendizes consigam perceber que o conto de fadas “A Bela e a Fera” e o conto fantástico “A Cafeteira” têm como concordância a questão dos objetos inanimados, os quais ganham vida e contribuem para a manifestação do insólito, características que ao longo da atividade serão claramente explicadas. Outro aspecto similar está na narrativa de ambos versarem sobre o romantismo e o amor impossível. Todavia, cada história tem um desfecho diferente, ou seja, um tem final feliz e outro, não. Sugere-se ainda que em um momento oportuno seja possível de se trabalhar com os elementos da narrativa e da linguagem presentes em ambos os textos.

Acredita-se que, a partir do desenvolvimento da atividade proposta, a turma já conseguirá ter um breve e importante entendimento entre as obras estudadas e poderá, inclusive, ir compreendendo como é construído um conto fantástico, quais são os elementos necessários e o que o torna tão peculiar em detrimento dos outros. Para fundamentar as possíveis diferenças que os alunos poderão observar nos encontros textuais acima, Bessièrre (1974, p. 32) antecipa:

No conto de fadas, o “era uma vez” situa os elementos narrador fora de toda atualidade e antecipa toda assimilação realista. A fada, o elfo, o duende do conto de fadas se move num mundo diferente do nosso, paralelo ao nosso, o que impede toda contaminação. Pelo contrário, o fantasma, a “coisa inominável”, o aparecido, o acontecimento anormal, insólito, impossível, o incerto, definitivamente, irrompe no universo familiar, estruturado, ordenado, hierarquizado, onde, até o momento da crise fantástica, toda falha, todo “deslizamento” pareciam impossíveis e inadmissíveis (BESSIÈRE, 1974, p. 32).

Admite-se que com a mediação do professor e o engajamento dos alunos, histórias serão relembradas e novas serão descobertas, estruturas composicionais serão revistas e outras apreendidas, em um papel genuíno que somente a literatura é capaz de oferecer.



## II - INTRODUÇÃO: quatro aulas

Observa-se que a Introdução é o momento em que o autor da obra e um pouquinho do enredo são apresentados, sem antecipar demais a história. Lygia Fagundes Telles é uma grande escritora, uma das mais importantes, notáveis e versáteis da literatura brasileira, já que suas obras retratam temas contemporâneos e universais como a morte, o amor, o medo, a loucura e fantasia, assuntos que são discutidos por ela de maneira sutil e com riqueza de detalhes. Além de escrever obras de cunho mais realista, a autora também envereda brilhantemente pelas narrativas fantásticas.

Para desenvolver essa etapa, o professor terá à disposição a biblioteca, pois é um lugar de aprendizagem, que estimula a leitura e oportuniza o contato dos alunos com os diversos livros. Então, o docente poderá selecionar algumas obras da autora e, por meio delas, apresentar os elementos paratextuais, como o formato, capa, orelhas, folha de rosto, páginas de miolo, entre outros. Para mais, o docente poderá informar aos alunos, a título de curiosidade, que a maioria das capas dos livros da escritora tem o verde, sua cor favorita, a qual se fará presente também no discorrer de seus textos. Tal apreciação contribuirá para adentrar um pouco mais no mundo literário da autora e de suas preferências, auxiliando no conhecimento antecipado da obra.

Com a intenção de complementar mais sobre Lygia Fagundes Telles e suas obras, faz-se necessário que seja elaborado um pequeno material para ser apresentado no *PowerPoint*, em forma de slides, contemplando as informações mais importantes, como dados biográficos que destaquem um retorno à infância da escritora, a qual, com certeza, influenciou suas composições, especialmente no que diz respeito a sua predileção pelo mistério; além disso, deve-se abordar a relevância da autora, suas principais obras e curiosidades.

Receita-se que tais referências sejam demonstradas por meio de imagens, vídeos, áudios, entre outros recursos multimídias, os quais favorecerão a explicação do professor, que deverá ser criativa e envolvente para que fomenta o desejo dos alunos para as leituras futuras. Indica-se ainda que, para esse segundo momento, a sala de informática poderá ser um ambiente propício para a elucidação dos conteúdos, visto que os alunos ao término da explicação poderão acessar a internet e pesquisar um pouco mais sobre a autora. Após essa ação investigativa, frases da escritora serão sorteadas entre os alunos e eles virão até à frente e as lerão a fim de compartilhá-las com a turma.

Ao finalizar a etapa da Introdução, os seis contos serão apresentados, tendo os títulos revelados na ordem em que serão trabalhados: “As formigas”, “Lua Crescente em Amsterdã”, “Seminário dos Ratos”, “Natal na Barca”, “O Jardim Selvagem” e “Venha ver o pôr do sol”. Logo após, será feita uma breve menção às temáticas para não revelar de imediato e nem comprometer as histórias que serão abordadas.

### III – LEITURA EXTRACLASSE – duas aulas

Como já foi explicado no início deste trabalho, o conto é um gênero curto, breve, que tem os elementos narrativos reduzidos. Enquanto gênero, pode pertencer ao fantástico e ao mistério.

Assim sendo, fundamental se faz que os textos sejam lidos um de cada vez, individualmente, de forma autônoma, como atividade extraclasse, e sejam reatados nos intervalos de leitura, como se irá mostrar adiante. Para tanto, a cada leitura individual o aluno trará respondidas em seu caderno duas perguntas: “O que você entendeu do conto lido?” e “Qual a parte que mais lhe chamou atenção no enredo?”. Tais registros serão compartilhados de forma interativa antes de o conto ser relido.

Instrui-se que para as atividades realizadas na etapa da Interpretação de leitura, como nas outras também, a turma será dividida em seis grupos, contendo aproximadamente seis alunos cada, e essa disposição da sala de aula propiciará a troca de ideias e reflexões, como também a valorização do trabalho em equipe. Informa-se que, conforme necessidade, pode haver uma readequação na formação dos grupos.

Os intervalos de leitura são atividades específicas e diversificadas, desenvolvidas por meio de textos menores correlacionados à obra maior. Tais momentos têm como objetivo prioritário acompanhar e diagnosticar as dificuldades no processo de leitura, evitando assim uma possível desistência dos aprendizes em ler o livro indicado, alerta Cosson (2020).

Todavia, para essa etapa, sugere-se enriquecer ainda mais, não somente com pequenos textos, mas com atividades práticas a partir deles, promovendo um maior aprofundamento nos contos que estarão sendo lidos nesse período. Tal prática pedagógica contribuirá expressivamente para o letramento literário, indispensável à formação de alunos/leitores, haja vista que é por meio dele que se pode oferecer um ensino de literatura que instigue a criticidade, a qual conduz o estudante a compreender as leituras como sendo parte do mundo que o cerca.

Orienta-se que os contos sigam uma ordem de leitura a partir do olhar criterioso do próprio professor, que deverá ser o mediador nas interpretações textuais, esclarecendo as possíveis dúvidas no decorrer da Sequência Didática.

Evidencia-se mais uma vez que, embora, os contos devam ser lidos antecipadamente pelos alunos, em modo extraclasse, a cada intervalo de leitura eles serão revistos e neles serão feitos apontamentos pertinentes à interpretação. Essa estratégia contribuirá para a ampliação do conhecimento explorado, de modo que leve os aprendizes a fazerem associações e facilite a interpretação de cada conto, numa observação mais criteriosa.

## IV - INTERVALOS DE LEITURA

### Conto “As Formigas” (duas aulas)

“Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessaram o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro ...” (TELLES, 2018, p.147).

O primeiro conto a ser trabalhado será “As formigas”, uma história que tem como elemento principal o medo iminente pelo que está por vir, vivenciado por duas primas estudantes. A história é ambientada em uma pensão, construída em forma de sobrado, mais especificamente dentro de um quarto. As misteriosas formigas que invadem esse cômodo à noite “trabalham” para um possível reagrupamento de ossos de um anão, que se encontra em um caixote, causando o estranhamento e o medo entre as personagens.

Aproveitando-se da temática, o professor poderá iniciar a atividade de forma lúdica, entregando para cada aluno o poema “Quem tem medo de quê?”, de Ruth Rocha (2012), para fazer a leitura e a interpretação oralmente. Ao término, haverá uma dinâmica em que todos receberão um pequeno papel para escrever seu medo; tais anotações serão colocadas anonimamente dentro de uma caixa e, no momento oportuno, será revelado cada um deles, porém a turma irá propor uma possível solução.

Para sistematizar a atividade, alguns questionamentos poderão ser feitos no sentido de enriquecer ainda mais o assunto aludido:

- O que é o medo para você?
- Tem-se mais medo do real ou do irreal?
- O medo é mais suscetível durante o dia ou à noite? Por quê?
- Os nossos medos são os mesmos dos séculos 19 e 20? Justifique.
- É importante ter medo? Comente.

Ao finalizar o momento acima, a sala de aula terá as luzes apagadas e, no seu fundo, será projetada a imagem de uma casa assombrada, cuja obra foi elaborada com peças de Lego - *Casa assombrada* - Mike Doyle (2011). Junto dela terá uma legenda/convite: *Vamos entrar?* O convite será permeado pelas leituras e interpretações dos contos “Assombrações de Agosto” de Gabriel García Márquez (1980) e “As formigas” de Lygia Fagundes Telles (1977), os quais têm como foco o medo e seu papel na vida dos protagonistas, que têm suas vidas transformadas pelos acontecimentos sobrenaturais.

Terminadas as leituras, a turma será dividida nos grupos já organizados e, numa perspectiva da metodologia colaborativa, farão no caderno, uma análise comparativa entre os dois textos de

modo que consigam perceber a implicação que o medo, presente nos enredos, foi capaz de causar na vida dos personagens e no desenrolar da trama. A partir dessa atividade, haverá o seguinte questionamento: será que se não houvesse a intervenção desse sentimento, as histórias poderiam ter outro desfecho? Caso a resposta seja positiva, os alunos irão sugerir um possível final e o apresentarão à turma oralmente.

Promovendo uma proximidade com os alunos, haverá outro questionamento: Será que já houve momento em que o medo foi responsável por mudar o rumo da sua história? Abertura para os depoimentos.

### **Conto “Lua Crescente em Amsterdã” (três aulas)**

“E estavam em Amsterdã. Abriu os braços. Tão oco. Leve. Poderia sair voando pelo jardim, pela cidade. Só o coração pesado - não era estranho? De onde vinha esse peso? Das lembranças? Pior do que a ausência do amor, a memória do amor”. (TELLES, 2018, p. 216).

Ao adentrar no terceiro conto, os alunos irão se deparar com o tema da metamorfose explícita do início ao fim do texto. Para tanto, o educador poderá apresentar um vídeo, exibido pela Plataforma *Youtube*, com os quatro estágios de metamorfose que ocorrem com as borboletas, uma transformação fantástica, que retrata as diferentes fases de vida de um animal, podendo acontecer também com o ser humano nas dimensões física, emocional e, por consequência, na comportamental, como atesta o conto em questão. Para simbolizar esse momento, cada aluno receberá uma reprodução de borboleta impressa para colar no caderno.

“Lua Crescente em Amsterdã” versa sobre a metamorfose que vai ocorrendo entre um jovem casal, pela ausência do amor que, aos poucos, vai afirmando de que a melhor decisão é a separação para que cada um possa ser feliz numa nova fase de sua vida; no caso desse conto, a protagonista, ao término da história, transforma-se em borboleta e seu companheiro, em pássaro, em um processo de zoomorfização. A esse respeito há a seguinte explanação:

Operada a transformação, constata-se que a voracidade, que marcara Ana em todo o conto, transfere-se para o rapaz, agora um passarinho devorando uma borboleta. Ela, mudada em borboleta, tem a leveza que caracterizara o namorado, que se dizia oco e leve e estava sempre disposto a dançar. Quer dizer, o rapaz e a moça não só se metamorfosearam em animais, como também sofreram uma metamorfose de comportamento. (SILVA, 2009, p. 70).

Em consonância com tal propósito, o docente poderá aproveitar o ensejo e propor uma pesquisa entre os grupos já estabelecidos sobre casais que fazem parte da Mitologia Grega e que também sofreram transformações devido aos sentimentos que, ao longo da convivência, foram se desgastando ou, ao contrário, os aproximaram mais.

Como sugestões têm-se: Eros e Psiquê, Hades e Perséfone, Orfeu e Eurídice, Adônis e Afrodite, Phyllis e Demofonte, Medeia e Jasão, Eco e Narciso e Édipo e Jocasta. Entretanto, nada a impede que outras asserções sejam discutidas e até mesmo outros mitos sejam apontados e mais conhecimentos reverberem nas apresentações e enriqueçam essa Sequência Didática. Orienta-se que a pesquisa discorra sobre:

1. Quem é o casal?
2. A história do relacionamento, com seu início, meio e fim, com ênfase na metamorfose ocorrida entre o casal, ao longo de seu relacionamento.
3. Curiosidades.
4. Imagens que contextualizem as histórias.

Recomenda-se que tais pesquisas sejam feitas extraclasse e todas as informações, no momento oportuno, sejam compartilhadas por meio do Quadro Interativo Jamboard, o qual será construído no próprio computador do aluno ou no laboratório de informática do colégio. Ressalta-se que os frames (slides) devem ser bem elaborados para se apresentar à turma, espelhando realmente a mitologia pesquisada.

Nota-se que esse conto, em especial, carrega uma das singularidades de Lygia Fagundes Telles, que é a de nos tornar cúmplices de seus personagens e dos segredos que guardam dentro de si que, ao serem revelados, acarretam desfechos inimagináveis e enigmáticos, proporcionando inquietações e questionamentos que podem desestruturar o leitor, impressionar e fazê-lo hesitar frente ao ocorrido. Em consonância com tal concepção, Roas (2014, p. 31), em sua obra **A ameaça do fantástico**, coloca que “[...] deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transformará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade [...]”.

Para fechar a explanação do conto, os aprendizes receberão a letra da canção *Por enquanto*, (1995), da banda Legião Urbana, regravada pela cantora Cássia Eller em 1990. Ela será exibida pelo *Youtube* e haverá a orientação para identificar o diálogo que há entre os temas contemplados nesses dois gêneros, haja vista suas semelhanças por tratar da finitude do amor e da possibilidade de ressignificar a vida e de se traçar um novo caminho.

### Conto “Seminário dos Ratos” (cinco aulas)

“- O povo, o povo – disse o Secretário do Bem-Estar Público, entrelaçando as mãos. A voz ficou um brando queixume. – Só se fala em povo e, no entanto, o povo não passa de uma abstração”. (TELLES, 2018, p. 256).

A temática explorada no quarto conto tem um viés político, trabalhada pela inversão dos papéis entre os homens e os animais, em um processo de antropomorfização quando o animal se transforma em ser humano ou seu inverso do homem que se transforma em animal, zoomorfização, ocorrendo, então, a metamorfose. Todavia, ressalta-se que, segundo Silva (1984, p. 67), autora da Dissertação **A Metamorfose em Lygia Fagundes Telles – Processos de Metamorfose nos Contos de Lygia Fagundes Telles**, o conto “Seminário dos Ratos” pode “acolher uma interpretação alegórica”, visto que a metamorfose fica nas entrelinhas, pois “Os ratos teriam realmente assumido atitudes ou até mesmo a forma humana ou tudo seria apenas produto da imaginação, numa ampliação da realidade, impressionáveis que se encontravam todas as pessoas por causa do medo?” (SILVA, 1984, p. 60).

Nessa perspectiva, o docente poderá propor uma investigação oral, sobre a simbologia que esse pequeno roedor representa em nossa sociedade. Com certeza haverá algumas respostas, como: os ratos podem configurar sujeira, por habitar em solos, esgotos e ambientes de muito lixo; sentimentos ruins como ansiedade, inveja, ciúmes e medo; e, além do mais, corresponder à avareza, traição, roubo e ato ilegal, situações vivenciadas no texto estudado.

O professor aproveitará ainda o momento para comentar sobre a probabilidade de os ratos terem sido identificados como propagadores da peste bubônica (peste negra) na Europa no século XIV, passando assim a serem associados àquilo que se alastra, que tem uma força incontrolável, figuração de uma pandemia, como tantas outras crises e misérias que assolam o mundo.

Posto isso, haverá a apresentação de dois vídeos, um com a canção *Brasil*, de Cazuza (1988), e outro com um trecho da novela “Que Rei Sou Eu?”, exibida na Rede Globo, em 1989, em que o personagem Ravengar, interpretado pelo ator Antônio Abujamra, faz uma profecia sobre o Brasil. Tais obras farão um convite à reflexão sobre a desigualdade, as injustiças e as posturas corruptas de alguns políticos em nossa sociedade. Para acrescentar à temática política e à simbologia do rato, serão apresentadas no PowerPoint, em forma de slides, duas charges para socializar com o alunado, promovendo interpretações e discussões acerca das relações encontradas. Informa-se que as charges foram selecionadas por meio de uma pesquisa feita na internet e os links para encontrá-las estarão disponibilizados nos materiais selecionados para a sequência didática.

Vale recordar que a charge é um gênero da esfera jornalística, que propõe, por meio de sua linguagem verbal e não verbal, possíveis análises e reflexões sobre temas contemporâneos, geralmente ligados às questões sociais. Salienta-se a esse respeito o papel de Lygia Fagundes Telles, a julgar por suas relevantes críticas à realidade social e o seu engajamento manifestado por meio de suas obras. Como acréscimo, o professor poderá indicar, como leitura complementar, o conto “Dia de Dizer Não”, da coletânea **Invenção e Memória** (TELLES, 2000) da própria autora.

Ao término da atividade acima, um mapa do Brasil será exposto na sala de aula e cada aluno será convidado a colocar em um pequeno papel, em formado de post-it, seus sonhos e esperanças para um Brasil melhor e fazer um breve comentário referente às escolhas feitas.

### Conto “Natal na Barca” (quatro aulas)

“Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços - os tais laços humanos - já ameaçavam me envolver. Consequira evitá-lo até aquele instante. Mas agora não tinha forças para rompê-los “. (TELLES, 2018, p. 98).

O segundo conto abordado será “Natal na Barca”, uma história com temática religiosa, centrada na morte e na ressurreição, ações refletidas pela narradora durante a travessia de um rio, numa noite de Natal. Mediante o percurso, há também outras reflexões acerca da solidão, dores, dúvidas, medo, sentimentos que podem ser transformados pela fé, esperança e força que cada pessoa traz dentro de si.

Alicerçado pela apresentação acima, o professor poderá iniciar a aula entregando o poema “Mude”, de Edson Marque (2005), o qual poderá ser também acompanhado pela Plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, com a declamação na voz do ator Antônio Abujamra – TV Cultura (2004). Logo após, será exibido pela mesma Plataforma um depoimento ao vivo de Lygia Fagundes Telles para a série “O escritor por ele mesmo” – Instituto Moreira Sales, em maio de 1997, no qual compartilha, em uma de suas leituras, o conto “Natal na Barca”.

Terminadas as exibições, haverá a leitura do conto “Natal na Barca” e, posteriormente, como sugestão de leitura será disponibilizado o conto “Dolly”, presente na obra **A Noite Escura e Mais Eu** – de Lygia Fagundes Telles (1995). Em ambos há um processo de mudança interior das protagonistas em meio à travessia – viagem. Os discentes terão que desvendar essas transformações numa perspectiva comparativa.

Ao concluírem a atividade acima descrita, os alunos serão orientados a elaborar individualmente um painel feito com cartolina, tendo escrito no centro a palavra “Travessia”, e, na lateral esquerda, escreverão ou representarão por meio de imagens suas lembranças, sejam boas ou não. Já na lateral direita, suas esperanças, numa ideia de mudança entre o passado e futuro, numa perspectiva intimista como sugere a temática do conto lido. Salienta-se que, embora cada aluno faça seu próprio cartaz, o processo de feitura poderá ser desenvolvido na sala de aula, em um processo interativo, o qual promove a troca de ideias e reflexões construtivas e agregadoras. Ao término, os discentes irão apresentar o trabalho à turma.



Ressalta-se ainda, que, como segunda sugestão de atividade, o docente poderá também pedir a elaboração de um painel, tendo a mesma organização descrita anteriormente, porém na perspectiva da noite e do dia, provocando o aluno a refletir sobre quais situações de sua vida representariam a noite (pessimismo e desilusão) e quais o dia (alegria e esperança), visto que a narrativa do conto se passa entre uma travessia noturna e termina ao amanhecer.

### Conto “O Jardim Selvagem” (quatro aulas)

“Ah, você não imagina como é encantadora! Nunca vi uma beleza igual, que encanto de moça! Tão natural, tão simples e ao mesmo tempo tão elegante, tão bem cuidada ... Foi tão carinhosa comigo”. (TELLES, 2018, p. 92).

O penúltimo conto vem ao encontro do duplo, a possível duplicidade da protagonista manifestada em suas atitudes, permeadas por atributos “de amor e de morte, de ternura e violência, de polidez e agressividade, faces de seu caráter” (SILVA, 2009. p. 72), traços que vão além de uma descrição física.

Percebe-se a presença do duplo ao começar pelo próprio título do conto, em que a palavra *jardim* remete à harmonia, beleza, com plantas regadas, podadas regularmente e ordenadas em seus canteiros. Já a palavra *selvagem* reporta-se à desarmonia, violência e ruptura de normas.

Lygia Fagundes Telles, então, apresenta Daniela, que já no primeiro parágrafo é descrita pelo seu próprio marido Ed como sendo um jardim selvagem. Tia Pombinha, por sua vez, diz que ela é “[...] encantadora! Nunca vi uma beleza igual, que encanto de moça! Tão natural, tão simples e ao mesmo tempo tão elegante, tão bem cuidada ... Foi tão carinhosa comigo! (TELLES, 2018, p. 92). Todavia, alguns elementos textuais vão apresentando uma protagonista que, embora, tenha elegância no vestir, perfuma-se com fragrância francesa e ainda toca piano, traz a dúvida em sua personalidade e em suas condutas, despertando para a dupla personalidade.

Como exemplo, destaca-se a mão direita de Daniela que está sempre enluvada e outra descoberta, e não há uma razão lógica, presume-se que pode ser devido a uma deformidade física que ela busca esconder. Para mais, tem-se o fato dela matar com um tiro no ouvido o cachorro Kleber, seu companheiro nas idas ao banho de cascatas. Entretanto, a protagonista explicou ter tido tal atitude devido ao cachorro ter ficado doente, sofrendo, e a morte lhe traria descanso. Um tempo depois, o marido de Daniela, ainda que já estivesse doente, também se mata com um tiro no ouvido. Estabelece-se, assim, uma estreita relação entre as duas mortes. Dessa forma, a face do



bem e do mal é construída por essa personagem tão enigmática e, ao mesmo tempo, encantadora, que oculta sua verdadeira essência e surpreende os leitores, que são envolvidos em uma temática ambígua e paradoxal.

Para dinamizar a proposta, a atividade “carteira de identidade”, sugerida por Cosson (2020, p. 123), poderá ser desenvolvida. Logo, o professor pede para cada aluno se sentar um de frente para o outro. Cada um descreve seu par com brevidade, observando as características físicas e a personalidade, depois trocam as descrições e as leem em voz baixa ou para toda turma. Tal exercício terá a exposição da aparência física e um pouco do interior, tendo em vista que a última é muito subjetiva e pode enganar positivamente ou negativamente, até porque a convivência é, na maioria das vezes, restrita à sala de aula.

Dando continuidade à motivação inicial, o educador trabalhará com os significados do próprio título do conto, separadamente, levando os aprendizes a perceberem o paradoxo existente e também a fazerem associações semânticas dos dois termos e suas prováveis inferências no texto. Para dar mais ludicidade, algumas imagens, como jardins e animais selvagens, retiradas da internet, contrapondo-se a essas oposições, podem ser contextualizadas.

A fim de assegurar mais credibilidade à temática do duplo, sugere-se que seja exibido um breve trecho do filme *A transformação do Hulk – Os Vingadores* (2012) para a turma e, depois, contextualizando com as seguintes leituras: *Quantas personalidades o Incrível Hulk possui?* - escrito por Fernando Bedin (2014) e exibido no site **Radiação Gama**, haja vista ser esse personagem um dos duplos mais famosos, como também *18 personagens da DC e da Marvel que são quase a mesma coisa* - de Claudio Yuge (2019). Ao final das leituras, haverá a recolha das impressões iniciais de forma oral.

Outro exemplo de dualidade aparece na obra **O médico e o monstro**, de Robert Louis Stevenson, 1885. Por isso, o professor indicará essa obra em prosa ou quadrinhos para a turma lê-la e no percurso fazer inferências sobre o assunto discutido no conto “O Jardim Selvagem”. O educador poderá considerar a recomendação do livro como leitura trimestral, visto que a obra **Coraline**, de Neil Gaiman, 2002, também teve essa mesma prática pedagógica e, ambas, com certeza, visam a contribuir e estimular a leitura literária em sala de aula.

#### Sugestão

Como acréscimo, o docente poderá também aproveitar a leitura do livro *O médico e o monstro* para discutir com seus aprendizes sobre o lado bom do ser humano, de modo que seja isolado seu lado mau e, como dinâmica interativa, pedir para que tragam para a sala de aula objetos ou referências que os motivem a ser melhores e possam fazer a diferença para todos que estão ao seu redor.

Após o término da leitura, caberá uma explanação a fim de mostrar o conceito do bem e do mal, inerentes aos seres humanos, os quais se manifestam em várias circunstâncias e podem fazer a diferença nas relações interpessoais. Soma-se ainda a essa explanação, a exibição de uma resenha sobre a obra em questão, a qual será exibida no canal *Ler antes de morrer* no *YouTube*, tendo como apresentadora Isabela Lubrano.

Ainda na perspectiva da dualidade e para trazer uma leveza a toda discussão feita até o presente momento, o professor pode exibir pela Plataforma de compartilhamento *Youtube* trechos do musical da Broadway, *Jekyll & Hyde – O médico e o monstro* – apresentado em São Paulo (2010).

Acredita-se que oportunizar essa exposição trará enriquecimento à atividade devido a muitos não conhecerem um musical.

Em posse de todas essas exemplificações, conversas e apontamentos, o professor pedirá aos alunos que façam uma pesquisa sobre os personagens duplos, ou seja, que são semelhantes em seus comportamentos e atitudes, destacando-se pelas suas personalidades heroicas ou vilãs. Os registros poderão ser feitos no caderno, enriquecendo ainda mais a temática abordada.

### Conto “Venha ver o pôr do sol” (cinco aulas)



“Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade”. (TELLES, 2018, p. 115).

Acredita-se que esse último conto é o mais conhecido e também o mais emblemático de Lygia Fagundes Telles, trazendo como mote a vingança passional, de maneira fria e dissimulada.

Por ser um conto muito parecido em sua temática ao conto “O Barril Amontillado”, de Edgar Allan Poe, de 1846 sugere-se trabalhá-los de forma concomitante, estabelecendo as semelhanças entre eles, embora a narrativa da autora seja mais fácil de identificar e até mesmo compreender os sentimentos externados pelos personagens. Entende-se que nesse processo de detalhar similitudes, o professor conduzirá a turma a perceber os traços que os unem, ressaltando que o texto de Poe trata da vingança a partir de um vínculo de amizade, sem viés passional como o conto lygiano.

Dessa forma, devem-se formar novamente os grupos, os quais irão analisar alguns tópicos que serão expostos no quadro pelo docente. A princípio, serão analisados nos textos os elementos da narrativa como: foco narrativo, personagens, tempo e espaço. Depois, outras abordagens como

título, linguagem e o próprio clímax, cercado de suspense devem ser trabalhados de maneira mais profunda, nas entrelinhas, a fim de atentar-se às peculiaridades que de forma autêntica os autores externam em seus textos.

Feito isso, o educador também poderá comentar e disponibilizar alguns exemplos, reais ou fictícios, de pessoas que foram emparedadas, como o exemplo da lenda urbana mais conhecida do Brasil, mais precisamente em Recife, Pernambuco, *A Emparedada da Rua Nova*, imortalizada no livro escrito por Carneiro Vilela no ano de 1886, depois publicado em folhetim entre 1909 e 1912, e, mais recentemente, adaptado para a minissérie *Amores Roubados*, exibida pela Rede Globo, em 2013. Essas informações serão exibidas em uma pequena resenha feita por Isabela Lubrano exibida no canal Ler antes de morrer - *Youtube*. Será adicionada também a exibição de um vídeo animado sobre a lenda, a qual será exibida no *YouTube*, no Canal Casos de Cordel (2021).

Para encerrar as atividades desse conto, envolto em mistérios e suspense, o professor pedirá aos grupos que elaborem um portfólio, podendo ser físico ou digital. Sublinha-se que para tal atividade é importante que o docente traga para a sala de aula um exemplo e explique como construir o material. Caso optem pelo digital, os alunos poderão utilizar a ferramenta Book Creator e recontar a história, dando um desfecho diferente, contudo proporcionando as mesmas emoções e apreensões, próprias de Lygia Fagundes Telles, que tem como característica analisar a alma humana, captando por meio do cotidiano os elementos expressivos das “[...] nuances sutis de pensamentos e sensações”. (TELLES, 2007, p. 3). Posteriormente, os grupos apresentarão seus trabalhos, lendo novamente o conto, destacando o desfecho escrito por eles.

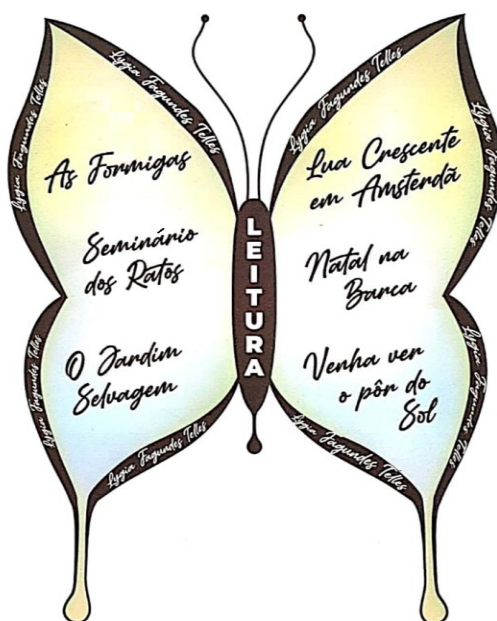


## V - PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO (duas aulas)

Segundo Cosson (2020, p. 83), a *Primeira Interpretação* “destina-se a uma apreensão global da obra”. Assim sendo, como os contos já foram lidos, interpretados e contextualizados na etapa anterior, a presente atividade será mais simples e, sem dúvida, os alunos terão certa bagagem e propriedade para realizá-la.

O professor pedirá para cada aluno fazer um resumo sobre os temas abordados nos contos, tendo a liberdade de escolher aquele que mais prendeu sua atenção, justificando o porquê e entregar para a correção. Nota-se que valorizar o olhar dos alunos e oportunizar seu posicionamento mediante todas as temáticas contempladas somente estimula seu protagonismo e sua responsabilidade frente às futuras leituras.

Após a devolutiva, os aprendizes devem organizar-se em duplas a fim de socializar de forma expositiva os pontos mais recorrentes, como também as particularidades que foram capazes de identificar no texto preferido. Entende-se que essas miudezas vão enriquecer ao conhecimento literário de forma individual e coletiva, além de contribuir para a formação enquanto leitor.



## VI - CONTEXTUALIZAÇÃO

A *Contextualização*, segundo Cosson (2020, p. 85), “[...] é uma forma tradicional de separar a literatura da história, isto é, o contexto é simplesmente a história”. Desta forma, a contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática, indicada no livro **Letramento Literário: teoria e prática**, do autor Rildo Cosson (2020, p. 86) “compreende o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo”. Todavia, para este trabalho, optou-se por não abordá-la, embora ela seja própria da Sequência Expandida. Entendeu-se que os alunos pertencentes ao oitavo ano do Ensino Fundamental II ainda não possuem maturidade suficiente para desenvolvê-la. Não obstante, a sétima etapa, *Segunda Leitura*, traz quatro tópicos que contemplam temáticas similares, os quais serão explanados e sugeridos com possíveis atividades para que o docente possa trabalhar com os aprendizes.

Ainda que as Contextualizações não sejam desenvolvidas, é importante que o professor tenha um breve conhecimento sobre elas e quais suas aplicabilidades mediante a leitura de uma obra lida. De acordo com as orientações de Cosson (2020, p. 86-91), elas são apresentadas como:

### Contextualizações

<b>Teórica</b>	“[...] procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra”.
<b>Histórica</b>	“[...] abre a porta para a época que ela encena ou o período de sua publicação”.
<b>Estilística</b>	“[...] centrada nos estilos de época ou períodos literários, mas precisa ir além da identificação de traços ou características dos movimentos em recortes textuais”.
<b>Poética</b>	“[...] responde pela estruturação ou composição da obra”.
<b>Crítica</b>	“[...] trata da recepção do texto literário”. “[...] pode tanto se ocupar da crítica em suas diversas vertentes ou da história da edição da obra”.
<b>Presentificadora</b>	“[...] busca a correspondência da obra com o presente da leitura”.
<b>Temática</b>	“[...] tema ou temas tratados na obra”.

## VII – SEGUNDA INTERPRETAÇÃO (quatro aulas)

Enquanto a *Primeira Interpretação* destina-se a uma apreensão mais ampla da obra, a *Segunda* delimita uma leitura mais aprofundada e passa a centrar-se nos aspectos como personagens, temas, traços estilísticos, correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, outra leitura, e assim por diante. Cosson (2020) orienta escolher um dos tópicos e analisá-lo com mais afinco. Dessa forma, o item personagem foi o elemento selecionado para trabalhar.

Contudo, para que haja maior clareza sobre os demais tópicos, buscou-se também trazer breves, mas precisas explicações, detalhando-os e propondo possíveis leituras que se relacionam com os contos estudados, visto que essa é a essência desta sétima estratégia, além de trazer um pouco mais de conhecimento sobre Lygia Fagundes Telles e sua escrita inconfundível no tempo e na história. Todas essas características enriquecerão a etapa e, especialmente, direcionarão o docente para desenvolvê-la.

Ainda, segundo o autor da obra **Letramento Literário: teoria e prática**, essa etapa é correlacionada com a Contextualização, sendo inseparável desta e pode ser desenvolvida de duas formas: direta ou indiretamente. Na ligação direta, as duas etapas são integradas, culminando em uma única atividade. Por sua vez, na indireta o aprendiz executa a contextualização separadamente, sem estabelecer vínculo com a outra.

Para tal, optou-se por realizar as etapas separadamente, dando mais ênfase para a *Segunda Interpretação*, detalhando cada tópico e propondo algumas sugestões de leitura e atividade para o professor realizar em suas aulas como já pontuado anteriormente.

### Personagens

Por se tratar do gênero conto, os personagens são reduzidos, por isso sugere-se que sejam analisados, sobretudo os protagonistas, em dois aspectos: físico, psicológico/comportamental, visto que os textos lygianos são riquíssimos em explorar as misérias humanas e os desvios de condutas que cada um apresenta no decorrer das histórias, e são responsáveis pelas transformações boas ou ruins, que poderão afetar a si próprio e ao outro. É importante que o professor se utilize desses elementos para aguçar nos alunos o desejo de conhecer as personalidades dos indivíduos não por uma simples curiosidade, mas porque em Telles tudo tem um motivo de ser e cabe aos seus leitores desvendar, em uma aventura inquietante e permanente, a intimidade de cada personagem.

Ressalta-se que muitos autores utilizam somente as características físicas para apresentar seus personagens que ficam, muitas vezes, na superficialidade. Todavia, nos contos selecionados para esta sequência, a contista adentra nos sentimentos humanos, nas relações obscuras vividas no passado e presente, e nas antíteses da vida: o bem e o mal, vida e morte, fé e ceticismo, entre outros, os quais adornam e determinam o agir de cada homem e mulher lygiano.

Diante do exposto, o docente poderá buscar em outras artes, como novelas, filmes, séries, pinturas ou até mesmo levantar uma breve discussão sobre pessoas com as quais se convive, que também têm os mesmos estereótipos estudados nos contos, a fim de mostrar que um dos diferenciais da autora são personagens comuns, mas que sob o olhar dela têm comportamentos reprováveis, de poucas virtudes ou nenhuma.

Assim sendo, para esta etapa, os aprendizes, em grupo, irão analisar os personagens em dois aspectos: físico e psicológico/comportamental. Como não se trata de uma obra fechada e sim de seis contos, o educador poderá sorteá-los e cada grupo ficará responsável por analisar os dois personagens que mais se destacam na obra indicada, sendo protagonista ou não. Para sistematizar a pesquisa, os grupos receberão um folder em branco, confeccionado com papel sulfite, o qual deverá conter, na capa, uma ilustração da obra; e, no interior, a pesquisa feita, a qual será apresentada posteriormente.

Adiciona-se que no dia da apresentação cada grupo trará para a sala dois símbolos. Tal dinâmica permitirá observar o olhar que cada um teve sobre eles, que caracterizam como indivíduos conflitantes e ornados de uma densidade humana incomparável, característica genuína dos contos lygianos.

## Tema

Os temas estão relacionados aos assuntos, aos tópicos que as obras abordam no decorrer de seus enredos e podem ser simples ou de complexo entendimento, requerendo do leitor uma leitura mais dedicada para poder entendê-las.

Como a proposta da sequência é com seis contos de Lygia Fagundes Telles, é de suma importância que o docente, antes de apresentá-los à turma, leia e busque desvendar nas entrelinhas o assunto predominante em cada texto e, sobretudo, identificar a intencionalidade que a autora teve na trajetória textual.

**Ampliando o conhecimento**

**Relações intersemióticas: conexão entre diferentes tipos de linguagem, como pintura, cinema, entre outras artes com a literatura.**

A seara temática apresentada em cada escrito é variada e abarca as relações humanas e os conflitos intrínsecos que cada pessoa vivencia ao longo de sua existência, numa perspectiva do cotidiano, estabelecendo assim um diálogo com seus leitores.

Recapitula-se que a terceira geração modernista, da qual Telles fez parte, explorou temas sociais, abrangendo a realidade brasileira, descrevendo-a com mais rigor, distanciando-se do coloquialismo, percorrendo, sobretudo, a temática psicológica e todas suas nuances comportamentais e emocionais inerentes ao ser humano. Logo, observa-se nos contos: *o medo*, em “As Formigas”; *o desencontro amoroso* entre um casal à luz da “Lua crescente em Amsterdã”; *a crítica à burocracia e à desigualdade social* denunciadas no “Seminário dos Ratos”; *a relação entre a vida e morte*, no epifânico “Natal na Barca”; *o paradoxo e a dupla personalidade* encontrados no conto “O Jardim Selvagem”; e, por fim, *o terror da vingança vinda de quem menos se espera*, em “Venha ver o pôr sol”. Frisa-se que tais proposições são envoltas pelo insólito e pelo mistério, provocando a metamorfose comportamental dos protagonistas.

Silva (2009, p. 115) ainda complementa que Lygia Fagundes Telles tem “preferência pela temática dos limites – os limites entre a sanidade e a loucura, entre o amor e desamor, a ficção e a realidade, a morte e a vida”, assuntos densos e universalizantes que fazem parte de suas ficções.

Assim sendo, por meio das temáticas explanadas acima, o professor terá inúmeras possibilidades para explorá-las, percorrendo dois caminhos: o da imaginação, visto que a literatura permite viver essa experiência e sentir emoções e sentimentos por meio das histórias lidas, sem se transportar do lugar; o segundo caminho, talvez, o mais esperado pelo docente diante da prática literária, o de contextualizar com a realidade do aprendiz de modo que isso instigue seu posicionamento de forma crítica e contundente. Ambos os percursos são essenciais, para a formação do leitor e quando trabalhados concomitantemente fazem uma indiscutível diferença no ensino e aprendizagem dos alunos e, por consequência, na sociedade em que estão inseridos.

### Traço Estilístico

O traço estilístico está relacionado com a maneira de escrever e expressar do escritor, haja vista que cada um tem uma “forma própria de trabalhar a linguagem, de utilizar os recursos expressivos que a língua oferece, incluindo nisso a preferência por escrever em prosa ou em verso”. (PASCHOALIN, 2008, p. 536). Como essa sequência didática está tracejada pelos contos de Lygia Fagundes Telles, torna-se importante mencionar a sua pertença na terceira fase modernista brasileira, em que a linguagem era formal, culta e elaborada, imbuída no viés intimista e psicológico, tricotado em seus romances e contos.



O escritor José J. Veiga (1996), em uma resenha escrita para a **Folha de São Paulo**, com o título *Uma viagem luminosa*, apontou que Lygia Fagundes Telles vai “desbastando a frase quase ao ponto de criar uma sintaxe própria”, assim sendo, observa-se uma linguagem sensível, concisa, com poucos adjetivos, com presenças de elipses e pontuações pouco convencionais, possui um vocabulário corriqueiro, mas não menos elegante e sutil. Ademais, a exemplo das obras de Machado de Assis e de muitos outros escritores, a contista também traz figuras de linguagem como a ironia e a ambiguidade, em misto de humor e seriedade para escrever narrativas tão engenhosas e únicas, as quais são, na maioria das vezes, encontradas em primeira pessoa, embora para a sequência didática têm-se quatro contos escritos na terceira pessoa e dois na primeira.

Por fim, outro traço estilístico da autora bem peculiar são os finais abertos, em suas narrativas, permitindo que o leitor participe e faça suas conjecturas sobre as elucidações dos conflitos que cada personagem vivencia.

Em posse do conhecimento acima, o docente poderá trazer trechos de suas obras que comprovem e retratem as características dessa escritora que soube equilibrar com maestria as tensões que envolvem suas ficções por meio das escolhas precisas de suas palavras. Além dos excertos, outra possibilidade de estudo são os títulos, tão imagéticos e convidativos para interpretações coletivas e ao mesmo tempo tão individuais porque trazem um norte para o enredo lido e podem ser discutidos no sentido de sugerir o motivo da escolha de cada vocábulo feito pela a autora, como, por exemplo, um dos contos mais emblemáticos e importantes do cenário cultural e literário, o mais retrabalhado, com seis reedições, o famoso “Venha ver o pôr do sol”.

O título escolhido por Telles, em um primeiro momento, pressupõe um convite para contemplar a vida por meio do sol que tudo ilumina. É um momento em que os enamorados têm o privilégio de curtir um clima de romance ao entardecer, e, de repente, ver o pôr do sol mais lindo do mundo, como propõe Ricardo a sua inesquecível Raquel. Entretanto, nas linhas criativas da autora, este pedido é transformado em um caminho para a morte, para uma eterna escuridão, um fim sem ser anunciado, imprevisível, envolto na ambiguidade misteriosa própria dos contos lygianos, que desfaz toda expectativa do leitor e o deixa extático e, ao mesmo tempo, inconformado.

Assim, a luz reluzente do sol é cortinada pelas trevas, culminado em uma tragédia macabra motivada pelo sentimento de rejeição e vingança, em um ambiente silencioso, incapaz de ouvir o clamor gritante de uma alma inacreditada, que aos poucos irá se definir atrás de uma grade a cada novo poente, a cada novo pôr do sol, sem nenhum remorso por parte do seu oponente, o qual em um tom confessional dizia amá-la, mas de amor não entendia nada.

Posto isto, a proposta contribui para, acima de tudo, ensinar aos alunos que cada autor possui seu estilo e imprime sua identidade em suas obras, ao passo que os tornam únicos e passam a ser preferência dos leitores por essas características. Acredita-se que essa é uma das riquezas

que o ensino de literatura pode proporcionar, promovendo esse diálogo e identificação entre autor e leitor mediante a obra lida e interpretada, considerando seus dois aspectos: conteúdo e forma.

### Correspondência com questões contemporâneas

É essencial que o docente, ao propor uma leitura literária, independente da época que foi escrita, estimule seus aprendizes a relacioná-la com as questões contemporâneas, aqueles assuntos que perpassam a realidade do aluno e muitas vezes são pautas para discussões e posicionamentos, seja nos ambientes familiar, profissional ou social.

Reconhece-se que ao propor esse exercício, o texto lido torna-se muito mais significativo e permanente, distanciando-se de uma prática inócua e sem sentido, que não leva à reflexão. Lygia Fagundes Telles acreditava que sua literatura era um caminho para mudar o mundo, por isso, em suas narrativas é muito comum encontrar enredos que versam sobre assuntos atemporais, que foram escritos na década de setenta, mas que nos dias de hoje são discutidos e reverberam na sociedade. Cita-se como exemplo, o conto “Venha ver o pôr do sol”, o qual tem como cerne um crime passionai - feminicídio hoje -, em que a mulher foi a vítima de seu ex-companheiro; cena ficcional, que, infelizmente, tem se tornado cada vez mais real, com tamanha incidência, comparado há quarenta anos.

Outra amostra dessa correspondência contemporânea nos contos lygianos pode-se verificar em “Seminário dos Ratos”, escrito em 1977, que retrata a corrupção e as injustiças sociais. Infelizmente, trata-se de uma temática tão atual e muito mais escancarada, sem nenhum constrangimento, afetando uma sociedade. Por fim, a dupla personalidade encontrada nos meandros do conto “O Jardim Selvagem” pode ser retratada e discutida atualmente, com o advento das redes sociais e dupla personalidade, que, infelizmente, algumas pessoas têm, mas ocultam em seus perfis.

Os contos de Lygia Fagundes Telles são atemporais, visto que ela sempre foi muita atenta ao cotidiano, e o professor, sabendo fazer uso dessas informações, propiciará uma análise fecunda de cada conto e alargará os horizontes literários da turma e fomentará ainda mais seu conhecimento de mundo. Para mais, a literatura trabalhada nessa perspectiva, além de promover discussões e posicionamentos como mencionados no primeiro parágrafo, também potencializa a criticidade dos alunos de modo que reflitam sobre como essas questões contemporâneas têm sido abordadas em sua realidade, no sentido, sobretudo, de resolvê-las.

Para acessar

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/por-que-a-personalidade-das-pessoas-muda-muitas-vezes-para-pior-nas-redes-sociais.ghtml>

Leia, no link acima, uma reportagem publicada no portal G1 sobre *Por que a personalidade das pessoas muda (muitas vezes para pior) nas redes sociais?*

## Questões Históricas

Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 80-81) afirma que tanto a História quanto a Literatura “são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro” e ainda complementa que “[...] são ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história”. Diante disso, fica muito clara a importância de o professor proporcionar por meio de uma leitura literária o encontro com a história, uma vez que toda produção literária possui uma forte conexão com o espaço, tempo e as condições socioculturais de cada povo.

Telles soube perfeitamente abordar em suas obras assuntos importantes como, por exemplo, as contradições das instituições familiares, o papel da mulher e sua representação na sociedade, evidenciando temas como: liberdade, casamento, evolução e violência. Sublinha-se ainda a questão da ditadura, haja vista a atuação ativa da autora na busca por denunciar as atrocidades feitas nesse regime. Fica claro que tais discussões ultrapassaram décadas e ainda são tão presentes em nosso país.

O docente, que tem conhecimento das abordagens históricas que a arte literária traz por meio das obras e as explora em sala de aula, comunga do papel fundamental da literatura, que é ensinar, denunciar e descortinar os problemas que afetam a sociedade. Para mais, convida os discentes à reflexão no sentido de questionar o porquê ainda tais mazelas continuam a acontecer e o que poderia ser feito para amenizar ou até mesmo acabar com essas situações que trazem indignação e sofrimento.

## Outra leitura

Outra leitura constitui uma etapa que tem por objetivo mostrar que a partir da obra estudada é possível encontrar outras construções com a mesma temática, ampliando assim o repertório literário e viáveis discussões, acenando para reflexões e aprendizados múltiplos. Logo, explica-se que na etapa *Intervalo de leitura* houve também sugestões de atividades permeadas por leituras contextualizadas com os contos trabalhados. Aqui também haverá possibilidades de leituras, ainda que sejam diferentes e sem prescrição de atividades.

Tendo em vista essa concepção, o professor é convidado a explorar, juntamente com seu alunado os diálogos, os encontros com obras mais antigas e contemporâneas, em uma perspectiva de semelhanças e diferenças, numa intenção somativa. Abaixo foram selecionados três contos trabalhados na sequência didática para exemplificar a dinâmica desse último aspecto.

## SUGESTÃO

Fica a critério do professor trabalhar os demais contos: “As Formigas” e em e “Venha ver o pôr do sol” também.

Ao ler e discutir, por exemplo, o conto “Seminário dos Ratos”, o qual trabalha com a temática da corrupção e da desigualdade social, pode-se indicar a obra **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, de 1854, em que há malandragem, esquema de corrupção, entre outras falcatruas. Propõe-se ainda a exibição de um recorte da série **Mecanismo** (2008), da Netflix, que retrata um esquema de corrupção do país.

Para conversar com o conto “Natal na Barca”, sugere-se o auto de Natal **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto, escrito em 1954. Ambas as obras espelham temáticas religiosas e travessias, que transformam as vidas dos protagonistas a partir, sobretudo, de uma motivação que cada um teve para se colocar a caminho. Ainda que na primeira leitura a miséria emocional seja a responsável pelo deslocamento da protagonista, e no texto cabralino é a miséria social, há nos dois o desejo para que essas estradas sejam aplainadas e a vida se transforme.

Caso o educador queira extrapolar o contexto da travessia com a turma, ou até mesmo queira adaptar esse tópico para o Ensino Médio, terá a seu dispor as obras **Vidas Secas**, de 1938, de Graciliano Ramos, e **O Quinze**, de 1915, de Rachel de Queiroz. Ambas tratam da luta de retirantes que também se colocam em travessia, buscando fugir da seca que assola o local onde moram e, nesse percurso, com certeza, sofrem a metamorfose comportamental, característica dos contos lygianos.

Por fim, uma terceira sugestão de *Outra leitura* poderá ser feita a partir do conto “Lua crescente em Amsterdã”, com a canção *Travessia*, 1967, de Milton Nascimento, cujos registros versam sobre amores que não deram certos e todo sentimento de angústia, ausências e questionamentos vivenciados pelos personagens no decorrer das narrativas literárias. Todavia, as histórias terminam na perspectiva da reconstrução, a partir também da metamorfose. Para realçar ainda mais essa temática, propõe-se a leitura da tela *Os amantes II*, de René Magritte, 1928, em que o artista nos apresenta algumas interpretações, como um amor apaixonado, amor impossível ou distanciamento dos amantes. Essa última situação vai ao encontro da proposta do conto de Telles.

Procurou-se evidenciar cada tópico dessa antepenúltima etapa alicerçado com os contos elencados para esta sequência e outras possíveis que dialogam, promovendo o aprofundamento de leitura cerne desse momento. Cosson (2020) aconselha que as atividades, ou melhor, os registros podem ser realizados individualmente, em forma de relatório, por exemplo, valorizando a



**Para acessar:**

<https://arteeartistas.com.br/os-amantes-o-amor-na-visao-surrealista-de-rene-magritte/>

percepção do aprendiz; ou coletivamente, compartilhado com todo ambiente escolar mediante seminário, cartazes e até mesmo a produção de livro físico ou digital com resultado das leituras, objetivando alcançar a comunidade escolar e além dela. Todo esse processo é o ponto alto do letramento literário e tem como consequência um mesmo horizonte de leitura, vislumbrado pela turma, em uma diversidade de abordagens feita por cada leitor literário.



## VIII – EXPANSÃO (duas aulas)

Como deve ser sabido pelo educador, esse momento é visto como extrapolação textual, comumente conhecido como intertextualidade dentro da literatura, como define Cosson (2020). Para tanto, em uma postura antecipadora, o professor poderá escolher uma obra literária que dialoga com a abarcada na Sequência Didática, com o propósito de tecer relações e que os aprendizes percebam essas comparações.

Para essa atividade, o docente poderá indicar a leitura individual da obra **Coraline**, de Neil Gaiman (2002), novela fantástica de terror, ilustrada, que traz como protagonista uma garota curiosa, que explora lugares novos, porém cheios de surpresas aterrorizantes.

Como já mencionado, Coraline poderá ser lida com um ou dois meses de antecedência, ao início das atividades que serão desenvolvidas para a construção da Sequência Didática. A leitura será feita extraclasse e para que não seja esquecida, quando chegar à etapa da expansão, sugere-se que seja proposto um resumo de cada capítulo, destacando as partes mais importantes na visão do aluno. Essa atividade poderá ser feita manualmente ou digitada, de maneira individual, depois entregue para a correção e, posteriormente, arquivada para ser utilizada no momento oportuno.

Para mais, o professor poderá elaborar uma atividade de interpretação textual, contendo questões relacionadas à obra e temática do fantástico, abordada também em alguns dos contos de Lygia Fagundes Telles. Os resumos feitos pelos aprendizes serão um suporte para responder à atividade de interpretação, além de contribuir para trazer maior conhecimento sobre a obra estudada e, sobretudo, conseguir estabelecer relações com os contos lidos e interpretados ao longo da sequência, identificando a presença do fantástico e do mistério em ambos.

Outra sugestão é o filme *Coraline e a porta secreta* (2009), que é uma adaptação do livro **Coraline**, o qual poderá acrescentar ao texto lido, numa perspectiva de soma e não de substituição. Logo, em se tratando do público adolescente, o filme ou série são muito mais atrativos e os alunos correspondem facilmente, todavia a leitura do livro nas aulas de Língua Portuguesa é

### Orientação Didática

O docente poderá aproveitar a oportunidade para realizar uma análise comparativa, levando os educandos a perceberem que um livro é mais rico em detalhes do que a adaptação cinematográfica, por essa ser mais curta, o tempo ser mais breve para contar a história.



Livro

Filme

imprescindível e cabe ao docente promover momentos de literacia no espaço escolar e mostrar a sua importância no crescimento intelectual.

Explica-se ainda que, embora a literatura clássica adulta possua uma percepção bem diferente em comparação à literatura direcionada ao público infantojuvenil, alguns elementos correlacionados poderão ser discutidos e explorados, como por exemplo: o amor, a coragem e a fantasia, privilegiando o lado bom do ser humano e o lado obscuro das relações interpessoais, entremeadas por medos, dúvidas e negligências afetivas.

A seguir, sugerem-se algumas perguntas sobre o livro **Coraline**, para serem respondidas individualmente e, logo após, corrigidas de forma expositiva, oportunizando a interação e a troca de ideias.

### Interpretação textual sobre a obra Coraline

1. Como se inicia a história de Coraline?
2. Quem são os integrantes da família de Coraline?
3. Coraline era cheia de energia e às vezes se sentia entediada. Qual fato a fez descobrir 14 portas, das quais somente uma não abria no interior casa?
4. O que prendeu a atenção da menina em relação às pessoas que eram semelhantes aos seus pais?
5. A forma como os novos pais ou sua outra-família tratava Coraline era igual a seus verdadeiros pais? Justifique.
6. Dizem que os olhos são a janela da alma. Qual é o significado dos botões no lugar dos olhos na obra de Coraline?
7. Uma das características da narrativa fantástica é a hesitação. Em qual momento a protagonista é envolvida por esse questionamento?
8. Há um embate entre a realidade e o sobrenatural na vida da personagem Coraline. Como ele é retratado?
9. Em Coraline encontramos uma relação com o fantástico também pela presença da inquietação vivida pela personagem central. Exemplifique essa inquietação que muitas vezes é manifestada pelo terrível, angústia e horror na obra.
10. Em um determinado momento da narrativa, a morte se faz presente. Em qual ocasião isso acontece? Explique.
11. A protagonista gostava de explorar os espaços da casa e do jardim. Em uma dessas aventuras, depara-se com uma porta fechada, a qual descobriu que aparentemente não levava a lugar algum. Pode-se afirmar que nesse momento há a presença do insólito? Comente.
12. É possível observar um diálogo entre os contos lidos de Lygia Fagundes Telles e a obra Coraline quando pensamos na temática do fantástico e suas características? Desenvolva a ideia.
13. A obra Coraline nos traz algumas reflexões. Explique como ela pode fazer a diferença em sua vida, e o que realmente ela lhe ensinou?

## IX – AVALIAÇÃO

A avaliação deverá ser contínua e englobará a realização de todas as atividades desenvolvidas no decorrer das etapas pertencentes à sequência expandida (discussões, produções escritas e orais, exercícios, trabalhos, participação na aula, leitura das obras, dentre outras).

Cabe ressaltar que o professor deverá elaborar um cronograma das atividades que serão aplicadas, como também uma lista nominal para ir anotando a participação individual de cada aluno, ainda que algumas fases sejam executadas em grupo. A participação efetiva do aprendiz se reverterá em atribuição de notas parciais. Reforça-se ainda que todo processo avaliativo deverá ser informado à turma, para que não haja dúvida quanto à participação, e o que compromete a falta dela.

Após terminar a implementação da Sequência Didática, recomenda-se que seja aplicado à turma um questionário, a fim de o docente ter um *feedback* de cada aluno sobre todo processo desenvolvido ao longo dos passos. Como sugestão, seguem as perguntas abaixo.





## XI – QUESTIONÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ turma: \_\_\_\_\_

*Sequência Didática Expandida: Um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles*

### Questionário

1 – Após conhecer Lygia Fagundes Telles, mencione uma característica que mais chamou sua atenção na escritora?

2 – Os contos lidos na **Sequência Didática Expandida: um percurso pontilhado pelos contos de Lygia Fagundes Telles** foram?

(a) Interessantes, pois prenderam minha atenção.

(b) Envolventes, pois despertaram vários sentimentos, como surpresa, indignação, medo, hesitação, entre outros.

(c) Enfadonhos, pois as leituras e as temáticas abordadas foram cansativas.

3 – Com as discussões permeadas por vídeos, imagens, músicas, leituras extras e dinâmicas realizadas na etapa *Intervalo de leitura* o que foi possível compreender sobre os contos lidos? Explique.

4 – Para concluir as Etapas *Intervalo de Leitura, I e II Interpretação e Expansão* foram propostas atividades individuais e em grupo, desenvolvidas de forma manual e por meio das ferramentas tecnológicas. Em sua opinião, essas práticas tornaram as leituras dos contos mais significativas, permitindo um maior entendimento? Discorra.

5 – Faça um breve comentário sobre como foi a sua experiência no desenvolvimento de todas as etapas da Sequência Didática, destacando os pontos positivos e negativos.

*Cordialmente!*

## REFERÊNCIAS

BEDIN, Fernando. **Quantas personalidades o Incrível Hulk possui? 2014**. Disponível em: <https://radiacaogama.blogspot.com/2014/02/quantas-personalidades-o-incrivel-hulk.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BESSIÈRE, Irene **Le récit fantastique. La poétique de l'incertain**, Paris: Larousse Université, 1974. p. 32.

BITENCOURT, Edivaldo. **Em artigo, filosofo fala sobre os ratos que ocupam a política e impõem sacrifício ao povo**. Disponível em: <https://ojacare.com.br/2021/05/29/em-artigo-filosofo-fala-sobre-os-ratos-que-ocupam-a-politica-e-impoem-sacrificio-ao-povo/#.Yif4WNXMK1s>. Acesso em: 15 maio 2022.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 10 ago. 2022.

CASOS DE CORDEL. **A Emparedada da rua nova/Malassombros do Recife Velho**. Youtube. 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5Ph6HshO2A>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CÁSSIA, Eller - **Por enquanto**. [S.]: Maufr, 2010. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Nrt58bAXIM>. Acesso em: 5 mar. 2023.

CARMO, Gildo Oliveira. **Previsão do Ravengar**. Novela Que rei sou eu? Youtube. 25 mai. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/OE7LSIHin-4?si=ReZtjZrDGxUWG7io>. Acesso em: 30 abri. 2022.

CAZUZA. **Especial 'Uma prova de amor'**. Youtube. 11 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Nriw77gqctg?si=Zsl48Tgvw6q3EbUo>. Acesso em: 10 abr. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORALINE e o mundo encantado. Direção de Henry Selick. Estados Unidos: Laika, 2009. (1h40 min)

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020.

EL KADRI, A. et al. Propostas com o uso do gênero digital Meme: produzindo sequência didática para o ensino de línguas e para a formação continuada de professores. **Revista do Programa de Pós-graduação em Ensino** – Universidade Estadual do Norte do Paraná. Cornélio Procópio, v. 1, n. 2, p. 72-94, 2017. Disponível em: <http://www.seer.uenp.edu.br/index.php/reppe/article/view/1140/621>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ELLIS, Dado. Casa mal-assombrada feita com mais de 110 mil blocos LEGO. 2011. Disponível em: <https://blogdebrinquedo.com.br/2011/10/casa-mal-assombrada-feita-com-mais-de-110-mil-blocos-lego/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

EUROPE, Life for all. **Transformação da borboleta**. Youtube, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wzj75KmLJBc>. Acesso em: 12 maio 2022.

GAIMAN, Neil. **Coraline**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2002.

GAUTIER, Teóphile. **A cafeteria**. 1831. Disponível em: <https://nefasto.com.br/a-cafeteria-theophile-gautier/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

JEKYLL & HYDE. **O médico e o monstro** - Completo. [S.l.]: Jaffer, 2017. P&B. Disponível em: <https://youtu.be/Dd0vLzdTiBc?si=ecSk8o741WbPF09Q>. Acesso em: 25 jul. 2022.

JONAS, Emerson. **A transformação do Hulk/Os Vingadores (2012)**. Youtube, 26 dez. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C\\_R6jcyXmRc](https://www.youtube.com/watch?v=C_R6jcyXmRc). Acesso em: 8 maio 2022.

LER ANTES DE MORRER. **A Emparedada da rua nova**. Youtube, 12 ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DGwKVZo4e0Q&t=24s>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LER ANTES DE MORRER. **O médico e o monstro**. Youtube, 18 set. 2020. Disponível em: [https://youtu.be/s\\_DJ-oqQ1\\_k?si=RiWQw7U7U\\_3nySvQ](https://youtu.be/s_DJ-oqQ1_k?si=RiWQw7U7U_3nySvQ). Acesso em: 10 jul. 2022.

LILA. **Charge ano do rato**. Disponível em: <https://patrialatina.com.br/no-brasil-e-assim-vira-o-anus-e-merda-continua-na-politica/charge-ano-do-rato-2/>. Acesso em: 15 maio 2022.

MAGRITTE, René. **Os amantes II: O amor a visão surrealista de René Magritte**. 2020. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/os-amantes-o-amor-na-visao-surrealista-de-rene-magritte/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MARCELLO, Carolina. **4 contos fantásticos para entender o gênero textual**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/contos-fantasticos-entender-genero-textual/#anchor-agosto>. Acesso em: 24 maio 2022.

MARQUES, Edson. **Mude, mas comece**. Tv Cultura. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2hk9jtL7WA>. Acesso em: 20 maio 2022.

MOURA, Helder. **Gilvan Freire comenta sobre a ratonagem e a ratocracia com o dinheiro público no Brasil**. Disponível em: <https://heldermoura.com.br/gilvan-freire-comenta-sobre-a-ratonagem-e-a-ratocracia-com-o-dinheiro-publico-no-brasil/>. Acesso em: 15 maio 2022.

NASCIMENTO, Milton. **Travessia**. São Paulo: Som Livre, 1967. MPB, Bossa Nova. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neuza Terezinha. **Gramática: teoria e exercícios**. São Paulo: FTD, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POR QUE A PERSONALIDADE das pessoas muda (muitas vezes para pior) nas redes sociais? BBC News, São Paulo, 10 mai. 2018. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/por-que-a-personalidade-das-pessoas-muda-muitas-vezes-para-pior-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

ROCHA, Ruth. **Poema "Quem tem medo de que?"**. Blogosfobia, 2012. Disponível em: <http://blogosfobia.blogspot.com/2012/11/poema-quem-tem-medo-de-que-ruth-rocha.html>. Acesso: 20 abr. 2022.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Presença, 1984. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9076>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Dispersos & inéditos: estudos sobre Lygia Fagundes Telles**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Tradução de Felipe Castilho e Enéias Tavares. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/andre/Downloads/1\\_5136719248940335323%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/1_5136719248940335323%20(1).pdf)

TELLES, Lygia Fagundes. **Noite escura e mais eu. Contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

TELLES, Lygia Fagundes Telles. **Invenção e memória**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr do sol e outros contos**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TELLES, Lygia Fagundes. **Histórias de mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. **O escritor por ele mesmo**. Instituto Moreira Salles. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5IFvRw&t=11s>. Acesso em: 20 mar. 2022

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. Posfácio Walnice Nogueira Galvão. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TITAN JUNIOR, Samuel. **O barril de Amontillado**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod\\_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5687512/mod_resource/content/1/02%20Poe.%20O%20barril%20de%20Amontillado.pdf). Acesso em 25 jul. 2022.

VEIGA, José J. Uma viagem luminosa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 jan. 1996. Índice Geral. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/14/mais!/9.html>. Acesso em: 18 de jun. 2022.

VILLENUEVE1, Gabrielle-Suzanne Barbot de. **A Bela e a Fera**. 1740. Disponível em: <https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html><https://historiasinfantilparacrianças.blogspot.com/2011/02/bela-e-fera.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

YUGE, Claudio. **18 personagens da DC e da Marvel que são quase a mesma coisa. 2019**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/quadrinhos/18-personagens-da-dc-e-da-marvel-que-sao-quase-a-mesma-coisa-153857/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.